



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS -
LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA - PPGL

**CONSTRUÇÃO DO LÉXICO ANTROPONÍMICO BRASILEIRO: A
CONTRIBUIÇÃO ITALIANA NO PERÍODO DA GRANDE IMIGRAÇÃO (1880-
1940).**

VICTORIA REGINA ITALIANO ALVES

Brasília - DF
2024

VICTORIA REGINA ITALIANO ALVES

**CONSTRUÇÃO DO LÉXICO ANTROPONÍMICO BRASILEIRO: A
CONTRIBUIÇÃO ITALIANA NO PERÍODO DA GRANDE IMIGRAÇÃO (1880-
1940).**

Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Juliana Soledade

Brasília - DF

2024

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E CATALOGAÇÃO

II88cc Italiano Alves, Victoria Regina
CONSTRUÇÃO DO LÉXICO ANTROPONÍMICO BRASILEIRO: A
CONTRIBUIÇÃO ITALIANA NO PERÍODO DA GRANDE IMIGRAÇÃO
(1880-1940). / Victoria Regina Italiano Alves; orientador
Juliana Soledade. Brasília, 2025.
106 p.

Dissertação(Mestrado em Linguística) Universidade de
Brasília, 2025.

1. Linguística. 2. Onomástica. 3. Antroponímia. 4.
Léxico. 5. Imigração italiana. I. Soledade, Juliana, orient.
II. Título.

BANCA EXAMINADORA

Nome: Juliana Soledade Barbosa Coelho (UFBA/UnB - orientador)

Nome: Marcus Vinícius Lunguinho (UnB)

Nome: Eduardo Tadeu Amaral (UFMG)

Nome: Natival Almeida Simões Neto (UFBA - suplente)

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação de mestrado a todos os alunos da periferia estudando em grandes universidades, todos que vieram de famílias trabalhadoras e que, talvez, sejam os primeiros a ter um diploma de nível superior ou a conquistar a universidade pública, aqueles que ficam três horas, ou até mais, no transporte público todo dia, que dormem no ônibus, ou em pé no metrô. Este trabalho é para todos aqueles que sentem o preço dos seus sonhos pesar como cansaço massacrante nos ossos e na mente e, por vezes, vazar pelos olhos em frustração e autodúvida, mas não desistem mesmo assim. Se eu cheguei, todos nós podemos chegar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à dona **Olívia Italiano** por ser a melhor mãe que uma pessoa maluca como eu poderia ter e por ter me apoiado toda vida, nutrindo, como fosse necessário, a cada um dos meus sonhos. Tudo que eu sou – e tudo que ainda vou ser – é graças à senhora, cada conquista da minha vida foi movida pelo seu amor sem limites.

Agradeço a **Juliana Soledade** por ter sido uma mãe acadêmica, me provendo com todo afeto e apoio que sei serem escassos na academia. Sinto-me privilegiada de ter sido orientada por você, obrigada por ter feito essa jornada muito menos pesada e tóxica do que eu sei que poderia ter sido, você é mais que uma educadora e cientista, é um exemplo de ser humano dos mais elevados.

Agradeço a **Marcus Lunguinho** por ser uma inspiração na busca de conhecimento e por toda paciência com as perturbações no Whatsapp. Quando eu crescer, quero ser pelo menos um terço do professor que você é.

Agradeço a **Diêgo Maciel** por todo carinho e por ter sido como um irmão mais velho durante todo o processo do mestrado, além de conselheiro e companheiro de trabalho.

Agradeço a **Marina Félix** e **Mateus Alves** por terem caminhado comigo esse árduo trajeto que é a pós-graduação.

Agradeço a **Matheus Mendes** por ser o meu porto-seguro em cada uma das tempestades pelas quais eu passei para concluir este trabalho. Sem seus infinitos aconchego e calma, eu não sei se teria conseguido. Obrigada por ser o amor da minha vida, meu melhor amigo também e dizer para todo mundo que sua mulher é “doutora em letras” mesmo antes de eu concluir o mestrado. Seu apoio significa tudo!

E, por fim, agradeço a seu **Antônio** e a seu **Pedro Italiano** por terem me dado a genética de resiliência – também conhecida como teimosia pura – que me permitiu chegar até aqui.

EPÍGRAFE

*Só o teu nome é o que importa. Todos
os outros são erros. Tu tens a chave
da porta dos sonhos e pesadelos.*

Ariano Suassuna

RESUMO

O léxico, de maneira geral, é uma entidade em constante construção dentro das línguas humanas, ele se adapta e absorve novas palavras a cada contato cultural, aumentando em tamanho e possibilidades com frequência constante. O léxico antroponímico, embora mais específico, não é diferente. A partir do final do século XIX, todo contexto pré- e pós-abolição da escravidão desencadeou uma onda de influxo migratório no Brasil, conhecida como a Grande Imigração. A língua e os nomes trazidos por esses imigrantes, em especial os italianos, tiveram grande impacto na construção do idioma e da tradição antroponímica brasileira da época, reverberando até os dias atuais. Inserindo-se no campo de estudos linguísticos da onomástica, o presente trabalho tem a intenção de estudar e entender o impacto do elemento italiano na formação do léxico antroponímico brasileiro, isto é, como os nomes de pessoa italianos foram recebidos, absorvidos ou eliminados do conjunto de prenomes em uso no Brasil. Para tanto foram consultados documentos históricos como uma lista de bordo (oriunda do Museu da Imigração de São Paulo, de onde 275 nomes foram recuperados, resultando em 1.045 ocorrências) e passaportes (consultados através do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, de onde extraímos 269 nomes que geraram 1.377 ocorrências), de modo a coletar os prenomes desses imigrantes e compilá-los, considerando o corpus resultante – 397 nomes e 2.422 ocorrências no total – como uma amostra ilustrativa de parte dos incontáveis processos de formação do léxico antroponímico brasileiro, traçando, desse modo, uma linha que conecta imigração e antroponímia à realidade linguística do Brasil tal como ela se apresenta hoje.

Palavras-chave: léxico; onomástica; antroponímia; Itália; Brasil; imigração.

ABSTRACT

(ENGLISH)

Lexicon, in general, is a constantly evolving entity within human languages. It adapts and absorbs new words with each cultural contact, constantly increasing in size and possibilities. The anthroponymic lexicon, though more specific, is no different. Beginning in the late 19th century, the entire pre- and post-abolition of slavery context triggered a wave of migratory influx into Brazil, known as the Great Immigration. The language and names brought by these immigrants, especially the Italians, had a significant impact on the development of the Brazilian language and anthroponymic tradition at the time, reverberating to the present day. Following the field of linguistic studies in onomastics, this work aims to study and understand the impact of the Italian element on the formation of Brazilian anthroponymic lexicon—that is, how Italian personal names were received, absorbed, or eliminated from the set of given names used in Brazil. To this end, historical documents were consulted, such as a shipboard list (archived at the São Paulo Immigration Museum, from which 275 names were recovered, resulting in 1,045 occurrences) and passports (accessed through the Public Archives of the State of Espírito Santo, from which we extracted 269 names that generated 1,377 occurrences), in order to collect the first names of these immigrants and compile them, considering the resulting corpus – 397 names and 2,422 occurrences in total – as an illustrative sample of part of the countless processes of formation of the Brazilian anthroponymic lexicon, thus drawing a line that connects immigration and anthroponymy to the linguistic reality of Brazil as it presents itself today.

Key words: lexicon; onomastics; anthroponymy; Italy; Brazil; immigration.

RIASSUNTO

(ITALIANO)

Il lessico, in generale, è un'entità in continua evoluzione all'interno delle lingue umane, si adatta e assorbe nuove parole a ogni contatto culturale, aumentando costantemente in termini di dimensioni e possibilità. Il lessico antroponimico, sebbene più specifico, non fa eccezione. Dalla fine del XIX secolo in poi, l'intero contesto pre e post abolizione della schiavitù innescò un'ondata di flussi migratori in Brasile, nota come la Grande Immigrazione. La lingua e i nomi portati da questi immigrati, in particolare quelli italiani, ebbero un impatto significativo sullo sviluppo della lingua brasiliana e della tradizione antroponimica dell'epoca, con ripercussioni fino ai giorni nostri. Nell'ambito degli studi linguistici sull'onomastica, questo lavoro si propone di studiare e comprendere l'impatto dell'elemento italiano sulla formazione del lessico antroponimico brasiliano, ovvero come i nomi di persona italiani furono ricevuti, assorbiti o eliminati dall'insieme dei nomi propri in uso in Brasile. A tal fine, sono stati consultati documenti storici, come un elenco di bordo (del Museo dell'Immigrazione di San Paolo, da cui sono stati recuperati 275 nomi, che hanno generato 1.045 occorrenze) e passaporti (consultati attraverso l'Archivio Pubblico dello Stato di Espírito Santo, da cui abbiamo estratto 269 nomi che hanno generato 1.377 occorrenze), al fine di raccogliere i nomi di battesimo di questi immigrati e compilarli, considerando il corpus risultante – 397 nomi e 2.422 occorrenze in totale – come un campione illustrativo di una parte degli innumerevoli processi di formazione del lessico antroponimico brasiliano, tracciando così una linea che collega l'immigrazione e l'antroponimia alla realtà linguistica del Brasile così come si presenta oggi.

Parole chiave: lessico; onomastica; antroponimia; Italia; Brasile; immigrazione.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– diagrama de prototipicidade categorial	10
Figura 2 - representação sígnica de "mesa" x "Bruno"	12
Figura 3 – contínuo de cristalização antroponímica	19
Figura 4 – contínuo de cristalização antroponímica de “Vitória”	20
Figura 5 – nome de velho.	35
Figura 6 – índice social de nomes (ISN)	37
Figura 7 - passaporte de Pietro Antonio Borsato,1891.....	45
Figura 8 – lista de bordo do Vapor Sempione, 1897	52
Figura 9 – religião na lista de bordo	59
Figura 10 – acesso ao acervo digital do Arquivo Público do ES	68
Figura 11 – Projeto imigrantes	69
Figura 12 – lista de passaportes, letra A.	69
Figura 13 – passaporte de Da Ros Antonio di Stefano.....	70
Figura 14 – passaporte de Dalle Crode Giovanni fu Giuseppe	71
Figura 15 – Enzo.....	89
Figura 16 – Valentina	89
Figura 17 – Reinaldo	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – exemplo das entradas	6
Tabela 2 – prototipicidade de “ave”.	9
Tabela 3 – tipologia dos antropônimos, conforme Souza (2023).....	46
Tabela 4 – dados da lista de bordo do Sempione	60
Tabela 5 – dados dos passaportes do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.....	72
Tabela 6 – tabela comparativa com dados do IBGE	78
Tabela 7 – distribuição dos formativos Ju- e Gio-/Giu-	95

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. METODOLOGIA	4
3. Referencial teórico	8
3.1 Substantivos próprios X substantivos comuns.....	8
3.2 Teoria dos protótipos	9
3.3 A perspectiva da semântica.....	13
3.4 Transparência e opacidade semântica.....	14
3.5 Esvaziamento semântico	17
4. CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO LÉXICO ANTROPONÍMICO BRASILEIRO.....	22
4.1 O elemento celta	22
4.2 O elemento grego	23
4.3 O elemento romano	24
4.4 O elemento germânico e o modelo bitemático	25
4.5 O elemento árabe	26
4.6 O elemento indígena	26
4.7 O apagamento do elemento africano	29
4.9 O elemento imigrante	30
4.10 A influência cultural francesa e norte-americana.....	31
4.11 O modelo biformático brasileiro	32
5. USO E PERCEPÇÃO SOCIAL DO ANTROPÔNIMO	34
6. A ANTROPONÍMIA PELO OLHAR DA LINGUÍSTICA COGNITIVA.....	39
7. TIPOLOGIA DOS ANTROPÔNIMOS	43
7.1 Quadro tiológico dos antropônimos	46
8. CONTEXTO HISTÓRICO DA GRANDE IMIGRAÇÃO	51

9. APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	57
9.1 Museu da imigração	57
9.2 Dados do vapor Sempione.....	59
9.3 Projeto imigrantes	67
9.4 Dados do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo	72
9.5 Dados comparados: imigração X IBGE	78
10. DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE NOMES ITALIANOS E BRASILEIROS.....	91
11. QUESTÕES DE GÊNERO NOS PRENOMES.....	93
12. NOMES ITALIANOS EM USO E DESUSO NO BRASIL	94
13. POSSÍVEIS TRAÇOS DE ITALIANIZAÇÃO	95
13.1 A questão da palatalização	95
14. CONSIDERAÇÕES FINAIS	97

1. INTRODUÇÃO

A palavra *onomástica* tem raízes no grego, vem de *onoma*, i.e., *nome*, podendo, então, ser definida como

a área de conhecimento que estuda os nomes próprios em geral, nas suas dimensões mais profundas (aspectos linguístico-etimológicos, antropológicos, sócio-históricos, geográficos...), examinando o processo de denominação em diferentes épocas e localidades por meio de suas duas grandes áreas de investigação: a Antroponímia, que estuda a origem de nomes próprios de pessoas, nomes individuais, parentais, sobrenomes, apelidos e alcunhas; e a Toponímia, que tem como objeto de estudo os nomes de lugares, os enunciados linguísticos que nomeiam e identificam espaços [...]” (Isquierdo. In: Amaral e Seide. 2020, p. 10)

Dentro de seus diversificados ângulos de investigação, a onomástica pode construir múltiplas vias de análise para os seus objetos de estudo (os nomes próprios). No que se refere aos nomes próprios de pessoa, os estudos também podem seguir por veredas variadas, dentre elas destacamos: a arguição do significado lexical dos nomes a partir de sua origem etimológica e a possibilidade de abordagens dentro de uma perspectiva sociolinguística, como, por exemplo, a apuração do percurso histórico dos antropônimos dentro de uma dada sociedade, em busca de compreender os possíveis sentidos do nome enquanto um fato social em interface linguística. Essa é a abordagem que se pretende explorar neste trabalho, ou seja, a intersecção histórica e linguística fabricada pelos prenomes enquanto não apenas palavras – constituintes da língua –, mas também como mecanismos de construção do eu – identificação social e étnica, filiação cultural e religiosa, entre outros.

Ao que indicam pesquisadores como Van Langendonck (2007), os nomes de pessoa são, provavelmente, categorias universais nas línguas. Todo ser humano, ao tornar-se membro de uma comunidade de fala, é habilitado a receber, ao nascer ou em algum momento futuro, uma palavra ou expressão que o identifique no meio da coletividade, um rótulo que o individualiza e que lega a ele (ou ela) um lugar de pertencimento – familiar e cultural. Justamente por possuir tamanha importância antropológica é que os antropônimos ensejam um campo de estudo e pesquisa individualizado, pois podem contribuir para que possamos conhecer a história de um povo, seus valores e crenças, suas influências linguísticas e culturais.

Nessa perspectiva, o presente trabalho busca entender a contribuição da cultura e idioma dos italianos na construção do léxico antroponímico brasileiro a partir de dados coletados de documentos históricos – passaportes e listas de bordo – do final do século

XIX e início do XX, momento histórico de vasto fluxo migratório de europeus no Brasil. Para tanto, empreendemos um estudo onomástico que considera aspectos linguísticos, históricos e sociais dos antropônimos. De maneira geral, embora os sobrenomes também estejam sob crivo da nossa análise, os prenomes são o foco primordial.

A Grande Imigração foi um período entre 1870 e 1920 – daí o recorte temporal da nossa pesquisa – em que houve um gigantesco influxo de imigrantes no Brasil. De maneira geral, esse fenômeno histórico foi causado, entre outras coisas, por uma suposta necessidade de substituir os trabalhadores escravizados em decorrência da proibição do tráfico negreiro e abolição da escravidão. Essa era uma “suposta necessidade” porque os escravizados eram mão de obra qualificada que poderia continuar ocupando esses postos, desde que eles recebessem libertação e salário para tanto, mas o que realmente havia por trás das medidas pró-imigrantes no Brasil era uma política estatal de branqueamento populacional que se daria através da assimilação e miscigenação de colonos europeus. Segundo Santos (2008, p. 6) “no Brasil, coexistiam teorias que adotavam uma seleção racial capaz de embranquecer a população, produzindo um tipo nacional pelas sucessivas miscigenações, com teses de que o futuro eugênico seria resultado também do aperfeiçoamento das políticas públicas de saúde e educação.”, dentre as leis da época – que analisaremos em capítulo específico sobre a contextualização histórica – fica clara a materialidade jurídica dessas políticas de branqueamento, uma vez que, o governo brasileiro prometia aos imigrantes, entre outras coisas, benesses como passagem totalmente custeada e a naturalização sem exigência de serviço militar a europeus, ao mesmo tempo que proibia – e até multava – comandantes de navios que trouxessem trabalhadores de Ásia e África.

Tendo explicado este contexto – de grande influxo migratório de europeus –, faz-se necessário também tratar do tipo de imigrante cujos antropônimos baseiam o cerne desta pesquisa, isto é, os italianos. Um dos maiores grupos em termos quantitativos, uma vez que, segundo o IBGE “entre 1870 e 1920, momento áureo do largo período denominado como da ‘grande imigração’, os italianos corresponderam a 42% do total dos imigrantes entrados no Brasil” (2007, p. 159). Os italianos tornaram-se, então, o imigrante ideal para fins de branqueamento populacional uma vez que falavam um idioma aparentado ao nosso – italiano e português são línguas latinas –, além de compartilharem valores como a fé cristã e, por tudo isso, apresentarem menores riscos de formação de

comunidades isoladas, em suma, além de trazerem o aspecto branco, os italianos também eram mais facilmente aculturáveis do que alemães, por exemplo.

De modo geral, o estudo dos antropônimos trazidos pelos italianos durante a Grande Imigração é de suma importância para o entendimento da construção do léxico antroponímico brasileiro, uma vez que sua aculturação somou dados ao conjunto de prenomes utilizados no Brasil, isto é, a penetração da antroponímia italiana no país enriqueceu e amplificou a brasileira tanto em termos tradicionais quanto em termos neológicos, uma vez que, em busca de imitar a pronúncia de nomes italianos, os brasileiros geraram uma série de neologismos que se manifestaram na grafia de nomes inovadores¹.

¹ Ver capítulo 13.1 A QUESTÃO DA PALATALIZAÇÃO.

2. METODOLOGIA

Este trabalho busca entender a contribuição da cultura e idioma dos italianos na antroponímia brasileira a partir de dados coletados de documentos históricos do final do século XIX e início do XX, período de grande influxo imigratório de europeus no Brasil.

A motivação para a escolha de recorte temporal (1880-1940) se dá pelos seguintes fatos: o fim da escravidão e do tráfico de pessoas para este fim (entre 1870 e 1890) levou o governo brasileiro a estimular a vinda de imigrantes para o país, objetivando uma substituição da mão de obra de escravizados pela de europeus que viviam crises econômicas em seus países de origem. Tal substituição era desnecessária do ponto de vista técnico e logístico, uma vez que os ex-escravizados possuíam conhecimento/experiência e poderiam continuar executando trabalhos, desde que passassem a ser remunerados para tal, mas a preferência pelos imigrantes era parte de um plano maior, isto é, uma política estatal de branqueamento populacional, evidenciada pelo médico João Baptista Lacerda, palestrante oficial do Estado brasileiro no Primeiro Congresso Universal das Raças (Londres, 1911), ao afirmar que “A população mista do Brasil deverá [...] ter, dentro de um século, um aspecto bem diferente do atual. **As correntes de imigração europeia**, que aumentam a cada dia e em maior grau o elemento branco desta população, terminarão, ao fim de certo tempo, por **sufocar os elementos dentro dos quais poderiam persistir ainda alguns traços do negro**” (p. 7, 1911, grifo nosso), essa fala, entre tantos outros trechos de leis da época – explorados em capítulo posterior – demonstra que a imigração de europeus no Brasil era enxergada como iniciativa de higiene étnica por parte do Estado, que buscava na miscigenação uma maneira de “sufocar os traços do negro”.

Além do contexto histórico, o recorte de tempo aqui escolhido também se justifica pelo fato de que o conjunto de informações do IBGE a respeito dos antropônimos em uso no Brasil data do censo de 2010, que considera a data de 1930 como ponto de referência inicial de seus dados, uma vez que os nascidos nessa década teriam por volta de 70/80 anos em 2010. Além disso, os dados de imigração decaem bastante na década de 1950, e os registros dos nomes apontam para um outro perfil populacional: o de brasileiros descendentes dos imigrantes que vieram “substituir” os escravizados.

O recorte específico da influência italiana (e não de outros imigrantes) se justifica porque, dentro do quadro mais amplo, o arquétipo do imigrante no país evoca a imagem

simbólica do italiano, justificadamente, já que, os italianos corresponderam a cerca de 42% do total de imigrantes entre os anos 1870 e 1920. João Flávio Bertonha atesta esse processo com as seguintes palavras:

“No início desse relacionamento, o governo brasileiro tomava mais regularmente as iniciativas, sempre em busca de mercados e trabalhadores que mantivessem funcionando a grande estrutura econômica do país no período, ou seja, a lavoura do café” (1997, p. 107).

O foco nas comunidades italianas tem por objetivo recuperar e reconstituir – na medida do possível – as interações que se deram no campo da linguagem, tendo em vista o histórico dos nomes que chegaram, dos que ficaram e dos que foram recuperados no século XXI, considerando que os processos de aculturação não seriam tão violentos no caso dos italianos, posto que há proximidades entre Brasil e Itália, principalmente nas facetas linguística – português e italiano descendem do latim – e cultural, sobretudo no que tange à religião.

Apresentado o contexto geral e passando ao levantamento de dados de pesquisa, para a construção do *corpus* aqui utilizado, foi analisada uma lista de bordo de barco vindo especificamente da Itália – o vapor Sempione que saiu da cidade de Gênova, em 1897 –, além de passaportes emitidos pelo mesmo país entre o final do século XIX e começo do XX. Para garantir qualidade e diversidade do registro, os dados foram extraídos de fontes diferentes, isto é, o Museu da Imigração do Estado de São Paulo e o Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, sendo São Paulo e Espírito Santo dois estados muito relevantes e destacados como portos de entrada de imigrantes.

A pesquisa aqui empreendida tem caráter qualitativo, pois, mesmo que o volume de ocorrências totais de nomes possa ser considerado relativamente grande, a análise não dependa diretamente da quantidade de nomes, mas sim do impacto (popularidade e permanência) que eles tiveram – e continuam a ter – na constituição do léxico antroponímico brasileiro.

Embora os sobrenomes sejam comumente associados a demarcação de filiação de uma dada tradição ou língua no contexto da imigração, os nomes de família não foram coletados nesta pesquisa, apenas prenomes, entendendo que nesse tipo de antroponímico também é possível encontrar vestígios de contatos linguísticos e culturais.

O procedimento de coleta foi manual – leitura das listas/passaportes e fichamento das informações em tabelas de excel. Na estrutura das tabelas, cada prenome corresponde a uma entrada antroponímica com um número x de ocorrências nos documentos históricos examinados, exemplificando: o prenome *Antônio* seria uma entrada antroponímica com, digamos, vinte e oito (28) ocorrências em um documento e quinze (15) em outro, isto é, este prenome em específico teria uma única entrada cuja frequência de aparecimento seria quarenta e três vezes (43) nas fontes documentais. Ao final do fichamento de cada documento, as ocorrências foram somadas, o resultado da soma corresponde ao número total de ocorrências de todos os prenomes, como ilustra o modelo abaixo:

Tabela 1– exemplo das entradas

Entradas	Lista de bordo	Passaportes
Antonio	28	15
Total = 43		

Fonte: elaborado pela autora.

De São Paulo, foi analisada a lista de bordo do Vapor *Sempione*, saído de Gênova em direção ao Porto de Santos, em setembro de 1897, da qual foi possível extrair duzentos e setenta e cinco (275) nomes que resultaram em mil e quarenta e cinco (1.045) ocorrências totais. Do Espírito Santo, foram analisados passaportes emitidos pelo Reino da Itália entre o final do século XIX e começo do XX. Nessa base informacional, foi possível extrair dados de duas maneiras: em primeiro lugar, a lista nominal – digitada em ordem alfabética dos sobrenomes – que contém os nomes dos imigrantes para quem os passaportes foram emitidos. Em segundo lugar, os próprios passaportes – digitalizados – disponíveis em *hiperlinks* associados a cada um dos nomes da lista supracitada, cada um desses documentos pode conter até dez imigrantes, visto que eles eram emitidos em nome dos chefes de família e não individualmente, de modo que foi possível recuperar 269 nomes em 1.377 ocorrências.

No total, juntando números das duas bases de dados, o levantamento chegou a trezentas e noventa sete (397) entradas – prenomes – distribuídas em duas mil quatrocentas e vinte e duas (2.422) ocorrências, o número de entradas não é igual ao somatório das bases de dados (275 de São Paulo + 269 do Espírito Santo = 544 total)

porque muitos prenomes coletados existem nas duas fontes, de modo que não configurariam uma nova entrada, mas sim a mesma (o mesmo prenome) ocorrendo mais vezes.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 SUBSTANTIVOS PRÓPRIOS X SUBSTANTIVOS COMUNS

Partindo da classificação dada pela gramática tradicional, podemos separar os nomes de uma língua em uma dicotomia importante (embora existam outras), isto é, substantivos comuns *versus* substantivos próprios. Bechara (2015) discrimina-os da seguinte maneira:

Dividem-se os substantivos em próprios e comuns, divisão que pertence a planos diferentes. SUBSTANTIVO PRÓPRIO é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente. [...] o substantivo próprio se aplica a esse objeto ou a esse conjunto de objetos, considerando-os indivíduos. [...] Por isso cada João, cada Isabel e cada Açores é uma pessoa ou ilha considerada como indivíduo inconfundível. (2015, p.119)

O substantivo comum é descrito como:

Aquele que se aplica a um ou mais objetos particulares que reúnem características inerentes a dada classe: homem, mesa, livro, cachorro, lua, sol, fevereiro, segunda-feira, papa. Os cinco últimos exemplos patenteiam que há substantivos comuns que são nomes individualizados, não como os nomes próprios, mas pelo contexto extralinguístico e pelo nosso saber que nos diz que, no contexto ‘natural’ nosso só há uma lua, um sol, um mês de fevereiro, [...] e, no contexto ‘cultural’ há apenas um papa. (Bechara, 2015, p. 120)

Já Cunha e Cintra (2016) postulam a distinção da seguinte maneira:

Os substantivos podem designar a totalidade dos seres de uma espécie (designação genérica) ou a um indivíduo de determinada espécie (designação específica). Quando se aplica a todos os seres de uma espécie ou uma abstração, o substantivo é chamado de comum. Quando se aplica a determinado indivíduo da espécie, o substantivo é próprio. (Cunha e Cintra, 2016, p. 192)

Luft (2009) afirma o seguinte: “Substantivos comuns – termo que se preferiu a apelativo – são aqueles que designam a espécie: *homem, mulher, rio, monte, pássaro*. Substantivos próprios são os substantivos que designam um indivíduo da espécie: *Antônio, Maria, Itacolomi, Mimoso*”.

Fica claro então, principalmente partindo da definição de substantivo comum dada por Bechara (2015), que a discriminação entre nomes próprios e comuns tem relação com o processo de *Categorização* tal como definido pela Linguística Cognitiva, isto é, o “processo através do qual agrupamos entidades semelhantes (objetos, lugares, pessoas etc.) em classes específicas” (Ferrari, 2011, p. 31). A necessidade de nomear o mundo ao redor é mediada, necessariamente, pela arquitetura cognitiva dos seres humanos, ao mesmo tempo em que é limitada pela memória, de modo que, constituindo um inventário de características comuns que classifiquem os objetos (e animais, lugares etc.), a

existência das categorias isenta nossa espécie de ter um nome específico para cada objeto individual.

3.2 TEORIA DOS PROTÓTIPOS

De modo geral, as entidades do mundo são classificadas em categorias prototípicas com limites não rígidos, o que significa dizer que cada categoria tem um conjunto de características, e os objetos que nela se enquadram podem possuir todas ou apenas algumas delas. Exemplificando, em relação *ave*, Ferrari (2011, p. 42) atribui o seguinte conjunto de características a esta categoria: 1. ter bico; 2. ter dois pés; 3. colocar ovos; 4. ter duas asas; 5. ter penas e 6. poder voar, de maneira que, comparando um sabiá, um avestruz e um pinguim, a autora compõe o seguinte quadro:

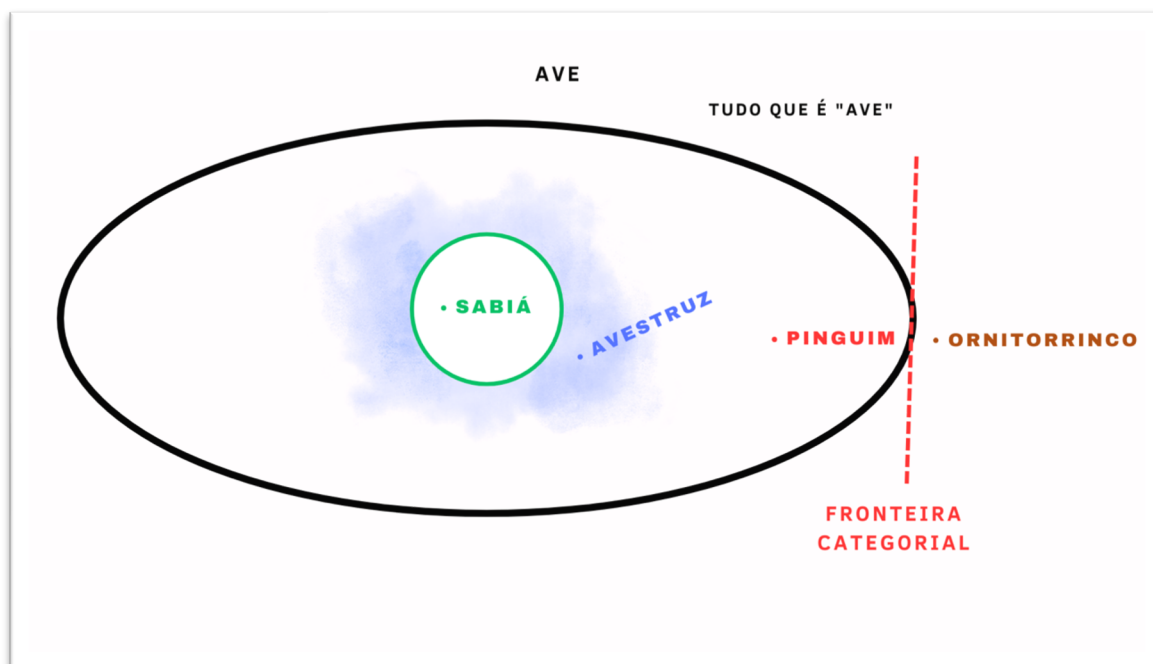
Tabela 2 – prototipicidade de “ave”.

Sabiá	Avestruz	Pinguim
Tem bico	Tem bico	Tem bico
Tem dois pés	Tem dois pés	Tem dois pés
Coloca ovos	Coloca ovos	Põe ovos
Tem duas asas	Tem duas asas	
Tem penas	Tem penas	
Pode voar		

Fonte: Ferrari, 2011, p. 42.

Por essa análise de conjuntura, um *sabiá* se encaixaria em mais características da categoria *ave*, já o *pinguim*, embora perceptualmente se encaixe em menos delas, não deixaria de ser uma *ave*. Em resumo, o *sabiá* é protótipo de ave, isto é, um representante completo e central da categoria, ao passo que *avestruz* é um membro intermediário e *pinguim* está na margem categorial, tal como exemplificado pelo diagrama onde se pode ver o *sabiá*, no centro da imagem, ao passo que *avestruz* se encontra na posição do meio e *pinguim* aparece na fronteira categorial:

Figura 1– diagrama de prototipicidade categorial



Fonte: elaborado pela autora com base em Ferrari, 2011, p. 42.

De modo geral, o círculo preto engloba todos os representantes de “ave”; já a parte azul representa as entidades que estão em uma região medial, possuindo muitos mas não todos os atributos dessa categoria; ao passo que o círculo verde contém membros centrais, ou seja, os entes que possuem todas as características da categoria e que, por isso, são protótipos; a linha pontilhada vermelha indica um limite categorial, isto é, onde a categoria acaba; a entidade ornitorrinco está fora do círculo, em oposição à linha pontilhada, para demonstrar que não é integrante de “ave”.

Agrupando as entidades do mundo dessa maneira – em categorias não rígidas organizadas por características – os seres humanos evitam a necessidade de criar um outro rótulo para classificar *pinguim*, por exemplo, o que representa uma economia vocabular e conceitual necessária que otimiza o uso cognitivo da memória.

Em termos de classes gramaticais – como nomes próprios e comuns –, as coisas funcionam, de maneira geral, da mesma forma, considerando, é claro, um grau de dificuldade um pouco maior devido à abstração exigida para se tratar de uma categoria intralinguística, portanto, uma entidade do mundo que não é papável como uma *ave*.

Seguindo esse fio condutor de pensamento, o substantivo comum nomeia *categorias gerais* – *carro*, *pessoa* – ao passo que o substantivo próprio nomeia o seguinte:

1. *classes específicas* – como *Hilux*, nome próprio que individualiza um modelo de carro, ou seja, *Hilux* denomina a categoria específica, esse modelo particular de automóvel, dentro da categoria geral que seria “carro”.

2. *indivíduos dentro das classes específicas* – como fazem os antropônimos, sendo esta última sua aplicação mais ressaltada e canônica.

No que se refere aos nomes próprios, Soledade (2021) afirma: “é evidente que a lexicologia tradicional delimitou um campo de estudos designado como onomástica porque compreendeu que havia um objeto observacional diferenciado”. Isso, contudo, não implica que não existam semelhanças entre ambas as categorias de substantivos.

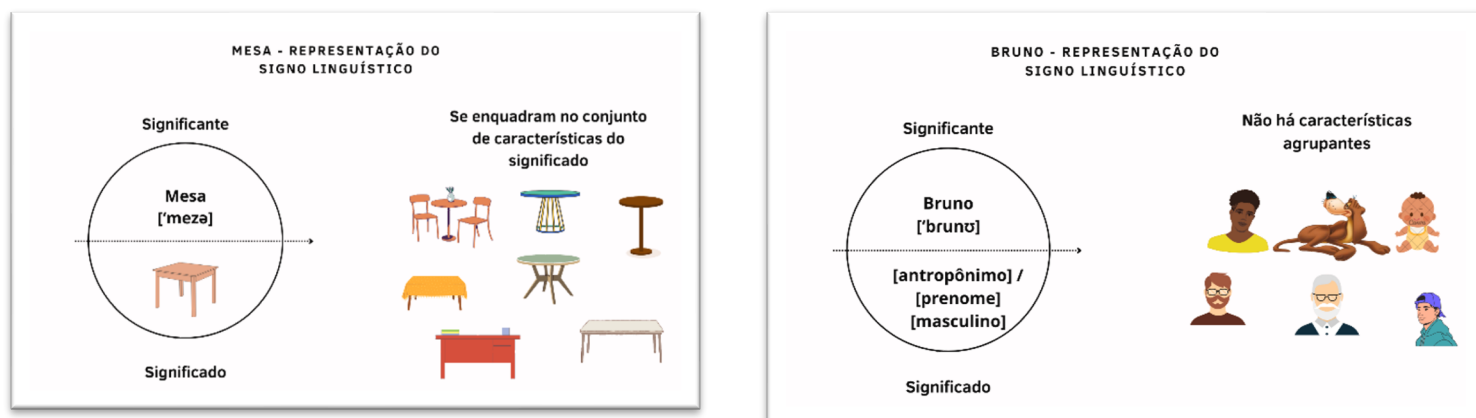
Via de regra, parece haver consenso de que os substantivos seriam, então, designadores ou de classes gerais (comuns) ou de classes específicas/indivíduos (próprios). Para o recorte deste trabalho interessam os substantivos próprios, mas não todos, apenas aqueles que designam pessoas, isto é, os antropônimos, e dentre estes, em específico os prenomes. Os demais antropônimos, como sobrenomes e apelidos, bem como outros nomes próprios, como os topônimos (nomes próprios de lugar), terão presença, porém reduzida e coadjuvante ao longo do texto.

Antropônimos são, portanto, nomes próprios de pessoas, isto é, vocábulos vinculados a indivíduos com intenção de identificá-los e individualizá-los no mundo. Os antropônimos apresentam diferenças de uso e processamento cognitivo suficientes em relação aos substantivos comuns para justificar sua separação epistemológica. Sobre o caráter de uso específico dos nomes próprios e seu *status* linguístico diferenciado, Kljajevic e Erramuzpe elucidam:

Como categoria linguística, os nomes próprios pertencem aos universais da linguagem. Ao contrário dos verbos, que nomeiam eventos e estados (De Almeida & Manouilidou, 2015), e ao contrário dos substantivos comuns, que denotam categorias de objetos, os nomes próprios referem-se a entidades únicas, como pessoas, animais, lugares, edifícios, marcas, línguas e moedas. Assim, os nomes próprios carecem de significado no sentido em que os substantivos comuns o têm. Em algumas línguas, eles também diferem na morfossintaxe e podem seguir regras sintáticas diferentes (Algeo, 1973; Longobardi, 2005; Van Langendonck, 2007). Dada a natureza peculiar dos nomes próprios, não é surpreendente que eles apareçam de forma diferente de outras classes semânticas na memória (Bartlett, 1932). (Kljajevic e Erramuzpe, 2018, p. 27, tradução nossa).

Os autores prosseguem na afirmação de que os nomes próprios são mais suscetíveis ao esquecimento do que os comuns, talvez pela natureza sêmica diferenciada dos nomes próprios, isto é, o nome comum carrega na face *significante* do signo linguístico uma imagem unívoca de um conceito que corresponde a um referente genérico no mundo, o nome comum *mesa*, por exemplo, evoca o significante/conceito – universal para todos os falantes de português – que é um objeto de mobília composto por uma superfície plana e pernas, cuja função é apoiar objetos, não obstante possam existir vários tipos de mesa, a depender de contextos sociais e de uso, a categoria prototípica básica sempre é recuperada, de modo que qualquer falante pode elencar as características definidoras e qualificar um objeto como mesa, o mesmo não ocorre com o nome próprio. Embora represente uma sequência de sons conhecida e reconhecida como palavra na língua, o nome próprio não evoca a imagem unívoca de um conceito genérico, não há conjunto de características que qualifiquem um referente universal do que viria a ser um *Bruno*, por exemplo. O diagrama abaixo ilustra como, no signo linguístico tradicional, a face do significado apresenta um conceito, uma imagem unívoca com características próprias que podem ser atribuídas a diferentes entidades do mundo real, fato que o diferencia do signo em uso prototipicamente antroponímico:

Figura 2 - representação sêmica de "mesa" x "Bruno"



Fonte: elaborado pela autora.

De modo geral, a face de significado no signo linguístico antroponímico não possui uma imagem unívoca cujas características possam agrupar os portadores do nome em uma classe, o antropônimo é uma sequência de sons reconhecida da língua que serve para individualizar entidades, sem significar, apenas articulando sentido, como pode ser

visto na figura 2, não há características típicas do que viria a ser um “Bruno”, ao contrário do que acontece com “mesa”.

3.3 A PERSPECTIVA DA SEMÂNTICA

A semântica, enquanto campo de estudos sobre a linguagem, elicita alguns conceitos que podem ajudar na diferenciação da natureza de nomes próprios e comuns, além de dar embasamento à discussão da presença ou ausência de significado dos nomes próprios, dentro desse contexto, é possível recorrer a Copi (1978) que afirma:

um termo geral como ‘planeta’ é aplicável igualmente no mesmo sentido a Mercúrio, Vênus, Terra, Marte etc. numa acepção perfeitamente aceitável, esses vários seres aos quais se aplica o termo ‘planeta’ são designados por uma única palavra, a coleção dos mesmos constitui o seu significado. Assim, se afirmo que todos os planetas têm órbitas elípticas, uma parte do que quero afirmar é que Marte tem uma órbita elíptica, outra parte é que Vênus tem uma órbita elíptica etc. Num certo sentido, o significado de um termo consiste na classe de objetos a que esse termo pode ser aplicado. Este sentido da palavra ‘significado’, o seu sentido referencial, tem recebido tradicionalmente o nome de significado *extensivo* ou *denotativo* (Copi, 1978, p. 119).

O significado referencial é extensivo pois é denominado de *extensão* o conjunto de objetos cujas características comuns permitem que um termo *x* seja aplicado para denotá-los, tal como se pode aplicar “planeta” a qualquer corpo celeste com órbita elíptica. Por outro lado “as propriedades possuídas por todos os objetos que cabem na extensão de um termo recebem o nome de *intensão* ou *conotação*” (Copi, 1978, p. 119). Em outras palavras, a *extensão* corresponde à lista (não exaustiva) de representantes de uma classe – *Mercúrio, Terra e Vênus* são representantes de *planeta* – e a *intensão* corresponde ao rol de características que permitem que esses representantes sejam identificados dentro de uma única palavra denotativa – para ser um planeta é necessário ser um corpo celeste que possui órbita elíptica, dentre outras coisas. De modo que se pode definir o nome próprio como uma palavra cuja intensão – conjunto de características – é parcialmente vazia, contendo apenas informações de natureza linguística (ex.: [prenome] e [gênero preferencial]), assim sendo, os representantes da classe gerada por um antropônimo não teriam, entre si, características em comum para além do fato de serem referenciados linguisticamente através de uma mesma palavra, isto é, o prenome. , Pensemos nisso através da seguinte comparação: se um planeta é todo ser/ente do universo conhecido que corresponde à intensão: *a.* corpo celeste; *b.* possuidor de órbita elíptica; *c.* que não emite luz própria; então uma *Maria* é o quê? Quais seriam as características inerentes exigidas de um representante da categoria *Maria*? O fato é que

essas características não existem, a intensão da palavra prototipicamente utilizada como prenome é apenas parcialmente preenchida, *Maria*, por exemplo teria um intensão caracterizada como: *a.* antropônimo e *b.* de gênero (preferencialmente) feminino. Portanto, a intensão desse prenome agrupa toda pessoa – e animal, marca comercial, livro etc. – chamada *Maria* só pelo fato de ser possuidora do nome, sem quaisquer semelhanças familiares (Wittgenstein, 1953, p. 51) entre os representantes da categoria, desse modo, respondendo às perguntas postuladas na comparação, uma Maria é qualquer pessoa (ou entidade no mundo) que seja designada por esse antropônimo e não existem características em comum entre estes representantes da classe além do próprio nome.

3.4 TRANSPARÊNCIA E OPACIDADE SEMÂNTICA

Apresentada a discussão de caráter científico e filosófico a respeito da natureza semântica dos antropônimos, é importante passar à sua faceta antropológica e social, isto é, a importância do nome de pessoa dentro das sociedades humanas. Em seu livro *Sapiens*, Harari (2011) apresenta uma hipótese para o nosso sucesso como espécie: “o *Homo sapiens* conquistou o mundo, acima de tudo, graças à sua linguagem única” (2011, p. 24). De modo geral, a capacidade de criar vínculos afetivos; o alto grau de refinamento para cooperação em larga escala que permitiu o desenvolvimento de comunidades (desde vilarejos até países); além da elaboração e transmissão de técnicas para tudo, desde a feitura de instrumentos de pedra até à análise de moléculas de DNA; só puderam ser alcançados por conta da capacidade comunicativa sem precedentes apresentada pelos humanos. Sobre o tema, Harari disserta:

o Homo sapiens é antes de mais nada um animal social. A cooperação social é essencial para a sobrevivência e a reprodução. Não é suficiente que homens e mulheres conheçam o paradeiro de leões e bisões. É muito mais importante para eles saber quem em seu bando odeia quem, quem está dormindo com quem, quem é honesto e quem é trapaceiro. [...] Em um bando de cinquenta indivíduos, há 1.225 relações de um para um, e incontáveis combinações sociais mais complexas. (Harari, 2011, p. 28)

Se, para a manutenção das comunidades humanas, é indispensável o conhecimento a respeito de *quem* está dormindo com *quem*, *quem* odeia *quem* e *quem* é trapaceiro ou não, torna-se imperativo também que os membros do grupo possam identificar esses “quens”, é justamente dessa necessidade que surge o valor social inestimável do antropônimo como parte integrante da língua, por isso mesmo, o nome próprio, até onde se sabe, está presente em todas as línguas do mundo, nas palavras de

Van Langendonck “É geralmente aceito entre linguistas e antropólogos (Hockett 1958; Brown 1991) que os nomes próprios são uma categoria linguística *universal*” (2007, p. 2, grifo nosso). Resumidamente, em todas as sociedades humanas conhecidas, as pessoas sempre têm nomes e os nomes das pessoas não surgem magicamente dentro da língua, pelo contrário, ao que indicam os estudos onomásticos, o léxico antroponímico vai emergindo do léxico comum à medida que as relações humanas – e consequentemente, suas necessidades linguístico-comunicativas – se desenvolvem.

Há uma estreita relação entre nomes próprios de pessoa e substantivos comuns, uma vez que, ao longo da história, antroponimos vão surgindo da especialização de uso de nomes comuns, isto é, alguns substantivos comuns, quando muito empregados em uso antroponímico, acabam cristalizando-se nessa função, por conta desse processo, surgem nomes cujo uso é essencialmente antroponímico – de maneira primordial e prototípica, mas não exclusivamente – e que possuem pouca transparência de significado devido ao fato de que sua respectiva cristalização ocorreu em períodos muito longínquos no tempo e, por vezes, em idiomas diferentes.

De maneira simples, os antroponimos semanticamente transparentes são aqueles cujo significado pode ser recuperado sincronicamente pelo falante, como *mel*, que pode tanto ser um prenome feminino quanto um alimento doce produzido por abelhas. Nessa mesma perspectiva, os prenomes semanticamente opacos são aqueles cujo significado não é recuperado pelo falante sincrônico, como *Matheus/Mateus*, por exemplo, que vem do hebraico antigo *Mattathiah*, onde significava ‘dom de deus’ (Machado, 1984, p. 961-962). Esse nome foi legado aos falantes brasileiros pela tradição antroponímica judaico-cristã – que também gerou *Matteo* (italiano) e *Matthew* (inglês) –, essa é uma palavra reconhecida por todos os falantes de língua portuguesa, mas, sem a consulta a um dicionário especializado, um brasileiro contemporâneo, por exemplo, dificilmente acessaria a informação ‘dom de deus’ do hebraico, embora possa apontar essa sequência fônica – [ma.‘te.us] – como parte do léxico de sua língua. Esse exemplo oferece base para compreensão do que entendemos como opacidade semântica, pois, não obstante exista um significado etimológico recuperável, ele não é de fácil acesso, dada a barreira do idioma e do tempo. Por sua vez, a transparência semântica pode ser definida como a propriedade que alguns prenomes possuem de evocar significado lexical e não apenas o expediente linguístico funcional de nomear pessoas, isso se dá sobretudo quando há um

uso do termo simultaneamente como item do léxico onomástico e como item do léxico comum (ex.: *vitória X Vitória*) .

Admite-se que, em sua origem, todo antropônimo tivesse uma motivação relacionada ao significado lexical de um dado substantivo comum – o que também implicaria que, *a priori*, todo antropônimo possuísse transparência semântica – esse é um fato ilustrado por práticas de nomeação de pessoas em diversas culturas, por exemplo, sobre o sistema antroponímico do povo indígena brasileiro Apinajé, Giralдин (2011) explica:

Os nomes pessoais são classificados em nomes bonitos (*hixi mex*) e nomes comuns (*hixi kaak*). O conjunto de nomes bonitos é limitado e foram aprendidos no passado com um menino-morcego. Os nomes comuns são derivações dos nomes bonitos, acrescentados de sufixos que indicam apelidos que foram atribuídos às pessoas que, ao longo do tempo, portaram aquele nome. (Giralдин, 2011, p. 225)

Exemplificando o que acontece entre os Apinajé, Giralдин traz o caso ilustrativo de uma mulher que portava o nome bonito *Amnhi* e tinha o hábito de andar com a cabeça “embrulhada” em um pano, passando, então, a ser chamada de *Amnhi krã kupu*, pois *krã* significa ‘cabeça’ e *kupu* ‘embrulhada’ (2011, p. 227). Práticas antroponímicas dos sul-coreanos também demonstram bem essa perspectiva, pois muitos nomes são escolhidos por seus significados auspiciosos através de leituras xamânicas (*saju*), segundo Giovana Pego (2023):

A palavra ‘saju’ significa ‘quatro pilares’, que são o ano, o mês, o dia e a hora de nascimento exatos de alguém. Cada pilar é formado por 2 caracteres, um que representa a terra e o outro, o céu. No total, são considerados 8 caracteres, cada um com uma energia *yin* e *yang* própria. Estão divididos de acordo com os 5 elementos — água, metal, madeira, terra e fogo. Acredita-se que o nome correto traz prosperidade e uma escolha inadequada pode dar azar, afetando desde a vida profissional aos relacionamentos amorosos e casamentos. Muitos pais, por exemplo, consultam xamãs e recorrem ao *saju* para escolher um nome para seu futuro bebê. Por isso, *muitos escolhem nomes com significados positivos a partir do que desejam para a vida da criança* (Pego, 2023 grifo nosso).

Há exemplos de celebridades sul-coreanas que alteraram seus nomes por conta de leituras de *saju*, como a cantora Eunji – *eun* ‘bondade’ e *ji* ‘sabedoria’² – do grupo de k-pop Apink que trocou seu nome para Hyerin – *hye* ‘sábio’ e *jin* ‘belo’³.

² Disponível em: [https://www.vistamegakids.com.br/blog/nomes-coreanos-femininos#:~:text=Eunji%20\(%EC%9D%80%EC%A7%80\)%3A%20%22bondade%20e,meninas%20na%20Coreia%20do%20Sul](https://www.vistamegakids.com.br/blog/nomes-coreanos-femininos#:~:text=Eunji%20(%EC%9D%80%EC%A7%80)%3A%20%22bondade%20e,meninas%20na%20Coreia%20do%20Sul). Acesso em: 26 mai. 2024

³ Disponível em: <https://www.wikiwand.com/pt/Hyerin>. Acesso em: 26 mai. 2024

Partindo desse referencial, de culturas com padrões antroponímicos transparentes, é possível falar até mesmo da realidade brasileira, pois, embora exista uma tendência, no ocidente, em que predominam os prenomes com menos transparência lexical, há nomes na língua portuguesa que são utilizados sincronicamente tanto como palavras do léxico comum quanto do antroponímico, *Rosa* representa um desses casos:

- a. A rosa é minha flor favorita.
- b. Minha sobrinha só usa rosa.
- c. A Rosa, filha da vizinha, vai se casar.

Em *a* e *b* o substantivo está em uso de léxico comum, denotando, respectivamente, uma flor e uma cor, ao passo que *c* demonstra seu uso antroponímico – é o nome da filha da vizinha. De fato, como antropônimo, *Rosa* é um nome muito popular, contanto com 307.184 registros na plataforma Nomes no Brasil (IBGE, 2010), mas há outros exemplos de prenomes semanticamente transparentes que também são substantivos comuns no português vernáculo contemporâneo como *Brisa* (1.916 pessoas), *Esmeralda* (19.846 pessoas), *Pérola* (3.870 pessoas), *Esperança* (1.808 pessoas), *Vitória* (369.004 pessoas), entre outros.

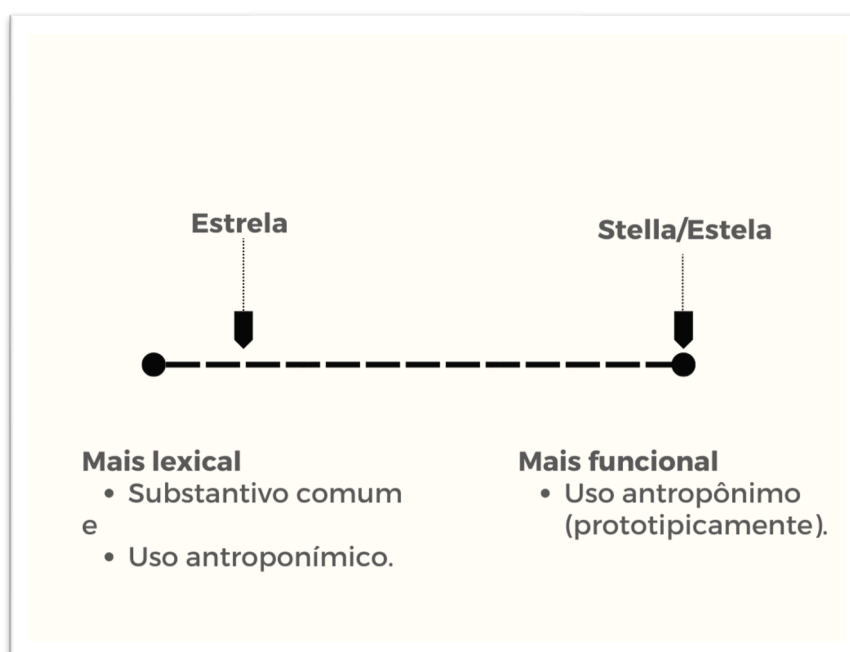
É importante destacar, contudo, que essa análise se aplica ao conjunto de antropônimos herdados e que constituem o léxico personativo dito tradicional, não sendo possível afirmar o mesmo para um conjunto de prenomes inovadores que tem suas motivações atreladas ao significante. Esse é o caso de alguns antropônimos que encontramos no português brasileiro, como os prenomes que são gerados partir de alterações ou combinações de outros prenomes, por exemplo (*Judiclei*, fruto do cruzamento vocabular de *Judith* e *Cleiton*; ou ainda *Edclei*, *Edleide*, *Edmar*, frutos da combinação entre o formativo ED- e os formativos *-clei*, *-leide* e *-mar*, retirados de outros antropônimos).

3.5 Esvaziamento Semântico

O antropônimo tradicional se constitui como tal através da cristalização de uso de nomes comuns, sendo que aqueles que se cristalizaram em outros tempos e idiomas chegam à contemporaneidade mais funcionais do que lexicais – não totalmente funcionais como a preposição *de*, apenas *mais* funcionais –, isto é, desempenham na língua papéis

mais de referência do que de significação (como o supracitado exemplo de *Matheus*). À medida que o nome próprio perde a evidente relação com o nome comum, vai ocorrendo também um esvaziamento semântico do lexema, agora em uso prioritariamente antroponímico, que passa a apenas referenciar um determinado indivíduo – o portador do antropônimo – em vez de significar. Um bom exemplo disso é *Stella* (e suas variantes gráficas *Estella*, *Estela*, entre outras), pois, tratando-se da palavra latina precursora do substantivo *estrela* em português, apresenta semelhanças fônicas suficientes para evocar parcialmente o conceito associado, em outras palavras, dentro de um contínuo de cristalização antroponímica, *Stella* (e suas variantes gráficas) se insere no extremo mais antroponímico e menos lexical, ao passo que *Estrela* se insere no polo mais lexical e menos antroponímico, nesse sentido, ambos os substantivos seriam passíveis de uso antroponímico no português brasileiro, mas apenas um deles teria uso lexical no português brasileiro contemporâneo. O diagrama abaixo busca ilustrar esse fato, ao demonstrar que existem nomes cujo uso é essencialmente (mas não categoricamente) antroponímico, de modo que sua percepção, por parte do falante, é mais funcional, ou seja, o papel linguístico mais relevante é o de articular a possibilidade de sentidos ao etiquetar um indivíduo específico – o portador do nome – e não significar, tal como os substantivos comuns fazem, isto é, dar nome a entidades genéricas que existem no mundo.

Figura 3 – contínuo de cristalização antroponímica



Fonte: elaborado pela autora.

De modo geral, *Estrela* é um lexema que se encontra no polo mais lexical porque, apesar de poder ser usada como antroponímico, é um substantivo comum da língua portuguesa, ao passo que *Stella* apresenta apenas o uso antroponímico, o que faz com que esse vocábulo seja mais funcional, uma vez que é utilizado pelo falante para articular a construção de sentidos ao se referir individualmente a cada portador do antroponímico. Segundo o IBGE, até a década de 2010, havia 6.066 *Stellas*, 8.248 *Stelas* e 38.943 *Estelas* no Brasil, comparadas com 532 *Estrelas*, o que não é surpreendente, dado o predomínio de escolha de nomes menos transparentes entre os brasileiros, de fato, essa palavra oriunda do latim sobrevive no português vernáculo em algumas expressões com baixa produtividade antroponímica como *Stella Maris* ‘estrela do mar’, mas que não obstante, figuram na toponímia, como nomes de estabelecimentos comerciais⁴, praias⁵, bairros⁶, entre outros, entretanto, a mesma expressão com a posição dos componentes invertida –

⁴ Colégio Stella Maris em Taguatinga, Distrito Federal.

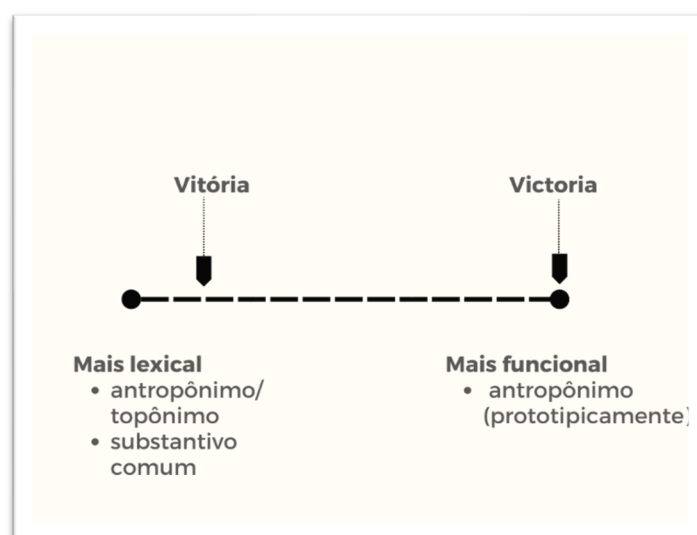
⁵ Salvador, Bahia.

⁶ Salvador, Bahia.

Maristella (e a variante *Maristela*, entre outras) – é muito produtiva como nome de pessoa, apresentando 45.433 ocorrências na plataforma Nomes no Brasil.

O vocábulo *Vitória* é outro bom exemplo, uma vez que é largamente utilizado como antropônimo ao mesmo tempo em que também é um substantivo (abstrato) comum em uso na língua corrente, havendo ainda a forma latina *Victoria* que, pela presença do -c-, é mais prototipicamente antroponímica, isto é, está no polo mais funcional/antroponímico do contínuo de cristalização. Segundo Machado (1984, p. 1483), *Vitoria* vem do latim *Victoria*, fazendo referência à deusa grega que personificava triunfo, êxito e sucesso; um conceito que atualmente, em língua portuguesa, é representado por esse mesmo substantivo (*vitória*); num contínuo de cristalização, a variante com -c- é mais cristalizada, pois possui uso primordialmente antroponímico, por vir de outro idioma – o latim – onde já era usada como antropônimo, com um recuo de datação do fenômeno de cristalização longínquo, além de não ser palavra em uso corrente no léxico comum, ao passo que a variante sem o -c- faz parte do léxico comum, antroponímico e toponímico, de modo que se encontra próxima do polo de caráter mais lexical.

Figura 4 – contínuo de cristalização antroponímica de “Vitória”



Fonte: elaborado pela autora.

Isto posto, fica patente a possibilidade de se falar de um contínuo de cristalização dos antropônimos, tal como ilustrado na figura acima, ou seja, palavras cujo uso é essencialmente antroponímico aproximam-se mais do polo funcional da linguagem, pois, embora possuam sentido – são palavras reconhecidas como integrantes da língua por parte do falante – não apresentam significado tal como os substantivos comuns, isto é, não estabelecem referência com entidades genéricas (concretas ou abstratas) existentes no mundo, em suma, as palavras cuja uso primordial na língua é a de nomear pessoas foram cristalizadas nessa função, de modo que foram, ao longo do tempo, ficando opacas em relação ao significado.

4. CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO LÉXICO ANTROPONÍMICO BRASILEIRO

O léxico onomástico é construído historicamente, uma vez que o contato entre povos e suas línguas geram empréstimos, hibridismos e apropriações, sejam esses contatos *in loco* ou através de influências culturais. O Brasil, por exemplo, herda de Portugal, por vias colonizatórias, portanto impositivas, toda uma tradição que já começava a se consolidar na Península Ibérica desde sua romanização, não podendo ser esquecida também a contribuição dada pelos invasores após a queda do império, como os germânicos e os árabes, bem como as contribuições das línguas europeias com as quais existia contato no período de formação do português europeu.

Com a chegada dos portugueses ao território americano, se inicia uma nova e particular história da antroponímia, a história brasileira, que contará não só com as contribuições do léxico antroponímico indígena, mas também com novas levas de influências europeias, sobretudo através dos imigrantes, além das fortes ondas de influências dos galicismos e anglicismos em diferentes momentos, fruto dos contatos culturais.

4.1 O ELEMENTO CELTA

Antes da constituição dos Estados-nação de Portugal e Espanha, a Península Ibérica era lar de variados povos, além dos lusitanos – que provavelmente eram de origem indo-europeia – havia gregos, fenícios, cartagineses, celtas e iberos. A romanização desse território foi tardia, o que, segundo Soledade, possibilitou “de um lado, uma maior sobrevida das línguas autóctones e, de outro, a difusão de um latim vulgar mais conservador” (2019, p. 414). Todos esses diferentes povos, línguas e sistemas onomásticos contribuíram, em menor ou maior grau, para a constituição da tradição antroponímica de Portugal – legada posteriormente ao Brasil.

Dentro dessa perspectiva, cabe citar a influência celta na formação da tradição antroponímica circunscrita ao português, influência que ocorre por proximidade geográfica, uma vez que estes povos são nativos da Europa, continente onde também se localiza Portugal. Embora, Wroblewski (2006) nos informe das dificuldades (etimológicas e conceituais) em torno da definição de quem seriam os povos celtas, adotaremos a perspectiva de Peter S. Wells que preconiza o seguinte:

As palavras ‘celta’ e ‘céltico’ podem significar muitas coisas diferentes. Nos campos da arqueologia e da história, ‘os celtas’ geralmente se referem aos povos pré-históricos da Idade do Ferro da Europa Continental e das Ilhas Britânicas. Mas o adjetivo ‘celta’ é mais frequentemente usado de uma maneira diferente, para designar tradições medievais, da modernidade recente e modernas, incluindo mitos, lendas, música e artesanato em metal e têxteis, especialmente na Irlanda, País de Gales e Escócia, mas também na Bretanha e em qualquer lugar onde estilos e práticas dessas regiões tenham sido transplantados. (Wells, 1998, p.814 tradução nossa)

Atualmente, o termo “celta” ainda é utilizado para tratar da cultura de países como Escócia e Irlanda. Como exemplo da contribuição celta, Soledade (2019, p. 416) cita o antropônimo *Viriato*, nome de um personagem da obra *Os Lusíadas*, de Camões, e nela retratado como um patriarca militar dos portugueses. Também de origem céltica, e relacionados à lenda do Távola Redonda, são dignos de nota: Artur, Morgana, Percival e Guinever (Soledade, 2019, p. 417). Sobre mais contribuições, cabe citar os prenomes:

de origem fenícia, ligados a personagens das chamadas Guerras Púnicas, travadas entre romanos e cartagineses: Anibal (8.491), Asdrúbal (284), Aderbal (3.695), Amílcar (1962). De origem basca temos Chavier (357)/Xavier (1800), ligado ao hagiônimo São Francisco Xavier, originário da cidade de Xavier (Xabier, em Basco), na província de Navarra na Espanha, território de ocupação basca. (Soledade, 2019, p. 417)

É importante, entretanto, ressaltar um aparente apagamento dos antropônimos pré-romanos, o que aponta o alto grau de dominação cultural do império e, consequentemente, do influxo da confluência linguística greco-latina, uma vez que o latim já carregava em si muitas influências do grego, sendo este último, inclusive, a segunda maior fonte de itens lexicais no português, perdendo apenas para o próprio latim.

4.2 O ELEMENTO GREGO

Em relação aos antropônimos, o português herda do grego nomes provenientes de três influências principais (Soledade, 2019, p. 418):

1) filósofos, escritores, pensadores e figuras históricas - a exemplo de *Alexandre*, *Aristóteles*, *Arquimedes*, *Demócrito*, *Diógenes*, *Euclides*, *Eurípedes*, *Leónidas*, *Platão*, *Pitágoras*, *Plutarco*, *Sócrates*, *Sófocles* e *Tales*;

2) nomes de personagens mitológicos - a exemplo de *Afroditê, Ártemis, Apolo, Atena, Ares, Dione, Dionísio, Hebe, Hélio, Hera, Hércules, Hermes, Héracles, Nêmesis, Nice, Perseu e Zeus*;

3) nomes de personagens literários - a exemplo de *Agamenon, Aquiles, Édipo, Electra, Enéias, Eurídice, Heitor, Helena, Ismênia, Laio, Laerte, Laércio, Jasão, Jocasta, Medeia, Menelau, Nestor, Penélope e Ulisses*.

4.3 O ELEMENTO ROMANO

O sistema romano, por sua vez, foi se firmando com base, entre outras coisas, na necessidade de individualizar pessoas dentro de um império cada vez maior e mais populoso. A solução foi um modelo tripartite, o *tria nomina* (três nomes), cujos componentes onomásticos formavam o que Soledade (2024, p. 95) denomina como *frase antroponímica*, isto é, o conjunto de nomes oficiais que compõem o nome completo, abarcando prenomes e sobrenomes. A frase antroponímica romana contava com um *praenomen*, um *gentillicum* e um *cognomen*, necessariamente nessa ordem (Soledade, 2019, p. 419). O primeiro elemento, *praenomen*, caracterizava-se como nome individual; em seguida, o *gentillicum*, unidade mais importante dentro da frase antroponímica, indicava a origem familiar do indivíduo, sua *GENS*, que correspondia “ao grupo consanguíneo originário de um antepassado comum” (Soledade, 2019, p. 419); por fim, o *cognomen*, identificava o “grupo familiar menor a que o indivíduo pertencia” (Soledade, 2019, p. 419), como em *Caius Iulius Caesar* e *Marcus Tullius Cicero*. Havia ainda possibilidade de inserção de um quarto elemento, o *agnomen*, que funcionava como um apelido, por vezes negativo, indicativo de alguma característica distintiva do indivíduo, fosse ela um hábito, um feito ou uma particularidade física, como exemplo, Soledade (2019) cita *Publius Cornelius Scipio Africanus* (*Públio Cornélio Cipião Africano*) que, segundo a autora, “recebe esse *agnomen* por ter derrotado Aníbal nas Guerras Púnicas” (p. 447). É interessante ressaltar que todos os elementos da frase antroponímica romana entram na tradição do português como prenomes: *Caius* > *Caio*;

Iulius > *Júlio*; *Caesar* > *César*; *Marcus*⁷ > *Marcos/Marco*; *Tullius* > *Túlio*; *Cicero*⁸ > *Cícero*; *Cornelius* > *Cornélio*.

4.4 O ELEMENTO GERMÂNICO E O MODELO BITEMÁTICO

Também é digna de nota a contribuição germânica, uma vez que, entre outros aspectos históricos importantes, as invasões bárbaras foram uma das causas da queda de Roma, legando traços culturais desses conquistadores às pessoas anteriormente submetidas ao poder do Império latino. Esses povos dominaram vários territórios do ocidente antes pertencentes ao império romano, deixando também marcas na língua, e na tradição antroponímica, posteriormente legadas a Portugal e, por conseguinte, ao Brasil. Segundo Boulos Júnior:

Os povos germanos habitavam a Germânia, região da Europa situada ao norte dos rios Reno e Danúbio. Eles constituíam vários grupos, como os jutos, os anglos, os saxões, os lombardos, os francos, os alemanos, entre outros. [...] Esses povos não falavam a língua nem adotavam os costumes romanos, por isso eram chamados de **bárbaros**. (2011, p. 177 grifo do autor).

Alguns exemplos de nomes oriundos da tradição germânica ainda em uso em Portugal e Brasil são *Adefonsus* > *Afonso*; *Gundisalvus* > *Gonçalvo*; *Recaredus* > *Ricardo* e *Rodericus* > *Rodrigo* (Piel, 1989 [1960] *apud* Soledade, 2019, p. 421).

Da mesma forma, entram na parcela da contribuição germânica os nomes importados, na era moderna e contemporânea, dos polos de poder do eixo capitalista ocidental, isto é, Estados Unidos e Inglaterra, cabe citar: *Deise* que vem do inglês *Daisy* ‘margarida’, além de *Jefferson*, *Maicon* – de *Michael*, pronunciado [‘mai. coo] em dublagens de filmes e outros produtos culturais –, *Jhonson*, *Valdisnei* – de *Walt Disney* – além de *Jennifer*, *Stephany* e outros.

Entretanto, talvez a maior contribuição germânica para a antroponímia do nosso país seja o modelo biformativo (dois formativos), pois a lógica basilar de alguns tipos sistemáticos de neologismos onomásticos brasileiros é fortemente creditada ao modelo bitemático dos povos germânicos, que consistia, basicamente, na formação de antropônimos através da junção de dois temas, isto é, unidades menores dotadas de

⁷ Por vezes também grafado com -u-, o IBGE registrou 38.529 *Marcus* até 2010 no Brasil. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search/response/613>>. Acesso em: 29 mai. 2024

⁸ Pronunciado [‘tʃi. tʃe. ro]

significado, como ocorre em *Herald* (em port. Haroldo), do germânico *heri* ‘exército’ + *hard* ‘forte’ (Machado, 1984, p. 777).

4.5 O ELEMENTO ÁRABE

É importante destacar que o léxico do português foi profundamente afetado pela língua árabe, sobretudo em face do longo período que a região peninsular esteve sob o controle mouro. Sobre esse assunto, Caixeta esclarece que “o domínio árabe na Península Ibérica medieval deixou influências de diversas formas, por meio da permanência por cerca de oito séculos destes na Península Ibérica que deixaria marcas definitivas no ocidente, como traços de sua cultura que mais tarde viria para a América portuguesa” (2019, p. 3). Tendo sido colônia de Portugal, o Brasil é também herdeiro desse legado cultural, uma vez que as marcas do controle mouro impostas aos colonizadores seriam naturalmente repassadas aos colonizados. Tratando da influência lexical deixada pelos conquistadores árabes na língua dos portugueses – e conseqüentemente, na dos brasileiros – Mattos e Silva dissertam:

Como seria de esperar, a Onomástica, sobretudo a toponímia da Península, está profundamente marcada pela presença árabe. Alguns topônimos provêm de nomes comuns, como: ALDEIA, ATALAIA, ALBUFEIRA, ALCOR, ALCÂNTARA, ALMADÉM; outros são de caráter descritivo, como ALHAMBRA ‘a vermelha’, ALCALÁ ‘o castelo’, GUALDAQUIVIR ‘rio grande’, ALGARVE ‘o poente’ etc. (Mattos e Silva, 2009, p.7)

Entretanto, a expulsão dos mouros da península trouxe consigo também um desejo de expurgo cultural dos invasores, desse modo, os elementos antroponímicos não pareceram resistir tanto quanto os toponímicos, já que “a Reconquista cristã privilegiou a antroponímia de origem germânica” (Mattos e Silva, 2009, p. 7).

4.6 O ELEMENTO INDÍGENA

Partindo do histórico pregresso e passando ao contexto brasileiro de forma localizada, há ainda a contribuição indígena, que resiste mesmo diante da tentativa histórica de extermínio dos povos originários e de sua cultura, e que nos legou nomes

como *Kaike* – do Tupi-guarani ‘aquele que vem das águas’⁹ – e *Cauã* – também do Tupi, ‘gavião’¹⁰. Alguns desses prenomes são muito populares no país, contanto até mesmo com celebridades portadoras como os atores *Kayky Britto* e *Cauã Reymond*. O léxico dos povos originários é muito presente na realidade brasileira, principalmente no que tange à toponímia, sobre o fato, Soledade disserta:

A toponímia brasileira é constituída de uma forte influência das línguas nativas, processo natural em situações de contato, quando as línguas autóctones costumam prevalecer sobre as línguas dos invasores no que se refere à designação de lugares, bem como de elementos da fauna e flora nativas. Já no caso da antroponímia, podemos verificar que os nomes de origem tupi que se integraram pacificamente ao léxico do português brasileiro não são abundantes. (Soledade, 2019, p. 429)

A escassez de antropônimos indígenas na tradição brasileira se deve a várias circunstâncias, desde processos violentos de aculturação até o fato de que muitos indígenas foram batizados e receberam nomes da tradição lusitana – por vezes contra sua vontade. Mas o fator de maior impacto foi o genocídio – que até hoje continua. De acordo com Teixeira “O Brasil tem hoje uma população de 270.000 índios, remanescentes de uma população que pode ter sido de 6 a 10 milhões!” (2004, p. 296), os idiomas nativos que sobrevivem são cerca de 180, distribuídos entre mais ou menos 200 povos e “Há mais povos do que línguas porque alguns desses povos perderam completamente suas línguas” (Teixeira, 2004, p. 296). Sobre o tema, é importante ressaltar que:

Em face desses processos de mitigação da cultura ameríndia, a subsistência de nomes de origem tupi no léxico onomástico do português brasileiro vem demarcar um movimento de resistência daqueles que têm sido massacrados por mais de 500 anos. Isso, contudo, não quer dizer que os prenomes indígenas em uso no Brasil hoje demarquem alguma relação de etnia, muitos desses nomes se tornaram tão populares entre os brasileiros que praticamente perderam a sua relação com a identidade indígena. (Soledade, 2019, p. 429)

Segundo o Soledade (2024), a documentação remanescente indica que, durante o período colonial, os indígenas aldeados eram batizados com nomes cristãos, mas os nomes de suas línguas e culturas permaneciam em uso em suas comunidades, e alguns desses nomes indígenas foram incorporados à antroponímia brasileira, embora de forma limitada.

⁹ Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/guia-de-nomes/kaique/>. Acesso em: 27 mai. 2024

¹⁰ Disponível em: < <https://revistacrescer.globo.com/guia-de-nomes/caua/> >. Acesso em: 27 mai. 2024

Contudo, a autora também destaca que, devido ao racismo estrutural e ao apagamento cultural, a presença de nomes de origem indígena no sistema oficial e na prática social foi bastante reduzida ao longo do tempo. Além disso, a baixa proporção de indivíduos se autodeclarando indígenas no Brasil atualmente — aproximadamente 1,1% da população — contribui para o pouco destaque que a influência indígena tem na formação dos nomes brasileiros na atualidade. Soledade (2024, p. 260-261) aponta exemplos de nomes indígenas em uso no Brasil:

Femininos: *Abaeté, Araci, Iara/Yara, Irani, Jaci, Jaciara, Jandira, Juraci, Jurema, Jussara, Maiara, Moema, Potira, Tainá, Thaynara.*

Masculinos: *Cauã, Cauê, Coaraci, Ivair, Juraci, Moacir, Raoni, Rudá, Tupã, Ubiraci, Ubirajara, Ubiratan.*

Há, inclusive, algumas personalidades da cultura popular brasileira contemporânea que carregam esses nomes ou possuem associações a eles através de personagens. Glória Maria Aguiar da Silva, por exemplo, ficou conhecida como *Índia Potira* durante sua carreira como dançarina no Cassino do Chacrinha, um programa de auditório transmitido pela rede Globo de televisão que era muito popular na década de 1980. Embora todo contexto do apelido remeta a estereótipos reducionistas, fetichistas e objetificantes em relação aos indígenas de modo geral — principalmente às mulheres — a persona de Aguiar da Silva teve muita notoriedade no cenário midiático do Brasil e demonstra a conexão culturalmente estabelecida, ainda que de maneira grosseira, entre o nome *Potira* e os povos originários.

Outro nome de origem indígena marcante no imaginário popular brasileiro é *Tainá*, isso porque, em janeiro de 2001 foi lançado o filme *Tainá – Uma Aventura na Amazonia*, que narrava a história de uma criança indígena órfã que se torna uma espécie de guardiã da floresta. O filme foi tão popular entre as crianças dos anos 2000 que se tornou a primeira franquia do cinema nacional a alcançar o terceiro filme. A intérprete de *Tainá*, Eunice Baía, é indígena brasileira, do povo Baré, e não falava português quando foi selecionada para o papel na aldeia de Wiranu Tembê, no Pará (Correio Brasiliense, fev. 2013)¹¹.

¹¹ Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2013/02/05/interna_diversao_arte,347867/taina-e-a-primeira-franquia-do-cinema-nacional-a-alcancar-o-terceiro-filme.shtml. Acesso em: 27 de mai. 2024.

4.7 O APAGAMENTO DO ELEMENTO AFRICANO

Haveria muito a se falar da contribuição africana também, não fosse o etnocídio que acompanhou o projeto escravocrata no Brasil, uma vez que a herança cultural – e linguística – dos africanos sequestrados foi suprimida por valores eurocêntricos, além de lógicas colonialistas de “superioridade” cultural e coisificação dos escravizados.

Houve imposição e apagamento de nomes tanto em relação aos povos originários quanto aos escravizados, mas sobretudo em relação a estes últimos, que tiveram sua tradição antroponímica quase totalmente negada, devido ao fato de que, além de serem vistos como meros objetos de trabalho, a averbação de nascimentos – inclusive da população em situação de escravidão – era responsabilidade da Igreja Católica, por meio do batismo como sacramento e do consequente alistamento dos nomes – necessariamente oriundos da tradição dos colonizadores – em registros paroquiais, nas palavras de Palma e Truzzi:

O império português, durante a ocupação de parte do território africano, montou uma enorme estrutura burocrática para organizar os seus negócios, com a criação de registros documentais capazes de identificar e controlar o fluxo de cativos para a colônia americana. Infelizmente, poucos deles relatam algo acerca das denominações utilizadas pelos cativos antes da sua captura. Durante o aprisionamento, a comercialização e a travessia do Atlântico ocorrem um processo de negação e apagamento do antigo nome. Havia uma carta régia que dizia que todos os escravos capturados, antes de serem embarcados, deveriam ser catequizados e batizados ainda em solo africano [...] (2018, p. 314)

Apenas após o surgimento do Registro Civil, com o advento da República, em 1889 – um ano após a abolição – é que essas populações puderam tentar resgatar suas identidades através dos antroponímicos. Sobre esse tema, Palma e Truzzi ainda afirmam que, no período pós-abolição:

Portando um estatuto econômico, político e jurídico inferior, os escravizados eram designados, nos documentos oficiais, com apenas um único nome. A partir da efetivação da liberdade, muitos ex-escravos tentaram o reconhecimento oficial de seus sobrenomes, com a intenção de se afastarem do estatuto de escravo. Este é o primeiro movimento a ser identificado: a nova condição de homens e mulheres livres exigia a adoção de um sobrenome, cabendo aqui lembrar que um “nome completo” significa a possibilidade de reivindicar direitos sociais do Estado. (Palma; Truzzi, 2018, p. 312)

A manutenção da memória do continente africano passou, majoritariamente por manifestações religiosas e expressões artístico-culturais, uma vez que “não foi possível reconstruir, em solo brasileiro, a onomástica africana” (Palma; Truzzi, 2018, p. 315). Os

escravizados eram nomeados principalmente com nomes de santos, de fato, alguns desses nomes se tornaram tão comuns entre eles, que passaram a ser malvistas, uma marca pejorativa de seu status, como exemplos, Freyre (2006, p. 541) cita *Benedito, Bento, Cosme, Damião, Romão, Esperança, Felicidade e Luzia*. Até mesmo os sobrenomes podiam trazer esse aspecto negativo, segundo Pina-Cabral (2008, p. 5):

Existe todo um folclore relativo à suposta origem (familiar e não etimológica) dos sobrenomes. No Baixo Sul da Bahia, os sobrenomes dados a escravos catequizados são tão frequentes que funcionam como uma marca de “indistinção”. Assim se passa com os “dos Santos” ou os “de Jesus” em Valença, onde cerca de 60% da população estudantil tem um ou ambos estes sobrenomes no seu nome. Mais uma vez a conotação de sobrenomes com propriedade e condição de classe é marcada: uma jovem explicava-me que “Ser Santos é atestado de pobreza!” (Pina-Cabral, 2008, p. 5)

Talvez por isso surja o tratamento abundantemente neológico e de estrangeirismos atribuído ao sistema antroponímico no Brasil, sendo a criação de nomes e grafias inusitados justamente um ensejo de afastamento dos padrões dos colonizadores e individualização pessoal para tentar escapar dos estigmas de “pobreza” e status social negativo. Nas palavras de Palma e Truzzi “Daí o esforço, hoje muitas vezes comum nas classes populares, em atribuir nomes ‘diferenciadores’, o que, por sua vez, repõe a subalternização a seus portadores” (2018, p. 335). Esse é um fato muito importante para entender a adoção prolífica de nomes estrangeiros (e de grafias com letras estrangeiras como o *y*, *w* e *k*) entre os brasileiros.

4.9 O ELEMENTO IMIGRANTE

A influência dos imigrantes na formação da antroponímia brasileira é significativa e complexa, como bem explicita Soledade (2024). O processo de imigração, presente no Brasil desde o começo de sua ocupação, se intensificou a partir do século XIX, com a vinda de europeus, especialmente portugueses, italianos, alemães, espanhóis e sírio-libaneses, que trouxeram consigo seus nomes e tradições. Muitos desses nomes se mantiveram em uso apenas por um período na nova sociedade, sobretudo em colônias de assentamento e comunidades imigrantes, onde os traços culturais originais eram preservados com maior intensidade. Com o aumento da integração entre os colonos imigrantes e a população brasileira, observou-se uma tendência de substituição de nomes tradicionais de suas culturas originais por nomes mais adaptados ao sistema onomástico

brasileiro, ou seja, mais próximos do português. Contudo, não deixou de haver a circulação de nomes de origem estrangeira que passaram a ser incorporados na cultura local, incluindo nomes de origem germânica, alemã, espanhola e italiana, muitos dos quais foram adaptados foneticamente ao português, gerando nomes inovadores. Soledade (2024) apresenta alguns exemplos de nomes que podem estar relacionados a influência/presença imigrante:

Italiano: *Alessandro, Andreia, Antonela, Bianca, Dante, Enrico, Enzo, Fabrício, Giacomo, Giovane, Giovana, Giulia, Guido, Kiara/Chiara, Lucca, Luigi, Paola, Pietro, Vincenzo.*

Alemão: *Evelise, Greta, Gunter, Heidi, Heinz, Fritz, Klaus .*

Japonês: *Akemi, Akira, Hiroshi, Ishiro, Mayuri, Mayumi, Naomi, Saori, Sato, Shin, Takashi, Takeshi, Yumi .*

Sírio-libanês: *Adib, Amim, Aziz, Faruk, Iasmim , Issa, Jamil, Kaled, Kalil, Naim, Omar, Samir, Samira, Soraia, Tamires, Zaidir.*

Espanhol: *Anita, Consuelo, Diogo, Guadalupe, Javier/Ravier, Juan/Ruan, Lola, Perla, Ximena.*

4.10 A INFLUÊNCIA CULTURAL FRANCESA E NORTE-AMERICANA

A influência cultural francesa no sistema de nomes do Brasil foi bastante decisiva durante os séculos XIX e XX, refletindo um forte impacto na antroponímia brasileira até a década de 1930. Os estudos indicam que a influência se deu de forma significativa até esse momento, influenciando padrões de nomes, escolhas e tendências onomásticas, muitas vezes através de modas culturais e sociais que reforçaram traços de tradição francesa na forma como os brasileiros se vestiam, comiam, socializavam e também nomeavam.

Já a influência dos Estados Unidos na renovação da antroponímia brasileira está relacionada ao fato de que após a Segunda Guerra Mundial, o Brasil se tornou um profundo consumidor da cultura norte-americana, sofrendo uma grande influência da sua música e do seu cinema.

Assim sendo, enquanto a influência francesa foi mais intensa até os anos 1930, moldando tendências e padrões na antroponímia brasileira, a influência norte-americana

destacou-se após a segunda metade do século XX em diante, promovendo uma renovação de nomes, sobretudo entre as populações mais vulneráveis economicamente no Brasil. Soledade (2024) exemplifica como nomes em uso no país e que estão ligados a essas duas tradições:

Francês: *Charlotte, Colete/Coleta, Dominique, Etienne, Francine, Henri, Jaques, Juliete, Lorraine, Marjorie, Monique, Napoleão, Olivier, Pierre, René/Renée, Simone, Valerie/Valéria.*

Inglês: *Ashley, Bruce, Charles, Christopher, Dorothy, Dylan/Dilan, Franklin, Harisson, Hilary, James, Jennifer, John, Jhonson/Jonson, Jimmy, Justin, Lisa, Michael, Nancy, Richard, Robert, Stephany, Susan, William, Wilson.*

4.11 O MODELO BIFORMATIVO BRASILEIRO

O sistema antroponímico brasileiro, embora herdeiro de várias outras tradições, tem características próprias que refletem a cultura e criatividade do povo que aqui vive. De forma geral, o brasileiro dá preferência a nomes semanticamente opacos e basta comparar números para constatar esse fato, há muito mais *Julianas* (564.706 pessoas) do que *Pérolas* (3.870 pessoas) em nosso país, por exemplo. Outra característica marcante da antroponímia brasileira é a inclinação a neologismos, uma vez que prenomes inovadores são parte integrante do conjunto de antropônimos em uso no território nacional. Tal neologismo antroponímico é, em muitos casos, sistemático e segue a lógica bitemática herdada dos germânicos. No modelo brasileiro também são utilizadas duas unidades linguísticas para formar nomes de pessoa, mas, diferindo do germânico, essas unidades – chamadas de *formativos* – não são sincronicamente dotadas de significado, nas palavras de Soledade (2019, p. 422): “sejam de natureza compositiva, sejam de natureza afixativa, ou não-concatenativa, predominam os nomes construídos pela junção de dois elementos (formativos ou itens lexicais) que podem ser tanto provenientes do léxico onomástico pessoal quanto do léxico comum”.

De maneira resumida, os formativos do português brasileiro são assim chamados por serem sequências de sons que aparecem de forma recorrente em prenomes tradicionais e que, por serem interpretadas como partes formativas, são empregadas para gerar nomes inovadores, mas não carregam significado algum para o falante sincrônico, a exemplo do formativo de margem esquerda *Isa-*, encontrado em nomes tradicionais

como *Isabel* e *Isadora*, utilizado em nomes inovadores como *Isamara* = [isa-] + [mara], (5.954 pessoas); *Isane* = [isa-] + *Ane*, (435 pessoas); e *Isalinda* = [isa-] + *linda*, (45 pessoas).

O modelo biformativo brasileiro se diferencia do modelo bitemático germânico, uma vez que os temas usados naquela tradição, em sua origem, seriam detentores de significação – daí a necessidade de diferenciar formativo e tema –, tais temas seriam usados em combinações intencionais do ponto de vista do sentido, como se pode ver nos verbetes do dicionário onomástico etimológico de Antenor Nascentes (1963):

BERNARDO- s.m. Nome de homem. Do germânico: bern, variante de ber, urso, e ardo, de hart, forte, urso forte ou forte como um urso (LV, Lições, 220, Antr., 55, 449, Nunes, RL, XXXII, 64. Drummond, Cortesão, Subsídios, Diez, Gram., I, 289, Dauzat, NP, 30).

EDUARDO- s.m. Nome de homem. Do germânico: anglo-saxônio ead, riqueza, bens e ward, guarda, guarda da riqueza (Nunes, RL, XXXII, 104, Century. Leite de Vasconcelos, Op., III, 96, Antrp., 59. Se gundo Leite de Vasconcelos o nome veio através do espanhol.

FERDINANDO- s.m. Nome de homem. Do germânico: ant. alto al. fridu, al. mod. Friede, paz, e gót. Nanthjan, ousar, ousado na ou pela paz (Förstemann, Altdeutsches Namenbuch, Meyer-Lubke, Die alpor tugiesiche Personennamen, I, 28, 72, apud Leite de Vasconcelos, Antr., 39).

O processo biformativo também é encontrado em tradições modernas de línguas germânicas, como vemos em nomes como *Jefferson*, [Jeffrey] + [son] = ‘filho de Jeffrey’, numa análise etimológica vinculada é possível chegar, artificialmente, ao significado composicional ‘filho da paz de Deus’, uma vez que o tema *Jeffrey* significa ‘paz de Deus’¹².

Como ilustração de nomes inovadores criados a partir do modelo biformativo, vale citar o formativo de margem direita *-son*, presente em composições como *Carlison* (865 pessoas), *Nadson* (7.305 pessoas) e *Jadson* (28.147 pessoas). É importante, porém, ressaltar, que esses elementos constitutivos são chamados de formativos, especificamente no contexto onomástico do português brasileiro (até então), isso porque o próprio *-son*, em sua origem germânica, é um tema, significando ‘filho de’.

¹² Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/guia-de-nomes/jefferson/index/feed/pagina-6>. Acesso em 29 mai. 2024

5. USO E PERCEPÇÃO SOCIAL DO ANTROPÔNIMO

O léxico das línguas é a camada mais permeável aos contatos linguísticos e mais afeita a alterações em face das mudanças sociais, é, portanto, uma entidade em constante mutação como bem registrou Piel:

O léxico de uma língua de civilização como a língua portuguesa é um organismo vivo, extremamente complexo na sua composição, pois resulta de um trabalho multissecular de elaboração e de seleção, cujos princípios se situam bastante para além da época em que o português se manifesta como instrumento literário nos primeiros documentos escritos (cerca de 1200). (Piel, 1989 [1976] p. 9)

Esse processo de composição não é diferente com o léxico antroponímico, o conjunto de substantivos apropriados para nomear pessoas em cada sociedade humana é composto historicamente através de diversas trocas, encontros, imposições e até mesmo apagamentos. Os antropônimos também podem revelar aspectos significativos a acerca da história e cultura de um povo, uma vez que juízos de valor podem incidir sobre nomes – tanto prenomes quanto sobrenomes – e geram complexas redes de significados societários. Um exemplo de significado que os prenomes podem assumir nas comunidades humanas é a categoria sócio-social conhecida como “nome de velho”, percebida entre os brasileiros contemporâneos. O que sucede é que alguns antropônimos caem em desuso e ficam datados, em consequência disso, esses nomes acabam sendo socialmente percebidos como adequados e/ou associados apenas a pessoas de mais idade, há até mesmo muitos memes¹³ circulando nas redes sociais que retratam a temática, como pode ser visto na imagem abaixo, um meme no qual o tema da sátira de humor é o fato de o nome *Josefa* ser socialmente percebido como adequado para mulheres idosas, visto que está caindo em desuso entre as gerações mais jovens, ou seja, não foi utilizado contemporaneamente de maneira prolífica.

¹³ Imagens e vídeos de humor que circulam em redes sociais como o *Facebook*, *Instagram*, *Pinterest*, entre outros.

Figura 5 – nome de velho.



Fonte: página *Memes engraçados* no Pinterest¹⁴.

Como citado anteriormente, a criança, de maneira caricata, passa a ser vista como uma velhinha – daí a caracterização com a peruca branca e os óculos – por conta do prenome *Josefa*, lido socialmente como um “nome de velho”. Partindo dessa perspectiva, outra amostra menos anedótica de como juízos de valor dos falantes podem recair sobre os nomes de pessoas é a categoria sógnico-social dos “nomes de pobre”. Em dissertação de mestrado de 2011, Lucas Costa Scottini aponta que

Enquanto nos EUA a segregação racial produziu culturas distintas, as quais se manifestam na escolha dos primeiros nomes, no Brasil, a desigualdade social parece ser o fator crucial que gera as diferenças culturais e, consequentemente, a diferença entre nomes. Enquanto nos EUA desenvolve-se a categoria de “nomes de negro”, no Brasil a categoria primordial seria a de “nomes de pobre”. (Scottini, 2011, p. 9)

Ao estudar os nomes de alunos das redes pública e privada de ensino do Estado de São Paulo – dados da base de matrículas – a pesquisa de Scottini dá muitos *insights* sobre como pobres e ricos nomeiam seus filhos em nosso país, através de uma análise

¹⁴ Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/61994932357284849/>>. Acesso em 24 jun. 2024.

estatística de nomes e sobrenomes, empreendida por meio de um modelo matemático que levando em conta ocorrência dos nomes entre alunos da rede pública x privada, escolaridade e renda familiar, gera um índice social do nome – ISN – assim explicado pelo autor:

A interpretação do ISN é a seguinte: um nome terá ISN = 100 quando todos os seus detentores estiverem no sistema privado [de escolas]. Um nome com ISN = 50 tem a mesma frequência nas duas populações; um com ISN = 90, é nove vezes mais frequente nas escolas privadas do que nas públicas; um ISN = 10 significa que o nome é nove vezes mais frequente nas escolas públicas do que nas privadas e assim por diante. Em suma nomes com índice de 50 serão aqueles que não apresentam conotação socioeconômica; nomes com índices menores que 50 são mais típicos entre crianças de menor status socioeconômico. (Scottini, 2011, p. 19)

De modo geral, os achados de Scottini apontam para ISNs mais baixos em nomes oriundos da língua inglesa; grafados com as letras estrangeiras *y*, *k* e *w*; com grafias não convencionais; fusões de outros nomes e nomes compostos. De modo geral, antropônimos com as características supracitadas apresentavam menor frequência estatística, nas palavras do autor “um aluno de escola pública tem 11 vezes mais chances de ter um nome único (nome que só aparece uma vez na nossa base) do que um aluno do setor privado” (p. 25). Scottini conjectura ainda que, o forte apego dos “pobres” a nomes oriundos do inglês deve-se ao fato de que “a cultura de massa (cinema, televisão e música), especialmente a produzida em língua inglesa, tem servido de modelo de sucesso para pais brasileiros mais pobres e; ou menos educados” (p. 36). As crianças da rede privada, por outro lado, costumam ter nomes simples (em oposição a compostos), escolhidos da tradição em língua portuguesa e, quando estrangeiros, são predominantemente de origem latina, principalmente da língua italiana.

Outro dado interessante dessa pesquisa é o fato de que, em relação aos sobrenomes, diferentemente dos prenomes, quanto mais incomuns, mais *status* agregado eles costumam ter, os sobrenomes com maiores índices sociais são os estrangeiros: “no estado de São Paulo, ter um sobrenome italiano, sírio-libanês, alemão ou japonês está correlacionado com maior status socioeconômico, na medida que a participação em escolas particulares está correlacionada com maior status” (p. 48). Parece, então, haver uma relação entre legado de imigração e os poucos nomes estrangeiros adotados pelos ricos, uma vez que a maior parte dos prenomes estrangeiros dos alunos da rede privada era de origem italiana, como mostra a tabela abaixo, que apresenta os achados de Scottini

(2011) a cerca de nomes de meninos cujos índices sociais se aproximavam de 100, ou seja, que naquele ano eram mais utilizados por alunos da rede particular de ensino:

Figura 6 – índice social de nomes (ISN)

Tabela 7: Nomes com maiores *ISN* para Meninos

Nome	<i>ISN</i>	Nome	<i>ISN</i>
Enrico	95,09	Heitor	82,86
Lucca	94,74	Ian	81,67
Luca	93,5	Thomas	80,41
Enzo	92,46	Nicholas	80,14
Bernardo	90,99	Giovanni	79,85
Luigi	89,63	Luccas	79,47
Pietro	88,50	Arthur Henrique	77,19
Pedro	85,31	Cauê	76,82
Frederico	84,25	João Pedro	76,71
Arthur	83,99	Artur	75,87

Fonte: Scottini, 2011, p. 29

É possível reparar que, da lista apresentada, vários nomes – em destaque – são oriundos da tradição italiana, além disso, o fato de que todos os ISNs dos prenomes acima estão próximos de 100 demonstra que a frequência deles, à época, era muito maior entre estudantes de escolas particulares do que das públicas, “entre os nomes com maiores índices há muitos de origem italiana, como *Enrico*, *Luca/Lucca*, *Enzo*, *Luigi*, *Pietro* e *Giovanni*. O nome *Enrico*, por exemplo, é quase vinte vezes mais frequente nas escolas privadas que nas escolas públicas” (Scottini, 2011, p. 29). Parece haver, então, (ou pelo menos havia no passado) uma correlação entre a categoria sógnico-social “nome de rico” e a tradição antroponímica italiana.

Sucede, entretanto, que os falantes são muito bons em captar padrões de juízo de valor associados à linguagem, ainda que de maneira inconsciente, então, em consequência disso, se estabelecem ciclos de *status* social para os nomes da seguinte maneira: se os nomes de maior *status* são aqueles advindos do italiano, estes são os nomes que se tornarão populares – inclusive entre as camadas menos abastadas que buscam se afastar de estereótipos pejorativos de “pobreza” –, assim que eles (os nomes) se tornarem muito comuns e disseminados, perderão a deferência que os alçou à popularidade, de modo que o ciclo se inverte e novos nomes – de outras tradições – passarão a ocupar a categoria de “nomes de rico”, em suma, tendo se tornado tão populares, os antropônimos italianos

perdem/perderão a estirpe de “riqueza”, sendo abandonados pelos ricos, pois só é chique/de rico aquilo que é também “exclusivo”. Essa flutuação dos *status* sociais dos antropônimos – entre nomes de ricos e pobres – poderia explicar, pelo menos em parte, o pico de popularidade dos *Enzos*, *Lorenzos* e *Valentinas* (nomes prototipicamente associados à tradição italiana) que ocorreu nas últimas duas décadas (2010-2020), uma vez que esses antropônimos eram percebidos como “nomes de rico”, fato que, conseqüentemente, os alçou à popularidade e, tendo se tornado populares, passaram a não mais apresentar a deferência ou “exclusividade” de outrora.

Destarte, fica patente o fato de que a antroponímia é uma disciplina científica de caráter interdisciplinar, tangendo a linguística – por tratar dos nomes como itens lexicais e funcionais de uma língua –, a história – porque ajuda a entender o percurso das sociedades humanas e sua relação indissociável com os idiomas – e, por vezes, a antropologia – uma vez que demonstra relações de poder e construções de sentido dentro das comunidades da nossa espécie. Tudo porque, como objetos de estudo, os nomes de pessoa, além de parte integrante e universal da linguagem humana, também podem registrar e perpetuar “crenças, valores, procedências de grupos sociais e, por extensão, da sociedade em diferentes momentos de sua história com suas ideologias, devoções, motivações e também modismos [...]” (Amaral et al, 2020, p. 10).

6. A ANTROPONÍMIA PELO OLHAR DA LINGUÍSTICA COGNITIVA

A teoria basilar que sustenta este trabalho é a Linguística Cognitiva – doravante LC – perspectiva bem condensada pela ideia de que "a linguagem é o espelho da mente" (Chomsky, 1975), mas diferente do Gerativismo de Chomsky, a LC adota uma concepção não modular da linguagem, na qual princípios cognitivos gerais são compartilhados entre estrutura linguística e conteúdo perceptual (Ferrari, 2011, p. 14), em outras palavras:

a Linguística Cognitiva defende que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição. Assim, o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado. Sob essa perspectiva, as palavras não contêm significados, mas orientam a construção do sentido. (Ferrari, 2011, p. 14)

Para a LC, as palavras codificam, mas não encerram em si o todo do significado. O significado, por sua vez, é perspectivista (contendo em si grande flexibilidade) e também engloba conhecimentos linguísticos e de mundo (enciclopédicos). A partir dessas premissas, consideramos que esta é uma abordagem adequada para tratar de antropônimos, sendo estes elementos da língua em que o debate da distinção entre sentido e significado é travado de maneira tão incisiva.

Os nomes de uso prototipicamente antroponímico, como debatido anteriormente, carecem de significado lexical tal como os nomes comuns o têm, isto é, antropônimos não evocam um conceito bem estabelecido pela imagem mental de um referente genérico, mas, mesmo assim, possuem sentido, já que são palavras da língua reconhecidas pelos falantes e que, ademais, orientam a construção de significação. Em suma, antropônimos codificam, mas não encerram em si o todo significativo, exatamente a perspectiva defendida pela LC. Dessarte, são sem sentido as sequências de sons que não podem ser reconhecidas na língua, o que não é o caso dos antropônimos, um falante reconhece *Olívia* [o.ˈli.viə], por exemplo, mas não uma sequência fônica aleatória como [bi.ken.ˈto.fen], de modo que, embora o prenome não remeta a um conceito (significado lexical) – para o falante sincrônico de português – ele provê a possibilidade de construção de sentido. Sobre o tema dos nomes em uso prototipicamente antroponímico e sua opacidade semântica, Italiano Alves (2021, p. 140) afirma:

(pre)nomes possuem seu significado opaco em virtude da diacronia envolvida no processo de transformação que os levou da categoria mais abrangente de

palavras comuns à categoria mais restrita dos nomes próprios. [...] Rafael, por exemplo, [...] tem origem no hebraico *Rafa'el*, 'Deus curou', possuindo, portanto, um significado, mas que não é recuperável para os falantes do português brasileiro contemporâneo, primeiro pela barreira do idioma, já que a influência do hebraico sobre o português requer um recuo de datação bastante longínquo, além do fato de que, no próprio hebraico, muito provavelmente seria dificilmente recuperável, devido à distância no tempo, o momento de transcategorização de palavra – ou expressão – do léxico comum para o próprio. (Italiano Alves, 2021, p. 141)

Fica claro, então, que vocábulos utilizados essencialmente como prenomes, nos dias atuais, foram cristalizados nessa função, através do tempo e da frequência de uso, formando conjuntos de palavras cuja função linguística primordial – mas não exclusiva – é servir de antropônimos. A cada um destes conjuntos de nomes de pessoas, localizados no interior de um idioma – ou comunidade de fala –, dá-se o nome de *tradição antroponímica*.

Com os processos colonizatórios e de globalização, as tradições vão se misturando ao passo que se assentam em novos territórios, a tradição judaico-cristã, por exemplo, que nos lega nomes como *Tiago, André, Filipe, Pedro* (apóstolos), *Rafael, Gabriel, Samuel, Miguel* (anjos) acaba por se misturar com a árabe, herdada da época em que a Península Ibérica esteve sob controle mouro – cerca de oito séculos – cuja contribuição, por sua vez, aparece em nomes como *Álvaro*, do árabe *al-barî*,¹⁵ 'o perfeito'.

Sobre o caráter tradicional dos nomes próprios, Dick (1992, p.112) afirma que “topônimos e antropônimos se inscrevem como os elementos mais arcaizantes de uma língua”, justamente porque existe um conjunto de palavras que, em cada idioma/sociedade, são apropriadas para o uso como antropônimos, isto é, nem todo substantivo pode ser nome de pessoa, *esmeralda* funciona bem, mas *arroto* não poderia ser um antropônimo sem gerar desconforto ao seu portador, talvez um apelido, mas sob caráter vexatório, e é justamente esse atributo constrangedor que interdita e impede que alguns substantivos se tornem nomes oficiais de pessoa.

Assim sendo, a escolha de um nome revela intenções e juízos de valor dos falantes, isto é, daqueles que nomeiam, de modo que escolher um prenome do conjunto tradicional judaico-cristão em língua italiana – e não em português, considerando que existem equivalências (*Pedro* > *Pietro*; *Mateus* > *Matteo*; *João* > *Giovanni*) – poderia indicar um alinhamento maior do falante àquela sociedade em detrimento da brasileira. Por

¹⁵ Disponível em:

<https://sobrenomes.genera.com.br/sobrenomes/alvares/#:~:text=A%20origem%20do%20prenome%20%C3%81lvaro,%2C%20%E2%80%9Cguerreiro%20dos%20elfos%E2%80%9D>. Acesso em: 28 mai. 2024.

exemplo, um imigrante italiano que batize seu filho como *Pietro* e não *Pedro*, mostrar-se-ia mais vinculado a uma preservação de sua origem do que a uma integração.

Tratando de um ponto correlato à discussão acima, ocorre que fazer etimologia de nomes próprios pode tornar-se uma tarefa extremamente difícil, principalmente em relação a nomes inovadores, uma vez que muitos deles foram criados a partir de fusões ou partes de outros, o que dificulta a tentativa de determinar com certeza o seu trajeto histórico. Soledade (2024, p. 236) apresenta como exemplo o caso de duas pessoas que são identificadas pelo prenome *Jessicleide*. Uma delas tem seu nome originado do cruzamento vocabular entre os nomes *Jéssica* (*irmã*) e *Cleide* (*mãe*), enquanto prenome da segunda se origina do cruzamento de *Jessé* (*pai*) e *Maricleide* (*mãe*). Assim, ainda que resultado das fusões gere um mesmo prenome, a história da sua criação remete a percursos distintos, tomando por base diferentes prenomes, que só pode ser conhecido através de relato de seus criadores. Também, quanto aos nomes tradicionais, em muitos casos é possível descobrir a etimologia, mas o significado é um tanto obscuro (Viaro, 2004, p. 311). Há também o fato de os nomes próprios terem se cristalizado em função, ou seja passaram por um processo de gramaticalização que os retirou do espectro mais lexical (semanticamente transparente) para o espectro mais funcional da linguagem, isto é, o nome não significa ou denota, apenas etiqueta um indivíduo, somente designa uma pessoa, isto é, em um *continuum* de gramaticalização dos componentes da linguagem, o antropônimo é mais – embora não totalmente – gramatical, isto porque é uma palavra cujo uso está mais ligado ao funcionamento do discurso e articulação de sentidos do que à significação.

Seide (2021, p. 72-73) afirma que, numa consulta a diversas gramáticas publicadas ao longo do século passado, e nas primeiras décadas deste, – entre elas Cunha e Cintra, 1998 e 2008; Cegala, 1964 e Castilho, 2010 – o nome próprio de pessoa aparece atrelado à ideia de univocidade, isto porque é utilizado para fazer referência a um ser tido como único e individualizado, isto é, o portador do antropônimo. O nome de pessoa, portanto, se particulariza por ser um signo linguístico parcialmente privado de seu significado original, o que o torna opaco. (Carvalhinhos, 2003, p. 308).

Recapitulando a questão inicial, fica clara a razão da escolha da Linguística Cognitiva como teoria orientadora do presente trabalho, uma vez que, por se tratar de uma linha teórica que considera os componentes linguísticos em interface com o conhecimento enciclopédico – aquele o falante tem do mundo –, a LC pondera que a arquitetura do

pensamento humano é operada e acessada através da linguagem como ferramenta de acionamento e manejo dos saberes, em outras palavras:

o conhecimento linguístico emerge e se estrutura a partir do uso efetivo da língua em eventos comunicativos reais [...], portanto, categorias e estruturas sintáticas, morfológicas, semânticas e fonológicas são construídas a partir de processos cognitivos gerais que aplicamos às diversas ocasiões de uso real da linguagem (Soledade, no prelo, p. 14).

Desse modo, a Linguística Cognitiva não se constitui apenas como base orientadora, metodológica e teórica do estudo aqui compreendido, mas também como a própria lente pela qual os antropônimos são enxergados, sendo o nome de pessoa visto para além de seu uso linguístico também como articulador de processos socio-interacionais e culturais, além de um indício histórico dos estados da língua e dos sentidos sócio-sociais gerados a partir de seu uso. Em suma, o nome não é apenas palavra ou uma sequência de sons reconhecível da língua, é um expediente linguístico de alto valor antropológico, pois demonstra tendências culturais e juízos de valor da sociedade em que é utilizado, o próprio apagamento dos antropônimos africanos no Brasil, e dos árabes na Península Ibérica, demonstra isso.

Língua em uso é cognição e esta não pode ser separada do mundo que cerca os indivíduos. Desse modo, a LC se constitui como uma teoria de base profícua para o estudo dos antropônimos uma vez que, parafraseando Soledade (2024), a Linguística Cognitiva propõe, da perspectiva semântica, uma análise da língua que considera a compreensão das construções linguísticas de forma integradora, “olhando a questão dos sentidos pela perspectiva do uso, da práxis, do contexto e das relações entre diferentes módulos da nossa cognição” (Soledade, 2024, p. 54), o que, de um modo geral, em relação à onomástica, aponta para o nome de pessoa como categoria linguística relacional entre referência, significado e sentido.

7. TIPOLOGIA DOS ANTROPÔNIMOS

Para tratar da tipologia dos antropônimos efetivamente, é necessário beber de fontes basilares como Van Langendonck (2007), Amaral (2011) e Amaral e Seide (2020), além disso, pensando em abordar os tipos antroponímicos de maneira mais integradora, adotaremos, primordialmente, a concepção tipológica proposta de Soledade (2024, p. 93-106), que ao focalizar os prenomes, o faz considerando-os parte de uma unidade composicional maior, isto é, a frase antroponímica, compreendida, por sua vez, como o conjunto de nomes oficiais que compõem o nome completo, abarcando prenomes e sobrenomes.

Inicialmente, faz-se necessária, então, a distinção entre nomes oficiais e não oficiais: o nome oficial pode ser definido como todo e qualquer nome que, sendo utilizado em sociedade, está “legitimamente sob amparo da lei” (Soledade, 2024, p. 94), consideramos por “lei” o ordenamento legal *latu sensu* – códigos, súmulas vinculantes, decretos, normas e outros –, o que significa que o pseudônimo e o nome social são considerados nomes oficiais. Ainda sobre o tema, Soledade elucida:

Assim, todo antropônimo que possa aparecer nos registros civis dos cidadãos brasileiros poderá ser considerado nome oficial. Por exemplo, temos um conjunto de nomes oficiais quando estamos diante de uma frase antroponímica tipo *Grace Anne Tavares Velozo de Oliveira Guerra*, constituída, nesse caso, de dois prenomes (*Grace, Anne*) e quatro sobrenomes (*Tavares, Velozo, Oliveira, Guerra*). (Soledade, 2024, p. 94)

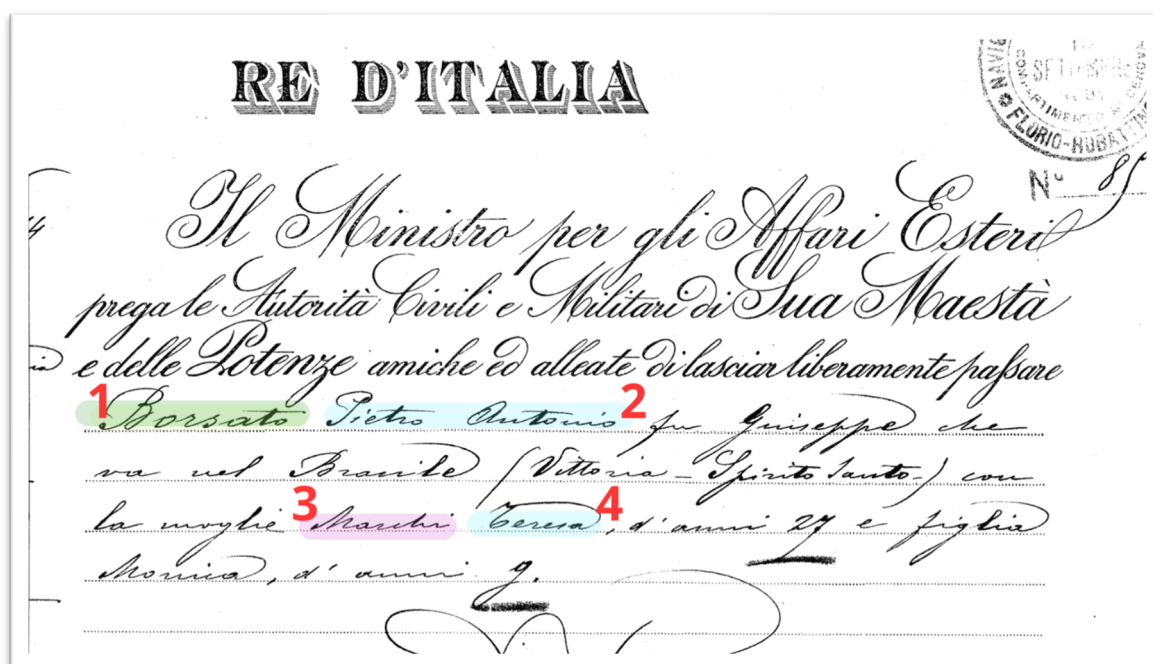
Partindo de uma perspectiva distributiva, a organização dos antropônimos oficiais no Brasil reserva a margem esquerda (←) da frase antroponímica como posição destinada a prenomes, ao passo que a margem direita (→) contém sobrenomes. Desse modo, a frase antroponímica é popularmente conhecida como *nome completo*, o rótulo *nome civil* também pode ser empregado, sobretudo, em esferas sociais associadas ao mundo jurídico. Dentro dos estudos onomásticos, entretanto, essa entidade sintagmática é referenciada como *ortônimo*, definido da seguinte maneira: “o termo ortônimo (do grego antigo ὀρθός *orto-* ‘correto, normal’ + -*ōnoma* ‘nome’) é empregado para referir o nome civil completo, como registrado na certidão de nascimento e nos demais documentos oficiais, por exemplo, a carteira de identidade (ID) e o cadastro de pessoa física” (Soledade, 2024 p. 95).

Ainda tratando dos nomes oficiais, a depender da cultura, existe uma preferência de uso por prenomes ou sobrenomes. Japão e Estados Unidos são países em que, prototipicamente, o sobrenome tem primazia no tratamento social, por exemplo, em contextos oficiais, o cineasta japonês Hayao Miyazaki¹⁶, seria tratado, em seu país, como Miyazaki-san – Senhor Miyazaki – mas jamais por Hayao. A realidade do Brasil, entretanto, aponta para um uso mais relevante dos prenomes, embora isso não indique falta de deferência por parte dos falantes, mesmo que os prenomes sejam mais usados, geralmente vêm acompanhados dos pronomes de tratamento “seu” e “dona” – ex.: seu Geraldo, dona Flávia – para indicar respeito.

Nos documentos estudados aqui, a questão da distribuição dos antropônimos demonstra que, pelo menos nesse tipo de documentação (oficial), os italianos imigrantes eram registrados pelos sobrenomes, ou seja, estes aparecem à margem esquerda da frase antroponímica, além disso, os sobrenomes de solteira das mulheres costumavam ser preservados, como pode ser visto no documento abaixo que retrata um passaporte italiano, de 1891, emitido em nome de Pietro Antonio Borsato, mas que também autoriza a viagem de sua esposa, Teresa Marchi, e da filha do casal, Mônica.

¹⁶ Co-fundador do Studio Ghibli, ganhou o Óscar com os filmes *A viagem de Chiriro* (2001) e *O menino e a Garça* (2023).

Figura 7 - passaporte de Pietro Antonio Borsato, 1891¹⁷.



Fonte: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

O item número 1, em verde, indica o sobrenome – Borsato – do detentor do passaporte, ao passo que o item 2, em azul, corresponde a seu primeiro nome (composto), i. e., Pietro Antônio. O item 3, na cor rosa, carrega o sobrenome da esposa – Marchi – e o número 4, também em azul, representa seu prenome, ou seja, Teresa. Os dois imigrantes adultos nesse passaporte são Pietro Antônio Borsato e Teresa Marchi. Pela notação utilizada no preenchimento do documento, fica claro que, à época, os italianos reservavam a margem esquerda da frase antroponímica para o sobrenome, além disso, os sobrenomes originais das esposas tendiam a ser preservados, diferindo de outras concepções culturais, como a norte-americana e a britânica, em que as mulheres casadas eram obrigadas a assumir o nome de família dos maridos.

¹⁷ Texto: “O Ministro dos Negócios Estrangeiros solicita às autoridades civis e militares de Sua Majestade e das potências amigas e aliadas que permitam a livre passagem a Borsato Pietro Antonio filho do falecido Giuseppe que vai ao Brasil (Vitoria - Espírito Santo) com a mulher Marchi Teresa, de 27 anos e filha Monica, de 9 anos.”

7.1 QUADRO TIPOLOGICO DOS ANTROPÔNIMOS

De modo geral, os antropônimos podem ser classificados em tipos a depender de características como: as esferas em que podem ser usados (oficial e não oficial), da sua posição na frase antroponímica (prenome, sobrenome), do seu uso societário (nome social, nome de guerra), de necessidades afetivas dos falantes (apelido, hipocorístico) etc. Todos os tipos de antropônimos existentes na atualidade e suas classificações constam em quadro tipológico elaborado por Diêgo de Souza (2023, p. 28)¹⁸ em sua dissertação de mestrado, os dados utilizados pelo autor foram extraídos dos trabalhos de Amaral e Seide (2020) e Soledade (2024, no prelo à época)¹⁸, como pode ser visto abaixo.

Tabela 3 – Tipologia dos antropônimos, conforme Souza (2023)

Tipologia dos antropônimos			
(AMARAL; SEIDE, 2020)		(SOLEDADE, 2024)	
<i>Prenome</i>	Antropônimo que distingue o indivíduo dentro dos grupos sociais de maior intimidade. Antecede o sobrenome e pode ser simples, composto ou justaposto.	<i>Prenome</i>	Porção da frase antroponímica que pode ou não ter relação com a ascendência familiar, mas que se pretende como marca pessoal do indivíduo e que, do ponto de vista organizacional da frase antroponímica, se posiciona à margem esquerda dos sobrenomes, ocupando as primeiras posições na frase, sendo prenome tudo aquilo que não é sobrenome ou agnome. Os prenomes, no Brasil, podem ser simples (<i>João</i>), duplos (<i>José Carlos</i>) ou compostos por justaposição (<i>Josevaldo</i>) e por aglutinação (<i>Analva</i>).
<i>Sobrenome</i>	Antropônimo que identifica o pertencimento do indivíduo a uma família. Geralmente provêm dos genitores e sucede o prenome.	<i>Sobrenome</i>	Porção da frase antroponímica que está associada às relações de ascendência familiar, depositária da faculdade de integração do indivíduo em um dado grupo em que se praticam as relações de parentesco. Exerce também a importante

¹⁸ Souza (2023) foi orientado no mestrado por Soledade, por isso, teve acesso ao material do livro *Os brasileiros e seus nomes: aspectos teóricos e sócio-históricos da antroponímia no Brasil* (2024) desde antes de sua publicação oficial. É por essa razão que o trabalho de Souza (2023) cita o de Soledade (2024) mesmo que o último seja mais recente.

			função social de mitigar as homônias dentro das comunidades de fala. Do ponto de vista organizacional da frase antroponímica, os sobrenomes se posicionam à margem direita do(s) prenome(s), sendo sobrenome tudo aquilo que não é prenome. Ex.: (<i>Costa, Martins, Gomes, Sousa</i>).
<i>Agnome</i>	Antropônimo que indica uma relação de parentesco com outro indivíduo, via de regra, por via patrilínea.	<i>Agnome</i>	Porção da frase antroponímica que tem a função de diferenciar pessoas da mesma família que possuem os mesmos prenomes e sobrenomes na mesma ordem, impedindo uma homônima dentro do mesmo grupo familiar. Não é transmissível a seus descendentes. Ex.: (<i>Filho, Neto, Sobrinho, Júnior</i>).
<i>Apelido (ou alcunha, ou cognome)</i>	Antropônimo que se atribui a um indivíduo geralmente por outra pessoa e que costuma aludir a uma característica física ou intelectual ou ainda a um fato ou comportamento social.	<i>Apelido</i>	Um nome que não integra a frase antroponímica, sendo, portanto, um tipo de antropônimo interdito nas esferas oficiais. Em segundo lugar, apelidos são um tipo de antropônimo, geralmente, atribuído por outra pessoa, que não necessariamente está inserida no círculo de parentesco e que tem por finalidade atribuir uma caracterização específica, seja positiva ou negativa, ao indivíduo que o recebe. Impõem-se, no uso, através de sua função apelativa, em detrimento do seu valor etimológico. Ex.: (<i>Cabeção, Boca do Inferno - Gregório de Matos</i>).
<i>Hipocorístico</i>	Antropônimo formado a partir de uma alteração morfológica (abreviação, diminutivo, aumentativo, etc.) de outro antropônimo. Geralmente criado em ambientes de maior intimidade.	<i>Hipocorístico</i>	Prenomes que se configuram diferentemente dos apelidos, mantêm relação de identidade com os prenomes ou sobrenomes que lhes dão origem e seus usos até mesmo extrapolam os contextos das relações de familiaridade e intimidade. Ex.: (<i>Mateus ~ Teteus, Beatriz ~ Bia, Roberto ~ Beto, do Carmo ~ Duca</i>).
<i>Pseudônimo</i>	Antropônimo empregado por um indivíduo em lugar do seu nome civil e escolhido pelo	<i>Pseudônimo</i>	Pseudônimos se diferenciam, essencialmente, dos apelidos pelo fato de que são, em geral,

	próprio portador do nome próprio.		escolhidos pelo próprio indivíduo e se comportam, em geral, como uma frase antroponímica (prenome + sobrenome), apresentando uma estrutura que simula o ortônimo, em virtude de seu objetivo que é, de fato, esconder ou recriar a identidade oficial, gerando uma nova identidade, digamos, oficiosa. Ex.: (<i>Suzana Flag</i> – pseudônimo de <i>Nelson Rodrigues</i>).
Codinome	Antropônimo empregado para ocultar a identidade de um indivíduo. Pode ser escolhido pelo próprio portador ou por outrem e frequentemente possui traço negativo.	Codinome	Não apresenta a configuração de uma frase antroponímica, podendo aparecer como um prenome simples ou composto, ou ainda como um sobrenome ou apelido, podendo estes ser de escolha do próprio indivíduo ou atribuídos por outrem. Os codinomes, não podem ser oficializados já que se subentendem como sendo de uso em contextos de práticas ilegítimas ou desreguladas por uma lei. Ex.: (<i>Lagarto</i> , <i>Sapato</i> , <i>Fantasma</i>).
Heterônimo	Antropônimo atribuído a um indivíduo fictício, criado pelo portador de outro antropônimo.	Heterônimo	Os heterônimos, assim como, os pseudônimos, possuem a característica de simular uma frase antroponímica, incluindo prenome(s) e sobrenome(s). Também como os pseudônimos, são escolhidos pelo próprio sujeito que deles fará uso. Os heterônimos são motivados pela criação não apenas de um novo nome para o mesmo indivíduo, mas de uma nova identidade, biografia e estilo. Podem aparecer na esfera da ilegalidade, sob o nome de falsa identidade. Ex.: (<i>Alberto Caeiro</i> , <i>Alvaro de Campos</i> , <i>Ricardo Reis</i> – heterônimos de <i>Fernando Pessoa</i>).

<i>Nome artístico (e nome de palco)</i>	Antropônimo empregado por um indivíduo em lugar do seu nome civil e pelo qual se faz conhecido em sua atividade profissional, especialmente em áreas como música, cinema, teatro, televisão e afins.	<i>Nome de fama</i>	Todo nome artístico, de palco, de palanque, de circulação midiática que faça o sujeito ser reconhecido como atuante naquela determinada seara da vida pública, daí o emprego do termo fama, que se relaciona ao adjetivo famoso ‘que tem fama, renomado, célebre’. Não apresenta relação explícita com o nome civil completo do indivíduo. Pode ser incluído no nome civil. Ex.: (<i>Machado de Assis - Joaquim Maria Machado de Assis</i>).
<i>Nome de guerra</i>	Antropônimo empregado como substituto do nome civil em ambientes restritos, especialmente no meio militar, na maçonaria, na prostituição e no crime organizado.	<i>Nome de guerra</i>	Termo genericamente empregado em várias esferas sociais e se caracteriza do ponto de vista formal por ser um prenome simples ou duplo, um sobrenome simples ou complexo (mais de um elemento) ou, ainda, um apelido ou hipocorístico. Se diferem dos nomes de fama, pois não se tratam de nomes de figuras públicas e sim da nomeação de um indivíduo comum ou de fama relativa dentro dos seus espaços de atuação. Ex.: (<i>Bruna Surfistinha</i>)
<i>Nome religioso</i>	Antropônimo empregado por membros de comunidades religiosas em lugar do nome civil.	*	*
<i>Nome social</i>	Antropônimo pelo qual a pessoa, especialmente transexual e travesti, se identifica e é reconhecida socialmente.	<i>Nome social</i>	Um prenome, simples, duplo ou composto, que substitui o prenome declarado no registro civil anterior. Conforma-se por ser uma escolha do indivíduo, que embora possa ter sido feita em períodos anteriores à maioridade civil, só pode ser legitimamente integrada ao nome oficial por um adulto. Ex.: (<i>Fabiola</i> , que tinha por nome <i>Fábio</i> , pode-se acrescentar aqui, quaisquer outros nomes vexatórios dados na infância e alterados na vida adulta).

<i>Nome de urna</i>	Antropônimo escolhido pelo candidato às eleições proporcionais para registrar-se na Justiça Eleitoral.	*	*
<i>Nome parlamentar</i>	Antropônimo escolhido pelo indivíduo eleito a cargo legislativo para ser usado em documentos oficiais da casa legislativa.	*	*
*	*	<i>Nickname</i>	É um tipo específico de apelido usado em contextos virtuais: redes sociais, chats, fóruns, jogos online, blogs, entre outros. Os jogos online são os privilegiados quanto aos usos de Nicks. Ex.: (<i>Jul17off</i>).

Fonte: (Souza, 2023, p. 28).

De modo geral, no presente trabalho serão abordados os nomes de pessoa da tipologia *prenome*, essa opção metodológica foi adotada considerando a natureza dos dados sob crivo da nossa análise, que foram extraídos de documentos oficiais (lista de bordo e passaportes), fato que os caracteriza, portanto, como nomes oficiais de imigrantes italianos. Entendemos, pois, com Soledade (2024), que os prenomes se configuram como elementos da frase antroponímica que carregam o valor de demarcar a identidade pessoal, diferente dos sobrenomes que possuem a função de demarcar a identidade familiar.

Por sua vez, no contexto dos contatos linguísticos, os prenomes, por serem objeto de escolha dos falantes – sobrenomes são herdados, não escolhidos –, são elementos reveladores das influências linguísticas que podem ocorrer entre povos distintos.

8. CONTEXTO HISTÓRICO DA GRANDE IMIGRAÇÃO

Para entender a vinda maciça dos imigrantes italianos para o Brasil, é importante falar do contexto sócio-econômico que se desenrolava no país desde meados do século XIX e os acontecimentos que levaram tanto à abolição da escravidão quanto à Proclamação da República.

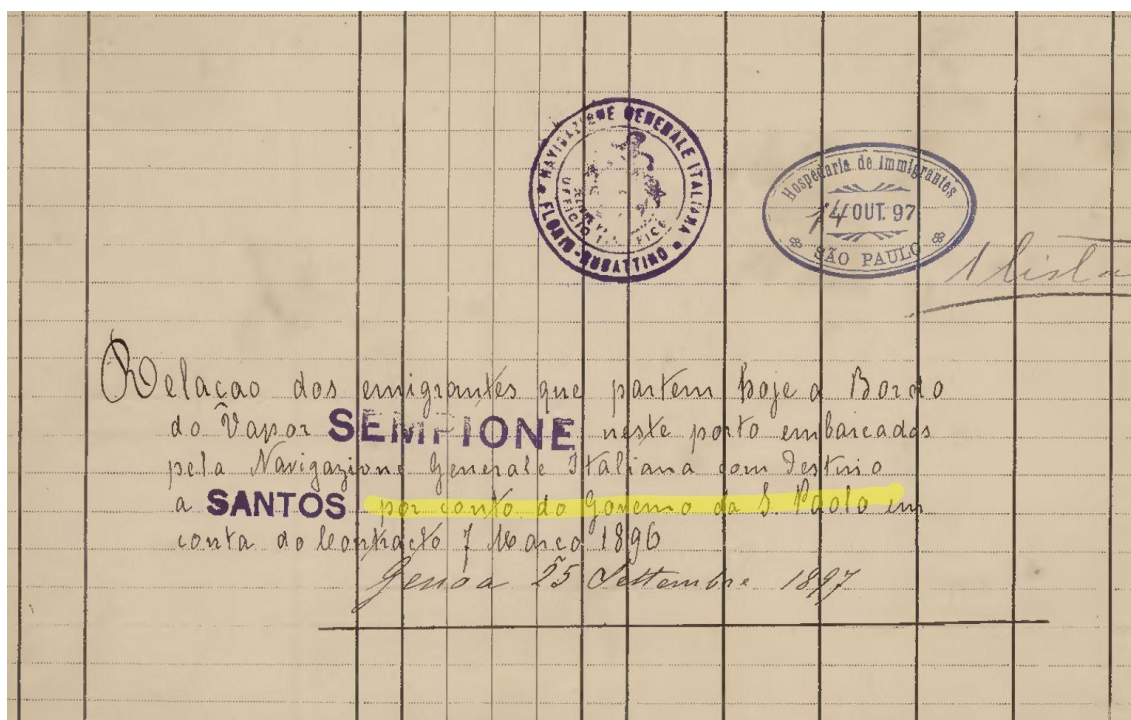
O Império Português estava abalado no Segundo Reinado, saindo de diversas revoltas populares do Período Regencial. O ciclo de revoluções liderado por escravizados na Bahia entre 1807 e 1835, com destaque para a revolta dos Malês (1835), também contribuiu para a crise, que era política, econômica e social. Política, porque colocava o poder imperial em cheque, de maneira mais intensa por conta do fortalecimento das ideias republicanas – que retroalimentavam o abolicionismo. Econômica, porque trabalho livre pressupõe salário, fato que teria impacto monetário. Social, porque a elite imperial defendia ideais eugenistas que classificavam os integrantes da população afro-brasileira como:

Indisciplinados, preguiçosos e desleais, portanto, inaptos para o trabalho livre. Diziam que só a imigração branca daria ao país cidadãos exemplares e, ao imperador, súditos fiéis. Esse discurso [...] baseava-se em teorias produzidas na Europa, segundo as quais negros e mestiços eram ‘raças inferiores’ e a ‘raça branca’ era a única capaz de criar civilização. Essa visão racista da elite imperial fazia do europeu, especialmente o de pele mais clara e católico, o trabalhador preferido. (Boulos Júnior, 2011, p. 546)

Decretos e leis da época de transição do Império à República demonstram que a mudança de regime não implicou em mudança de mentalidade, esses mesmos documentos legais também fornecem provas linguísticas e discursivas da política estatal de branqueamento populacional empregada pelo governo brasileiro à época, que favorecia a vinda e estadia do imigrante europeu, principalmente o italiano, enquanto cerceava e impedia acesso a terras e melhores condições de vida aos ex-escravizados. Fato é que, por advirem de uma cultura de origem latina e católica, os italianos representavam uma população de interesse dada a pouca resistência a aculturação e integração na sociedade brasileira e, portanto, foram beneficiados com políticas para que viessem e permanecessem no país. Uma análise de léxico e estruturas sintáticas, orientada pela perspectiva da gramática sistêmico-funcional (Halliday, 1994), dos textos da época pode comprovar isso, como será explicitado ao longo deste capítulo.

O Estado brasileiro chegou a pagar custas de passagens, entre outras benesses, como pode ser visto na imagem abaixo, que retrata a primeira página da lista de bordo do Vapor Sempione (1897), onde pode-se ler que a viagem desses imigrantes italianos foi custeada pelo governo brasileiro:

Figura 8 – lista de bordo do Vapor Sempione, 1897¹⁹



Fonte: Museu da Imigração de São Paulo.

Declarações como essa, escrita na lista de bordo examinada, são uma das diversas demonstrações discursivas da facilitação da imigração de europeus por parte do governo do Brasil. Entre as leis do período que evidenciam as políticas estatais de branqueamento populacional através da imigração europeia está a Lei de Terras (Lei n. 601 de 18 de setembro de 1850), que além de permitir a posse de terras apenas através da compra,

¹⁹ Na imagem, pode-se ler: “Relação dos emigrantes que partem hoje a Bordo do vapor Sempione neste porto embarcados pela Navegazione Generale Italiana com destino a Santos **por conta do governo da S. Paulo** em conta do contracto 7 Março 1896 Genova 25 Settembre 1897” (tradução nossa, grifo nosso).

deixava clara a política velada de substituição da mão-de-obra dos africanos escravizados pela de europeus, já no preâmbulo se lê:

Dispõe sobre as terras devolutas no Império, e acerca das que são possuídas por título de sesmaria sem preenchimento das condições legais. bem como por simples título de posse mansa e pacífica; e determina que, medidas e demarcadas as primeiras, sejam elas cedidas a título oneroso, assim para empresas particulares, como para o estabelecimento de colonias de nacionaes e de estrangeiros, *autorizado o Governo a promover a colonisação estrangeira* na forma que se declara. (Brasil Império, 1850, p. 1, grifo nosso)

No artigo 18 da lei, o texto reforça esse caráter, uma vez que é o tesouro nacional quem custeia a vinda dos colonos *livres*.

Art. 18. **O Governo fica autorizado a mandar vir annualmente á custa do Thesouro certo numero de colonos livres** para serem empregados, pelo tempo que for marcado, em estabelecimentos agricolas, ou nos trabalhos dirigidos pela Administração publica, ou **na formação de colonias** nos logares em que estas mais convierem; tomando anticipadamente as medidas necessarias para que taes colonos achem emprego logo que desembarcarem. (Brasil Império, 1850, p. 1, grifo nosso)

Diante do exposto, fica claro que a finalidade da instalação desses imigrantes europeus no país seria a de colonizar o território e branquear a população brasileira. Além disso, os colonos europeus são caracterizados pelo adjetivo “livres”, uma perspectiva positiva em contraste com os escravizados que não aparecem no texto sintagmaticamente, mas são parte do paradigma gerado por “livre”, num binômio positivo/negativo, isto é, livre/escravo. Esse fato é reforçado no exame de outras leis do período que classificam o tipo de imigrante desejado, o Decreto nº 528, de 28 de junho de 1890, assinado pelo então Presidente Manoel Deodoro da Fonseca, já na República, preconiza que:

Art. 1º E' inteiramente livre a entrada, nos portos da Republica, dos individuos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos á acção criminal do seu paiz, **exceptuados os indigenas da Asia, ou da Africa** que sómente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admittidos de accordo com as condições que forem então estipuladas (Brasil, 1890, p. 1, grifo nosso).

Art. 2º Os agentes diplomaticos e consulares dos Estados Unidos do Brazil **obstarão pelos meios a seu alcance a vinda dos immigrants daquelles continentes**, communicando immediatamente ao Governo Federal pelo telegrapho quando não o puderem evitar (Brasil, 1890, p. 1, grifo nosso).

Art. 3º A **policia dos portos da Republica impedirá o desembarque de taes individuos**, bem como dos mendigos e indigentes (Brasil, 1890, p. 1, grifo nosso).

Alguns trechos da lei incidem até mesmo multa a navios de colonos livres vindos de África e Ásia: “Art. 4º Os commandantes dos paquetes que trouxerem os individuos a que se referem os artigos precedentes ficam sujeitos a uma multa de 2:000\$ a 5:000\$, perdendo os privilegios de que gozarem, nos casos de reincidência” (Brasil, 1890, p.1).

Observadas as leis, fica patente que se a questão fosse apenas a manutenção da população trabalhadora (operária urbana e agrária rural), quaisquer colonos deveriam ser bem-vindos, mas não foi isso que aconteceu, trabalhadores livres de África e Ásia eram rejeitados, ao passo que os vindos do continente europeu recebiam benefícios como naturalização com isenção de serviço militar, entre outros. De fato, a constatação da materialidade discursiva de serviços trocados entre o Estado brasileiro e os estrangeiros europeus encontra abono em outros textos do período, em especial da jovem República brasileira, momento no qual a abolição já havia ocorrido e as políticas de imigração que favoreciam os estrangeiros brancos se desenrolam com o mesmo – ou talvez maior – fulgor do fim do Segundo Reinado. Para contextualizar historicamente a evidencialidade léxico-gramatical da negociação de táticas jurídicas de viés racista, cabe apontar que, em 1911, realizou-se, em Londres, o Primeiro Congresso Internacional das Raças, no qual – a mando do então presidente da jovem República brasileira, Marechal Hermes da Fonseca – palestrou o delegado oficial do Brasil, João Baptista Lacerda, professor honorário da Faculdade de Medicina do Chile e Diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, em seu trabalho intitulado *Sobre os mestiços no Brasil*, o palestrante afirmou:

Depois da abolição, o negro entregue a ele próprio começou por sair dos grandes centros civilizados, sem procurar melhorar, no entanto, sua posição social, fugindo do movimento e do progresso ao qual não poderia se adaptar. Vivendo uma existência quase selvagem, sujeito a todas as causas de destruição, sem recursos suficientes para se manter, refratário a qualquer disciplina que seja, o negro se propaga pelas regiões pouco povoadas e tende a desaparecer de nosso território, como uma raça destinada à vida selvagem e rebelde à civilização (Lacerda, 1911, p. 7).

Fica claro, então, o fio condutor racista do discurso da época. Além disso, tratando sobre a imigração europeia, facilitada discursiva e materialmente por leis como a Lei de Terras, e do impacto de miscigenação que esta imigração teve – e continua a ter – na população brasileira, Lacerda ainda declarou:

A seleção sexual continua a aperfeiçoar sempre ao subjugar o atavismo e purga os descendentes de mestiços de todos os traços característicos do negro. Graças a este procedimento de redução étnica, é lógico supor que, no espaço de um novo século, os mestiços desaparecerão do Brasil, fato que coincidirá com a extinção paralela da raça negra entre nós [...]. A população mista do Brasil deverá então ter, dentro de um século, um aspecto bem diferente do atual. As correntes de imigração europeia, que aumenta a cada dia e em maior grau o elemento branco desta população, terminarão, ao fim de certo tempo, por sufocar os elementos dentro dos quais poderiam persistir ainda alguns traços do negro. O Brasil, então, tornar-se-á um dos principais centros civilizados do mundo; este será o grande mercado da riqueza da América [...] (Lacerda, 1911, p. 7).

Os excertos supracitados, proferidos por um delegado oficial do Brasil, corroboram a existência cabal de caráter de higiene racial das políticas de imigração brasileiras frente à abolição e demonstram não apenas o racismo do discurso dominante na sociedade do Império e da República da Espada, mas também desejo, manifestado através de escolhas lexicais ostensivas, pelo apagamento étnico e epistemológico das populações negras no país como um passo constitutivo da nação brasileira.

Olhando especificamente para a imigração italiana no Brasil podemos dizer que ela se destacou a partir de 1880, dentro do contexto social que abordamos acima. É importante destacar que do lado europeu havia um cenário de Primeira Guerra Mundial, além de muito graves problemas econômicos e políticos na Itália o que favoreceu e impulsionou o grande fluxo de imigrantes italianos. Essa migração levou a uma ocupação principalmente das regiões sul e sudeste, especialmente, em estados como São Paulo, onde italianos estabeleceram colônias e contribuíram significativamente para o desenvolvimento econômico e cultural.

Soledade (2024) destaca que esse movimento migratório resultou na formação de uma comunidade italiana no Brasil que representava cerca de 9% da população do Rio Grande do Sul, por exemplo. Esses imigrantes não apenas trouxeram suas línguas e culturas, mas também influenciaram a formação social e linguística do país. A sua presença se consolidou nas regiões mais dinâmicas do Brasil, especialmente naqueles estados de crescimento acelerado, como São Paulo, contribuindo para a introdução de nomes próprios típicos da cultura italiana na população brasileira.

A história da imigração italiana no Brasil revela uma ligação profunda entre o fluxo migratório e a formação dos nomes próprios, registrando uma permanência cultural que se reflete até os dias atuais. Entre os nomes italianos mais comuns, destacam-se *Alessandro, Andreia, Antonela, Bianca, Dante, Enrico, Enzo, Fabrizio, Giacomo, Giovane, Giovana, Giulia, Guido, Kiara/Chiara, Lucca, Luigi, Paola, Pietro e Vincenzo*. Os dados indicam que muitos desses nomes têm origem no latim, grego ou outras línguas europeias, mas apresentam fonologia característica da língua italiana.

Nessa perspectiva, sendo o italiano o imigrante europeu por excelência, fica mais do que justificada a investigação dos impactos culturais e linguísticos causados por sua presença no caldeirão cultural que moldou a experiência sócio-histórica e antropológica constituidora da realidade brasileira tal como se apresenta hoje, sendo o componente antroponímico apenas um dos prismas passíveis de análise, principalmente sob a luz de

movimentos massivos de brasileiros em busca de reconhecimento de cidadania italiana, fato ilustrado pelo jornal Correio Brasiliense na manchete que comunica que “autoridades da Itália têm reclamado que o aumento no número de pedidos de brasileiros para obter cidadania italiana via judicial está sobrecarregando os tribunais e prefeituras” (15 fev. 2024).

9. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

As cidades de Santos (SP) e Vitória (ES) foram pontos principais de entrada para estrangeiros no Brasil. Esse forte legado histórico deu origem a duas importantes iniciativas de preservação da memória da imigração: em São Paulo, o Museu da Imigração, que guarda acervos de documentos como listas de bordo de navios e livros de registro de estalagens. Já no Espírito Santo, o Projeto Imigrantes disponibiliza, de maneira facilitada, acesso aos documentos de viagem dos estrangeiros que vieram construir novas vidas em nosso país. Essas são as bases de dados consultadas para a construção do corpus antroponímico analisado neste trabalho, isto é, o Museu da Imigração de São Paulo e o Projeto Imigrantes do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

Uma parte expressiva do léxico antroponímico brasileiro foi construída a partir dos imigrantes, principalmente os italianos, segundo o IBGE (2007), no período de Grande Imigração (décadas de 1870 a 1920), dos 3,3 milhões de imigrantes em terras brasileiras, cerca de 1,4 milhão eram italianos, considerados o tipo “ideal” de imigrante porque:

O italiano, sendo um povo latino, era considerado, ao lado dos portugueses e espanhóis, pela proximidade de língua, religião e costumes, mais facilmente assimilável por nossa sociedade do que os alemães ou japoneses, não oferecendo os riscos de formação de núcleos [...] por outro lado, o italiano respondia adequadamente a uma outra condição fundamental de atração de imigrantes no período, e que consistia em uma política de branqueamento de nossa população. (IBGE, 2007, p.163)

Daí a importância de entender e mensurar o impacto do elemento italiano na construção do léxico antroponímico brasileiro.

9.1 MUSEU DA IMIGRAÇÃO

O porto de Santos (SP) tem grande importância no que tange ao influxo migratório de europeus no Brasil, uma vez que é o maior porto da América Latina (CNT, 2014)²⁰ e, portanto, não é de se espantar que tenha sido a maior porta de entrada de imigrantes no país. Segundo a prefeitura da cidade de Santos:

A grande imigração de italianos começou em 1836, quando vinham atrás das plantações de café. O processo se intensificou no final do século 19 e o Museu

²⁰ Disponível em: <https://www.cnt.org.br/agencia-cnt/porto-santos-ranking-movimentacao-containers-crescimento-06102014>. Acesso em: 27 jan. 2025.

da Imigração de São Paulo estima que, de 1887 a 1908, um milhão de pessoas, em grande parte italianos, entraram no Brasil. (Prefeitura da cidade de Santos, 2019).

Muitos desses estrangeiros, recém-chegados e sem ter onde morar, eram encaminhados para a Hospedaria de Imigrantes do Brás, inaugurada em 1887, ela tinha como principais funções a acolhida e o encaminhamento dos imigrantes ao mercado de trabalho. O conjunto de prédios da antiga hospedaria – que oferecia alojamento, farmácia, atendimento médico, entre outros – foi transformado num complexo histórico que hoje abriga o Museu da Imigração de São Paulo, esse importante projeto de preservação histórica disponibiliza uma série de acervos digitais, como registros de matrícula das pessoas que passaram pela hospedaria, jornais da época e mais. Dessa monumental coleção, extraímos a lista de bordo do Vapor Sempione, que saiu da cidade italiana de Gênova, em setembro de 1887 e atracou no porto de Santos – em data não especificada. A escolha desse documento se justifica pelo fato de o vapor ter partido especificamente da Itália, de modo que o recorte dos passageiros ali contido engloba apenas prenomes de interesse para o presente trabalho, isto é, de italianos.

A lista do Sempione conta com um campo de preenchimento de “religião”, o qual foi maciçamente marcado como “católica”, como pode ser visto na imagem abaixo que mostra os dados de estado civil, nacionalidade e grau de parentesco dos imigrantes italianos a bordo do Sempione em setembro de 1897:

Figura 9 – Religião na lista de bordo

Estado Civil	Nacionalidade	Profissão	Religião	Grão de Parentesco
<i>Amoroso</i>	<i>Italiana</i>	<i>Agricult.</i>	<i>Católica</i>	<i>Capo</i>
<i>maritato</i>	"	"	"	<i>capo</i>
<i>single</i>	"	"	"	<i>figlio</i>
<i>scafato</i>	"	"	"	"
<i>single</i>	"	"	"	"
<i>scafato</i>	"	"	"	"

Fonte: Museu da Imigração de São Paulo.

Da esquerda para a direita, a quarta coluna marca a religião dos tripulantes como “católica”, ambas palavras (religião, católica) podem ser vistas em destaque na imagem, há, portanto, muitos nomes originários da tradição judaico-cristã circunscrita ao idioma italiano nessa base de dados. Embora muitos nomes dessa tradição estejam presentes em vários idiomas, os metaplasmos sofridos dentro do sistema fonológico de cada língua, individualmente, geram nomes distintos, por exemplo, *Matteo* (italiano) e *Mateus* (português), isto é, nomes visivelmente aparentados que não obstante são considerados itens onomásticos diferentes dentro do paradigma dessa pesquisa, uma vez que a escolha de um ou de outro pode demonstrar um maior apego à tradição italiana ou um desejo de integração à sociedade brasileira por parte de imigrantes e de seus descendentes diretos. Da lista do Sempione, foram extraídos 275 nomes, resultando em 1.045 ocorrências, o que significa que 275 nomes diferentes foram identificados, gerando entradas, cujo número de aparições no documento foi de 1.045 vezes.

9.2 DADOS DO VAPOR SEMPIONE

A lista do Sempione foi particularmente difícil de explorar devido à baixa resolução da digitalização e à caligrafia clássica utilizada ao longo de todo o documento,

de modo que não foi possível recuperar a totalidade de nomes da lista. Os achados, encontram-se compilados na seguinte tabela:

Tabela 4 – dados da lista de bordo do Sempione

Nome	Ocorrências	Variantes
Adamo	2	
Adelaide	1	
Adele	1	
Adelina	3	
Adolfo	3	
Agata	2	
Agostino	3	
Alberto	1	
Albina	3	
Alceste	1	
Aldo	2	
Alessandra	1	
Alessandro	5	
Alessia	1	
Alfina	1	
Alice	1	
Alia	1	
Amalia	7	
Anabele	3	
Anacleta	1	
Anastasia	1	
Andrea	4	
Angela	31	
Angelina	5	
Angelo	23	
Anna	16	
Annitta	1	
Annunziato	3	
Antonia	14	
Antonio	29	
Angra	3	
Armando	5	
Armida	2	
Arturo	5	
Assunta	7	

Atilio	6	Attilio(1)
Augusta	3	
Augusto	5	
Aurelio	1	
Barbara	1	
Bartolo	3	
Bartolomeu	1	
Basilio	2	
Batta	1	
Battista	6	
Benvenuto	2	
Bernardo	1	
Bianca	2	
Brasilicco	1	
Bruno	2	
Camilla	2	
Candido	1	
Candito	1	
Carlo	15	
Carlotta	1	
Carmela	2	
Carmina	2	
Carola	1	
Carolina	9	
Carrado	1	
Caterina	17	Catterina (4)
Cecilia	2	
Celeste	1	
Cerillo	1	
Cesare	4	
Cesera	3	
Cesira	1	
Cipriano	1	
Clarisse	1	
Clelia	2	
Clemente	2	
Clorinda	1	
Clorindo	1	
Clotilde	1	
Colomba	1	
Concetta	4	Conceta (1)
Concilia	1	
Costante	2	
Constantino	2	

Corella	1	
Cristina	1	
Dante	2	
Decio	1	
Demetrio	3	
Desiderio	1	
Desolina	2	
Diego	1	
Domenica	10	
Domenico	13	
Domitilla	1	
Doralice	1	
Dorotea	1	
Elena	3	
Eleonora	1	
Elio	2	
Elisa	4	
Elisabetta	7	
Eloisa	1	
Elvira	2	
Emilia	5	
Emilio	6	
Emma	4	
Eneria	1	
Enrico	1	
Ermelinda	1	
Erminia	3	
Ernesta	1	
Ernesto	3	
Ersilia	1	
Ettore	5	
Eugenio	4	
Eurico	2	
Eva	1	
Faustino	1	
Feliberto	1	
Felice	4	
Felippo	1	
Ferdinando	3	
Fidelma	1	
Filomena	4	
Fortunato	3	
Francesca	8	
Francesco	10	

Frederico	2	
Gabriele	2	
Gaetano	3	
Generosa	2	
Getulio	1	
Giacomo	12	
Gina	3	
Ginevra	1	
Giobatta	2	
Gioconda	2	
Giosefina	3	
Giovana	5	Giovanna (2)
Giovanni	36	
Giudetta	2	
Giulia	11	
Giuliano	1	
Giulio	1	
Giuseppe	61	
Giustina	1	
Grazia	2	
Graziosa	1	
Guglielmo	1	
Guido	2	
Iole	1	
Irene	1	
Irma	1	
Isabella	1	
Isacco	2	
Isidoro	1	
Itala	2	
Italia	3	
Italisiao	1	
Italo	2	
Janete	1	
Laerte	2	
Lara	1	
Larrano	3	
Laura	1	
Lazzaro	1	
Leonilda	1	
Leticia	1	
Libera	1	
Lodovico	1	
Lola	3	

Lorenzo	2	
Loreta	1	
Lucca	7	
Lucia	4	
Lucilia	1	
Lucio	2	
Luigi	31	
Luisa	1	
Maddalena	11	
Malvino	1	
Marcelino	2	
Marcella	1	
Marco	17	
Marconne	1	
Maria	66	
Maria Teresa	1	
Marianna	4	Mariana (1)
Marina	1	
Mario	2	
Maryberta	3	
Massimiliano	2	
Massimo	1	
Matilde	1	
Melania	1	
Michele	5	
Michele	1	
Modesta	1	
Modesto	1	
Narciso	2	
Natale	3	
Nazareno	4	
Nicola	10	
Noe	1	
Norella	1	
Norma	1	
Ofelia	1	
Olga	2	
Olívia*	2	
Orazio	2	
Orfralice	2	
Oscas	1	
Ottavia	1	
Ottaviano	1	
Ottavio	3	

Pacifico	1	
Paloma	5	
Pantaleone	1	
Paola	3	
Paolo	6	
Pasqua	2	
Pasquale	2	
Pasqualina	1	
Petronilla	1	
Pierina	1	
Pietro	33	
Pilade	1	
Policarpo	1	
Preziosa	1	
Prim	1	
Primo	1	
Raffaella	1	
Raffaele	3	
Raimondo	1	
Regina	5	
Reinaldo	1	
Riccardo	4	
Roberto	3	
Rocco	1	
Rodolfo	1	
Romer	1	
Romeu	2	
Romolo	1	
Rosa	17	
Rosario	2	
Sabatino	1	
Salvatore	2	
Samuele	2	
Santa	6	
Santamaria	1	
Sarita	1	
Sante	4	
Selene	1	
Serene	1	
Silvano	2	
Silvestro	1	
Silvio	1	
Siro	1	
Stefano	2	

Stella	1	
Teodoro	1	
Terenzio	1	
Teresa	26	
Tersilla	3	
Tranquilla***	2	
Tullio	1	
Umberto	1	
Valentina	1	
Valeriano	1	
Venanzio	2	
Vincenzo	11	
Virgilio	1	
Virginia	3	
Virginio	2	
Vito	2	
Vittoria	8	
Vittorio	7	
Total	1045	

Fonte: Museu da Imigração de São Paulo²¹.

O nome mais popular – que apareceu mais vezes – foi *Maria*, com sessenta e seis (66) ocorrências, o que equivale a cerca de 6,32% do total de nomes, seguido imediatamente por *Giuseppe*, com 61 ocorrências (5,84%), sendo este último o correspondente itálico do antropônimo *José*, fica insinuada uma forte influência da fé cristã na antroponímia italiana da época, visto que estes antropônimos correspondem, na doutrina religiosa, aos nomes dos pais de Jesus. Outro fato importante é que há um paralelo direto com os dados do Censo IBGE 2010, uma vez que os nomes *Maria* e *José* figuram, respectivamente, como primeiro e segundo lugares no ranking de popularidade nacional, segundo a plataforma Nomes no Brasil. Outros nomes dignos de nota são *Pietro* (33) e *Giovanni* (36), também bíblicos, e que equivalem a *Pedro* e *João* na tradição antroponímica judaico-cristã circunscrita ao português.

²¹ Lista disponível em:
https://acervodigital.museudaimigracao.org.br/passageiros.php?pesq=1&navio=Sempione&periodo_ano=&periodo_ano2=&dt_ano=&dt_mes=&dt_dia=&Pesquisar=Pesquisar.

Outro dado interessante catalogado pelos pesquisadores do Museu da imigração é que, embora nascimentos nos navios fossem raros – uma vez que as viagens entre Itália e Brasil duravam entre 15 e 20 dias – alguns chegaram a acontecer:

Temos em nossos documentos quatro bebês registrados como Sempione. Três chegaram em 1897 e um em 1902. Todos nasceram a bordo do navio Sempione. Do mesmo modo, três bebês Provence nascidos na embarcação Provence – dois filhos de italianos e um de espanhóis, nos anos de 1895, 1896 e 1908. Há também Bretagne Antônio, que chega na Hospedaria com 10 dias de idade, nascido no vapor Bretagne. E Aquitaine, nascido no vapor Aquitaine em 1895 (Museu da Imigração de São Paulo, 2017)²².

Nomes de pessoa, como bem vimos, refletem crenças, desejos, modismos e a história dos indivíduos, por isso são universais nas línguas, eles deixam marcas profundas na história, tanto a pessoal quanto a da humanidade, e a memória desses pequenos ítalo-brasileiros demonstra isso com maestria.

9.3 PROJETO IMIGRANTES, ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

O Estado do Espírito Santo é emblemático para a memória dos imigrantes, uma vez que a chegada do navio La Sofia ao porto de Vitória, em 17 de fevereiro de 1874, é considerada o marco inicial da imigração italiana no Brasil²³. Como iniciativa de preservação e para celebrar os 150 anos da imigração italiana, o arquivo público do Estado criou o Projeto Imigrantes:

desenvolvido a partir do cruzamento de informações obtidas principalmente nos documentos sob a guarda e custódia do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, tais como: relações de embarque de passageiros nos navios e desembarque nos portos de destino; listas de entrada e saída das hospedarias; passaportes; matrículas e recenseamentos das colônias agrícolas, entre outros documentos, além das listas de desembarque no porto do Rio de Janeiro fornecidas em cópias de microfilmes pelo Arquivo Nacional. Outros dados foram obtidos em publicações reconhecidas sobre o tema, em certidões, documentos e fotografias fornecidas pelos familiares e pesquisadores. (Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2024)²⁴

²² Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/blog/conhecendo-o-acervo/hospedaria-de-historias-bebes-a-bordo-como-eram-registrados-os-bebes-que-nasciam-nos-navios>. Acesso em: 3 fev. 2025.

²³ Disponível em: <https://www.es.gov.br/Noticia/evento-celebra-os-150-anos-da-imigracao-italiana-no-brasil#:~:text=A%20imigra%C3%A7%C3%A3o%20Italiana%20no%20Esp%C3%ADrito,Palmas%E2%80%9D%2C%20em%20Santa%20Cruz>. Acesso em: 3 fev. 2025.

²⁴ Disponível em: <https://ape.es.gov.br/projeto-imigrantes>. Acesso em: 3 fev. 2025).

De toda esta farta coleção, os documentos explorados para a construção do *corpus* sob crivo da presente análise foram os passaportes dos imigrantes italianos, digitalizados e organizados, alfabeticamente, pela inicial dos sobrenomes. O acervo é de fácil acesso e consulta, como ilustram as imagens abaixo que retratam o site e o caminho de acesso aos documentos ali disponibilizados:

Figura 10 – acesso ao acervo digital do Arquivo Público do ES



Fonte: APEES.

Primeiro, é necessário acessar o site do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, depois, basta clicar em “imigrantes”, como destacado pela seta e círculo verdes na imagem acima. Logo em seguida, o site do Projeto Imigrantes surge na tela, a imagem abaixo (11) retrata a *home page* do projeto.

Figura 11 – Projeto imigrantes



Fonte: APEES.

Dentro das opções do acervo, a consultada para fins dessa pesquisa é a demarcada como “passaportes”, destacada com a seta e o círculo vermelhos. Ao clicar nessa opção, o navegador abre uma página extra, onde os imigrantes aparecem organizados em ordem alfabética das letras iniciais dos sobrenomes, como visto abaixo:

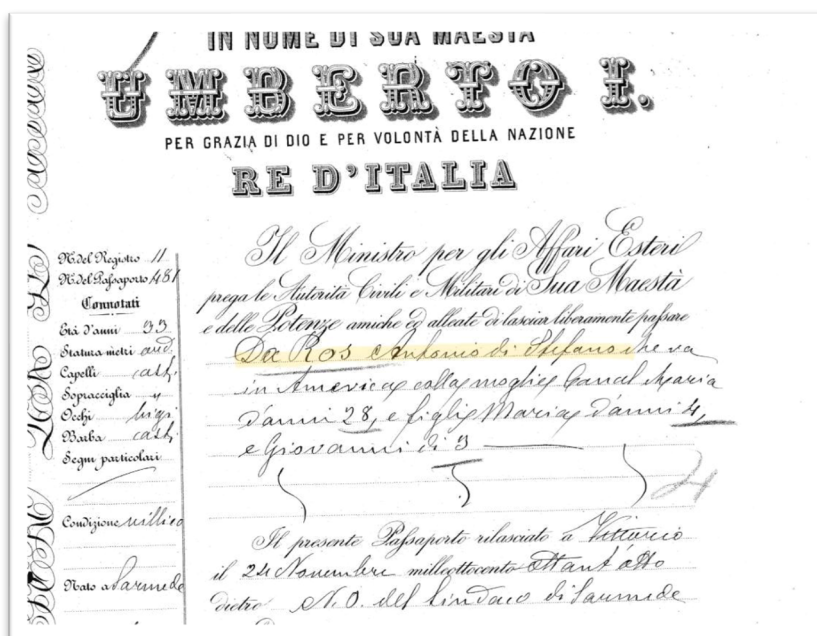
Figura 12 – lista de passaportes, letra A.

PASSAPORTES DO REINO DA ITÁLIA									
A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z									
Número de passaporte	Família	Nome	Nome2	Idade	Número de imigrantes por passaporte	Região de Origem	Dia	Mês	Ano Chegada
1	ACCORSI	Luigi		20	1	Emilia-Romagna	19	12	1888
6	AGOSTINI	Natale		48	6	Vêneto	29	9	1891
5	ALBERGANTE	Giacinto		27	4	Piemonte	02	4	1889
9	ALIPRANDI	Giuseppe		36	4	Lombardia	04	10	1894
8	ARRIVABENE	Antonio	Esposito	53	6	Lombardia	19	9	1891
-	AVANCINI	Adone		46	5	Tirol (Áustria)	02	06	1875
3	AVANZI	Luigi		54	2	Vêneto	27	12	1888
2	AVANZI	Giuseppe Francesco		21	3	Vêneto	27	12	1888
10	AZZINI	Arcadio		42	5	Lombardia	04	10	1894

Fonte: APEES.

Devido à não formalização de como os registros deviam ser lavrados, muitos dos passaportes apresentavam os nomes do pai da pessoa para quem foram emitidos, como pode ser visto nas imagens abaixo, ambas são cópias das digitalizações dos passaportes originais:

Figura 13 – passaporte de Da Ros Antonio di Stefano²⁵

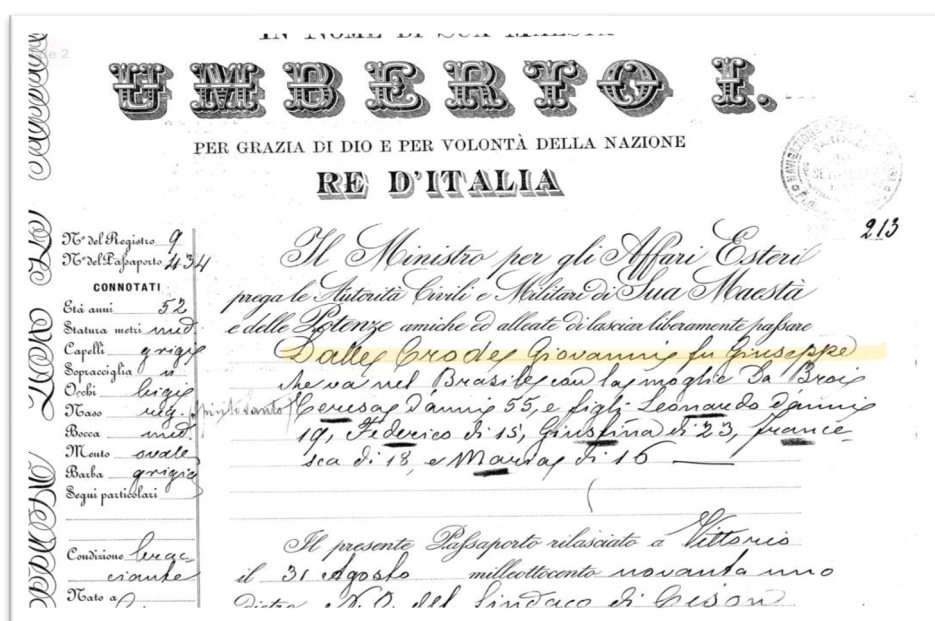


Fonte: APEES.

Na figura de número 13, é possível ver, em destaque, a frase “Da Ros Antônio di Stefano [...]”, cuja tradução mais próxima seria “Antônio da Ros (filho) de Stefano”. Já na imagem 14, a frase destacada é “Dalle Crode Giovanni fu Giuseppe”, isto é, “Giovanni Dalle Crode (filho) do falecido Giuseppe”.

²⁵ (Tradução italiano-português): “Da Ros Antonio de Stefano de Stefano que vai à America com a Mulher Canal Maria, de idade 28, e filhos Maria, de idade 4, e Giovanni de 3.”

Figura 14 – passaporte de Dalle Crode Giovanni fu Giuseppe²⁶



Fonte: APEES.

Esses dados podem ser explicados, segundo Taddone (2020) da seguinte maneira:

Quando num registro italiano, seja civil ou paroquial, um nome aparece anotado como ‘Luigi di Giuseppe Martini’ ou ‘Luigi Martini di Giuseppe’ está se indicando que a pessoa chama-se ‘Luigi Martini’ e seu pai chama-se ‘Giuseppe Martini’ e que este pai estava vivo no momento em que aquele registro foi lavrado. Se o pai já fosse falecido naquela ocasião, o nome estaria anotado da seguinte maneira: ‘Luigi fu Giuseppe Martini’ ou ‘Luigi Martini fu Giuseppe’. Resumindo: o elemento ‘di Giuseppe’ ou ‘fu Giuseppe’ **não** é parte do nome, mas apenas uma referência ao nome do pai. (Taddone, 2020, p. 1, grifo do autor)

Levando essa informação em conta, tais antropônimos – do pai vivo ou falecido – também foram fichados, pois fazem parte da tradição e do histórico familiar dos imigrantes. Da base de dados capixaba (ES), foi possível extrair 268 nomes, que resultaram em 1.377 ocorrências. O total de entradas (nomes), incorporando os prenomes que apareceram nas duas bases de dados, foi 397, o somatório total de ocorrências foi de 2.422.

²⁶ Tradução (italiano-português):

“Dalle Crode Giovanni do falecido Giuseppe que vai ao Brasil com a mulher Da Brois Teresa de idade 55, e filhos Leonardo de idade 19, Federico de 15, Giusefina de 23, Francesca de 18 e Maria de 16.”

9.4 DADOS DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Em alguns casos, nomes não puderam ser recuperados dos documentos por dificuldades de entendimento geradas pela caligrafia. Os dados compilados se encontram na seguinte tabela:

Tabela 5 – dados dos passaportes do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo

Nome	Ocorrências	Variantes
Abramo	2	
Adalgisa	2	
Adamo	1	
Adelaide	3	
Adele	3	
Adelio	1	
Adriano	1	
Agostina	1	
Agostino	6	
Albana	1	
Alberto	1	
Albino	4	
Alesio	2	
Alessandrina	1	
Alessandrina	1	
Alessandro	9	
Alfonso	2	
Alfredo	1	
Amabile	2	
Amadeo	1	
Amalia	4	
Ambrosio	1	
Amelia	2	
Amos	1	
Anacleto	1	
Andrea	8	
Angela	32	
Angelica	1	
Angelina	1	
Angelo	61	
Angiolina	1	
Anna	20	
Anselmo	1	
Antonia	7	
Antonio	77	

Arcadio	1	
Arcangelo	2	
Arturo	2	
Assunta	1	
Attilio	5	
Augusta	4	
Augusto	1	
Aurelio	4	
Bartolo	8	
Bartolomeo	1	
Basilio	1	
Battista	17	
Beatrice	1	
Benedetto	2	
Benevenuto	2	
Benigno	1	
Benilde	1	
Bernardina	1	
Bernardo	1	
Bernardo	2	
Bianca	1	
Callisto	1	
Camillo	1	
Candida	1	
Candido	1	
Carina	1	
Carlo	13	
Carlotta	3	
Carmela	2	
Carmelina	1	
Carolina	8	
Casimiro	1	
Catterina	15	Caterina (4)
Celeste	4	
Celestina	1	
Cesare	7	
Cesarino	1	
Chiara	1	
Cirillo	1	
Clara	1	
Clemente	2	
Clementina	1	
Clorinda	2	
Colomba	1	

Concetta	1	
Costante	1	
Constantino	1	
Cristoforo	1	
Dario	1	
Davide	1	
Delfino	1	
Desiderio	1	
Diamante	1	
Dionisio	2	
Domenica	11	
Domenico	38	
Domizio	1	
Doralice	1	
Dorotea	1	
Egidio	1	
Elena	1	
Eleonora	1	
Elisa	2	
Elisabetta	6	
Elisabetto	1	
Eliseo	1	
Elvira	1	
Emanuela	1	
Emilia	4	
Emma	1	
Enrichetta	1	
Enrico	5	
Erasmus	1	
Erasmus	1	
Ermenegilda	1	
Ermenegildo	1	
Ermenesilda	1	
Erminia	2	
Ernesto	3	
Ettore	3	
Eugenia	4	
Eugenio	12	
Eurico	4	
Eustachia	1	
Evangelista	2	
Evaristo	1	
Faustino	3	
Federico	1	

Felice	5	
Felicità	3	
Ferdinando	7	
Filomena	4	
Fioravante	1	
Flaminio	1	
Flora	1	
Fortunato	9	
Francesca	7	
Francesco	39	
Gaetano	5	
Geminiano	1	
Generosa	1	
Gentile	1	
Gerardo	1	
Germano	1	
Giacinta	1	
Giacinto	3	
Giacomo	20	
Gimena	1	
Gio Batta	19	
Gioachino	1	
Giocondo	1	
Giorgio	2	
Giorgio	2	
Giuseffina	2	Giuseffina (4) In.: SALVIATO Carlo
Giosué	1	
Giovanna	9	
Giovanni	71	
Girolamo	1	
Giuditta	4	
Giulia	7	
Giulietta	1	
Giuseppe	86	
Giustina	1	
Gregorio	1	
Gualtierio	1	
Guglielmo	1	
Gustavo	1	
Innocento	1	
Isidoro	1	
Italia	1	
Italo	1	
Laura	2	

Lazzaro	1	
Leonardo	2	
Leopoldo	1	
Lino	1	
Lodovico	1	
Lorenzo	7	
Lucca	2	
Lucia	10	
Luciano	1	
Luigi	69	
Luigia	23	
Maddalena	7	
Malvina	1	
Marcelo	1	
Marco	7	
Margherita	4	
Maria	79	
Maria-Luigia	2	
Marianna	1	
Mariano	1	
Marietta	1	
Marina	3	
Marino	1	
Mario	3	
Marta	1	
Martino	1	
Massimiliano	2	
Matilde	2	
Matteo	3	
Maurizio	1	
Melania	1	
Michelangelo	1	
Michele	7	
Modesto	1	
Mozé	2	
Napoleone	1	
Narciso	2	
Natale	6	
Nicodemo	1	
Nicola	6	
Odoardo	1	
Olivia	2	
Onorato	2	
Ortensia	1	

Osvaldo	1	
Ottavia	1	
Ottavio	1	
Palmira	4	
Pamelio	1	
Paola	4	
Paolina	1	
Paolo	8	
Pasqua	4	
Pasquale	4	
Pierina	2	
Pietro	60	
Pio	1	
Primo	2	
Prospero	1	
Raffaele	2	
Regina	10	
Riccardo	3	
Roberto	2	
Rodolfo	1	
Romano	1	
Romeu	2	
Romolo	2	
Rosa	27	
Rosalia	1	
Rosalinda	1	
Rosaria	1	
Salvatore	2	
Santa	1	
Sante	11	
Sebastiano	1	
Silvia	1	
Silvio	2	
Sirila	3	
Sperandio	1	
Speranza	1	
Stefanna	2	
Stefano	2	
Teresa	25	
Tomaso	1	
Tranquillo	2	
Umberto	6	
Valentina	2	
Valentino	5	

Venanzio	1	
Verissimo	1	
Vincenza	1	
Vincenzo	6	
Virgilio	2	
Virginia	10	
Virginio	2	
Vitale	1	
Vito	1	
Vittoria	3	
Vittorio	8	
Total	1377	

Fonte: APEES.

9.5 DADOS COMPARADOS: IMIGRAÇÃO X IBGE

Após consolidados em uma tabela que mescla os nomes recolhidos das duas fontes documentais, os números foram confrontados com os dados do Censo IBGE 2010 através de checagem na plataforma Nomes no Brasil, os números entre parênteses, ao lado de cada entrada antroponímia, correspondem ao número de ocorrências nos documentos originais. De modo geral, a primeira coluna traz o antropônimo com o número de ocorrências nas fontes documentais entre parênteses, a segunda coluna retrata o número de ocorrências desses antropônimos no censo do IBGE – nomes em que aparece a notação ≤ 20 possuem menos de 20 ocorrências –, a coluna denominada “Pico” mostra a década – até 2000 – em que esses nomes foram mais populares no Brasil e a coluna “faixa etária” demonstra a idade dos portadores dos nomes em correspondência ao pico de popularidade, ou seja, quantos anos têm a maioria dos portadores de um determinado nome com base em seu pico de popularidade. Esses foram os resultados:

Tabela 6 – tabela comparativa com dados do IBGE

Nome	Ocorrências no IBGE	Pico	Faixa etária do pico
Abramo (2)	142	1930-1940	80 - 100 anos
Adalgisa (2)	9.565	1960	50 - 60 anos
Adamo (3)	834	1980	30 - 40 anos
Adelaide (4)	32.247	1950	60 - 70 anos
Adele (4)	771	1980	30 - 40 anos

Adelina (3)	28.234	1940	70 - 80 anos
Adelio (1)	5.709	1960	50 - 60 anos
Adolfo (3)	17.561	1950	60 - 70 anos
Adriano (1)	338.315	1980	30 - 40 anos
Agata (2)	23.424	2000	10 - 20 anos
Agostina (1)	508	1940	70 - 80 anos
Agostino (9)	958	1950	60 - 70 anos
Albana (1)	129	1940	70 - 80 anos
Alberto (2)	108.359	1960	50 - 60 anos
Albina (3)	5.242	1940-1950	60 - 80 anos
Albino (4)	15.542	1950	50 - 60 anos
Alceste (1)	119	1950	60 - 70 anos
Aldo (2)	35.413	1970	40 - 50 anos
Alessandra (1)	243.633	1970 - 1980	30 - 50 anos
Alessandrina (2)	117	1980	30 - 40 anos
Alessandro (14)	150.491	1980	30 - 40 anos
Alessia (1)	798	2000	10 - 20 anos
Alessio (2)	1.234	1980	30 - 40 anos
Alfina (1)	111	1940 - 1950	60 - 80 anos
Alfonso (2)	1.885	1950	60 - 70 anos
Alfredo (1)	57.357	1950	60 - 70 anos
Alice (1)	192.260	2000	10 - 20 anos
Alya (1)	39	2000	10 - 20 anos
Amabile (2)	3.992	2000	10 - 20 anos
Amadeo (1)	456	1950	60 - 70 anos
Amalia (11)	14.477	1940	70 - 80 anos
Ambrosio (1)	3.612	1940 - 1950	60 - 80 anos
Amelia (2)	56.282	1940	70 - 80 anos
Amos (1)	3.651	1990	20 - 30 anos
Anabele (3)	409	2000	10 - 20 anos
Anacleto (1)	663	1950	60 - 70 anos
Anacleto (1)	4.166	1950	60 - 70 anos
Anastasia (1)	234	1940	70 - 80 anos
Andrea (12)	176.094	1970	40 - 50 anos
Angela (63)	278.058	1970	40 - 50 anos
Angelica (1)	123.200	1990	20 - 30 anos
Angelina (6)	46.649	1940	70 - 80 anos
Angelo (84)	473	2000	10 - 20 anos
Angiolina (1)	38	Ø	Ø
Anna (36)	55.426	2000	Ø
Annitta (1)	37.219	1940	70 - 80 anos
Annunziato (3)	≤ 20	Ø	Ø
Anselmo (1)	78	1980	30 - 40 anos
Antonia (21)	588.783	1960	50 - 60 anos

Antonio (106)	8.854	1970 - 1980	30 - 50 anos
Arcadio (1)	≤ 20	∅	∅
Arcangelo (2)	≤ 20	∅	∅
Angra (3)	≤ 20	∅	∅
Armando (5)	53.677	1960	50 - 60 anos
Armida (2)	275	1930	90 - 100 anos
Arturo (7)	517	1950	60 - 70 anos
Assunta (8)	2.177	1940	70 - 80 anos
Atilio (11)	5.209	1950	60 - 70 anos
Augusta (7)	16.615	1930	90 - 100 anos
Augusto (6)	105.177	1990	20 - 30 anos
Aurelio (5)	19.542	1970	40 - 50 anos
Barbara (1)	170.703	1990	20 - 30 anos
Bartolo (11)	168	1950	60 - 70 anos
Bartolomeo (1)	67	∅	∅
Bartolomeu (1)	13.527	1960	50 - 60 anos
Basilio (3)	5.229	1940	70 - 80 anos
Battista (44)	5.581	1960	50 - 60 anos
Beatrice (1)	1.336	2000	10 - 20 anos
Benedetto (2)	25	∅	∅
Benevenuto (4)	405	1950	60 - 70 anos
Benigno (1)	1.889	1930	90 - 100 anos
Benilde (1)	2.004	1960	50 - 60 anos
Bernardina (1)	2.988	1940	70 - 80 anos
Bernardo (4)	56.893	2000	10 - 20 anos
Bianca (3)	233.715	2000	10 - 20 anos
Brasilicco (1)	≤ 20	∅	∅
Bruno (2)	668.217	1990	20 - 30 anos
Callisto (1)	1.772	1950	60 - 70 anos
Camilla (2)	471.559	1990	20 - 30 anos
Camillo (1)	14.505	1980	30 - 40 anos
Candida (1)	18.937	1950	60 - 70 anos
Candido (2)	12.830	1950	60 - 70 anos
Candito (1)	100	1950	60 - 70 anos
Carina (1)	63.555	1980	30 - 40 anos
Carlo (28)	10.150	2000	10 - 20 anos
Carlotta (4)	3.825	1940	70 - 80 anos
Carmela (4)	2.571	1930	90 - 100 anos
Carmelina (1)	6.081	1940	70 - 80 anos
Carmina (2)	3.526	1940	70 - 80 anos
Carola (1)	466	1980	30 - 40 anos
Carolina (17)	191.221	1990	20 - 30 anos
Carrado (1)	≤ 20	∅	∅
Casimiro (1)	1.676	1940	70 - 80 anos

Catterina (32)	479	2000	10 - 20 anos
Cecilia (2)	104.497	1950	60 - 70 anos
Celeste (5)	12.984	1950 - 1960	50 - 70 anos
Celestina (1)	4.878	1930	90 - 100 anos
Cerillo (1)	353	1940	70 - 80 anos
Cesare (11)	111	Ø	Ø
Cesarino (1)	501	1940	70 - 80 anos
Cesera (3)	≤ 20	Ø	Ø
Cesira (1)	263	1930	90 - 100 anos
Chiara (1)	1.355	2000	10 - 20 anos
Cipriano (1)	2.350	1950	60 - 70 anos
Cirillo (1)	4.121	1950	60 - 70 anos
Clara (1)	82.936	2000	10 - 20 anos
Clarisse (1)	21.545	2000	10 - 20 anos
Clelia (2)	11.418	1960	50 - 60 anos
Clemente (4)	10.561	1940	70 - 80 anos
Clementina (1)	6.056	1940	70 - 80 anos
Clorinda (3)	424	1930	90 - 100 anos
Clorindo (1)	50	Ø	Ø
Clotilde (1)	9.189	1940	70 - 80 anos
Colomba (2)	48	Ø	Ø
Concetta (5)	152	antes de 1930	100 anos
Concília (1)	360	1960	50 - 60 anos
Constante (3)	524	1940	70 - 80 anos
Constantino (3)	4.159	1940	70 - 80 anos
Corella (1)	≤ 20	Ø	Ø
Cristina (1)	192.698	1970	
Cristoforo (1)	≤ 20	Ø	Ø
Dante (2)	4.362	2000	10 - 20 anos
Dario (1)	31.033	1980	30 - 40 anos
Davide (1)	1.335	2000	10 - 20 anos
Decio (1)	16.988	1960	50 - 60 anos
Delfino (1)	3.030	1940	70 - 80 anos
Demetrio (3)	6.254	1970	40 - 50 anos
Desiderio (2)	602	1950	60 - 70 anos
Desolina (2)	349	1930	90 - 100 anos
Diamante (1)	≤ 20	Ø	Ø
Diego (1)	424.428	1990	20 - 30 anos
Dionisio (2)	19.442	1950	60 - 70 anos
Domenica (21)	1.369	1990	20 - 20 anos
Domenico (51)	1.043	1930	90 - 100 anos
Domitilla (1)	716	1940	70 - 80 anos
Domizio (1)	≤ 20	Ø	Ø
Doralice (2)	33.216	1950	60 - 70 anos

Dorotea (2)	636	1950	60 - 70 anos
Egidio (1)	7.472	1950	60 - 70 anos
Elena (4)	40.101	1950	60 - 70 anos
Eleonora (2)	4.681	1960	50 - 60 anos
Elio (2)	37.816	1960	50 - 60 anos
Elisa (6)	54.867	2000	10 - 20 anos
Elisabetta (130)	270	1950	60 - 70 anos
Elisabetto (1)	32	Ø	Ø
Eliseo (1)	775	1960	50 - 60 anos
Eloisa (1)	58.707	2000	10 - 20 anos
Elvira (3)	31.125	1940	70 - 80 anos
Emanuela (1)	19.865	2000	10 - 20 anos
Emilia (9)	51.734	1950	60 - 70 anos
Emilio (6)	21.402	1950	60 - 70 anos
Emma (5)	810	antes de 1930	100 anos
Eneria (1)	28	Ø	Ø
Enrichetta (1)	≤ 20	Ø	Ø
Enrico (6)	3.891	2000	10 - 20 anos
Erasmo (2)	18.556	1980	30 - 40 anos
Ermelinda (1)	6.515	1940	70 - 80 anos
Ermenegilda (1)	326	1940	70 - 80 anos
Ermenegildo (1)	1.004	1940	70 - 80 anos
Ermenesilda (1)	≤ 20	Ø	Ø
Erminia(5)	5.854	1940	70 - 80 anos
Ernesta (1)	1.143	1930	90 - 100 anos
Ernesto (6)	22.062	1950	60 - 70 anos
Ersilia (1)	435	1940	70 - 80 anos
Ettore (8)	561	2000	10 - 20 anos
Eugenia (4)	17.116	1960	50 - 60 anos
Eugenio (16)	28.538	1960	50 - 60 anos
Eurico (6)	11.622	1940	70 - 80 anos
Eustachia (1)	≤ 20	Ø	Ø
Eva (1)	161.039	1960	50 - 60 anos
Evangelista (2)	6.398	1960	50 - 60 anos
Evaristo (1)	8.728	1950	60 - 70 anos
Faustino (4)	5.028	1950	60 - 70 anos
Federico (1)	951	1980	30 - 40 anos
Feliberto (1)	41	Ø	Ø
Felice (9)	208	1930	90 - 100 anos
Felicita (3)	254	1930	90 - 100 anos
Felippo (1)	161	2000	10 - 20 anos
Ferdinando (10)	2.264	1980	30 - 40 anos
Fidelma (1)	20	Ø	Ø
Filomena (8)	19.143	1960	50 - 60 anos

Fioravante (1)	1.023	1940	70 - 80 anos
Flaminio (1)	208	1950	60 - 70 anos
Flora (1)	9.561	1940	70 - 80 anos
Fortunato (12)	2.679	1950	60 - 70 anos
Francesca (15)	840	1980	30 - 40 anos
Francesco (49)	1.496	2000	10 - 20 anos
Frederico (2)	36.821	1980	30 - 40 anos
Gabriele (2)	124.748	2000	10 - 20 anos
Gaetano (8)	200	1930	90 - 100
Geminiano (1)	273	1950	60 - 70 anos
Generosa (3)	3.250	1940	70 - 80 anos
Gentile (1)	205	19430	90 - 100 anos
Gerardo (1)	5.692	1950	60 - 70 anos
Germano (1)	15.532	1980	30 - 40 anos
Getulio (1)	26.978	1950	60 - 70 anos
Giacinta (1)	≤ 20	∅	∅
Giacinto (3)	≤ 20	∅	∅
Giacomo (32)	765	1990	20 - 30 anos
Gimena (1)	167	1980	30 - 40 anos
Gina (3)	4.702	1960	50 - 60 anos
Ginevra (1)	≤ 20	∅	∅
Gioachino (1)	≤ 20	∅	∅
Gioconda (2)	565	1970	40 - 50 anos
Giocondo (1)	109	1960	50 - 60 anos
Giorgio (4)	834	1980	30 - 40 anos
Giosefina (5)	≤ 20	∅	∅
Giosué (1)	109	1960	50 - 60 anos
Giovanna (14)	107.324	2000	10 - 20 anos
Giovanni (128)	8.324	2000	10 - 20 anos
Girolamo (1)	21	∅	∅
Giudetta (2)	≤ 20	∅	∅
Giuditta (4)	≤ 20	∅	∅
Giulia (18)	18.742	2000	10 - 20 anos
Giuliano (1)	5.862	1970	40 - 50 anos
Giulietta (1)	≤ 20	∅	∅
Giulio (1)	603	1990	20 - 30 anos
Giuseppe (147)	1.704	1990	20 - 30 anos
Giustina (2)	≤ 20	∅	∅
Grazia (2)	152	1960	50 - 60 anos
Graziosa (1)	≤ 20	∅	∅
Gregorio (1)	10.761	1950	60 - 70
Gualtiero (1)	24	∅	∅
Guglielmo (2)	80	∅	∅
Guido (2)	6.964	1950	60 - 70 anos

Gustavo (1)	541.480	2000	10 - 20 anos
Innocento (1)	≤ 20	∅	∅
Iole (1)	722	1950	60 - 70 anos
Irene (1)	137.496	1950	60 - 70 anos
Irma (1)	21.975	1940	70 - 80 anos
Isabella (1)	216.884	2000	10 - 20 anos
Isacco (2)	20	∅	∅
Isidoro (2)	3.472	1950	60 - 70 anos
Itala (2)	5.650	1990	20 - 30 anos
Italia (4)	1.191	antes de 1930	90 - 100
Italisiao (1)	≤ 20	∅	∅
Italo (3)	96.817	2000	10 - 20 anos
Janete (1)	108.731	1970	40 - 50 anos
Laerte (2)	15.636	1960	50 - 60 anos
Lara (1)	106.106	2000	10 - 20 anos
Larrano (3)	56.218	∅	∅
Laura (3)	210.549	2000	10 - 20 anos
Lazzaro (2)	56.218	∅	∅
Leonardo (2)	547.601	1990	20 - 30 anos
Leonilda (1)	23.020	1950	60 - 70 anos
Leopoldo (1)	7.740	1950	60 - 70 anos
Leticia (1)	435.628	2000	10 - 20 anos
Libera (1)	1.664	1940	70 - 80 anos
Lino (1)	10.698	1950	60 - 70 anos
Lodovico (2)	249	1950	60 - 70 anos
Lola (3)	448	1960	50 - 60 anos
Lorenzo (9)	8.447	2000	10 - 20 anos
Loreta (1)	515	1980	30 - 30 anos
Lucca (9)	6.475	2000	10 - 20 anos
Lucia (14)	287.917	1960	50 - 60 anos
Luciano (1)	337.492	1970	40 - 50 anos
Lucilia (1)	14.988	1960	50 - 60 anos
Lucio (2)	56.048	1970	40 - 50 anos
Luigi (100)	5.352	2000	10 - 20 anos
Luigia (23)	79	∅	∅
Luisa (1)	68.539	2000	10 - 20 anos
Maddalena (18)	52.797	1960	50 - 60 anos
Malvina (1)	8.638	1950	60 - 70 anos
Malvino (1)	463	1960	50 - 60 anos
Marcelino (2)	26.527	1960	50 - 60 anos
Marcella (1)	140.391	1980	30 - 40 anos
Marcelo (1)	693.215	1970	40 - 50 anos
Marco (24)	208.076	1970	40 - 50 anos
Marconne (1)	16.761	1980	30 - 40 anos

Margherita (4)	78	Ø	Ø
Maria (145)	11.734.129	1960	50 - 60 anos
Marianna (5)	383.387	2000	10 - 20 anos
Mariano (1)	20.571	1950	60 - 70 anos
Marietta (1)	12.839	1940	70 - 80 anos
Marina (4)	208.542	1990	20 - 30 anos
Marino (1)	9.489	1960	50 - 60 anos
Mario (5)	269.379	1960	50 - 60 anos
Marta (1)	214.961	1960	50 - 60 anos
Martino (1)	307	1950 e 1970	40 - 70 anos
Maryberta (3)	≤ 20	Ø	Ø
Massimiliano(4)	43	Ø	Ø
Massimo (1)	270	1960	50 - 60 anos
Matilde (3)	30.270	1950	60 - 70 anos
Matteo (3)	453	2000	10 - 20 anos
Maurizio (1)	341	1960	50 - 60 anos
Melania (2)	2.918	1960	50 - 60 anos
Michelangelo (1)	538	1980	30 - 40 anos
Michele (13)	202.003	1980	30 - 40 anos
Modesta (1)	971	1940	70 - 80 anos
Modesto (2)	3.237	1940	70 - 80 anos
Mozé (2)	20	Ø	Ø
Napoleone (1)	≤ 20	Ø	Ø
Narciso (4)	8.855	1950	60 - 70 anos
Natale (9)	1.060	2000	10 - 20 anos
Nazareno (4)	8.821	1970	40 - 50 anos
Nicodemo (1)	334	1950	60 - 70 anos
Nicola (16)	3.112	2000	10 - 20 anos
Noe (1)	10.298	1950	60 - 70 anos
Norella (1)	≤ 20	Ø	Ø
Norma (1)	46.688	1960	50 - 60 anos
Odoardo (1)	≤ 20	Ø	Ø
Ofelia (1)	3.645	1950	60 - 70 anos
Olga (2)	52.082	1940	70 - 80 anos
Olivia (4)	41.175	1940	70 - 80 anos
Onorato (2)	957	1940	70 - 80 anos
Orazio (2)	42	Ø	
Orfralice (2)	≤ 20	Ø	Ø
Ortensia (1)	75	Ø	Ø
Oscar (1)	37.767	1950	60 - 70 anos
Osvaldo (1)	147.308	1950	60 - 70 anos
Ottavia (2)	2.745	1980	30 - 40 anos
Ottaviano (1)	8.363	1940	70 - 80 anos
Ottavio (4)	100.541	2000	10 - 20 anos

Pacifico (1)	842	1940	70 - 80 anos
Palmira (4)	11.469	1930	90 - 100 anos
Paloma (5)	79.397	1990	20 - 30 anos
Pamelio (1)	≤ 20	Ø	Ø
Pantaleone (1)	≤ 20	Ø	Ø
Paola (6)	50.564	2000	10 - 20 anos
Paolina (1)	66	Ø	Ø
Paolo (14)	2.202	1980	30 - 40 anos
Pasqua (6)	43	Ø	Ø
Pasquale (6)	224	1930	90 - 100 anos
Pasqualina (1)	399	1940	70 - 80 anos
Petronilla (1)	1.508	1930	90 - 100 anos
Pierina (3)	1.798	1930	90 - 100 anos
Pietro (93)	22.409	2000	10 - 20 anos
Pilade (1)	22	Ø	Ø
Pio (1)	1.320	1950	60 - 70 anos
Policarpo (1)	686	1950	60 - 70 anos
Preziosa (1)	≤ 20	Ø	Ø
Prim (1)	≤ 20	Ø	Ø
Primo (3)	1.590	1930	90 - 100 anos
Prospero (1)	82	1950	60 - 70 anos
Raffaella (1)	275.017	1990	20 - 30 anos
Raffaele (5)	10.074	2000	10 - 20 anos
Raimondo (1)	86	1960	50 - 60 anos
Regina (15)	253.086	1960	50 - 60 anos
Reinaldo (1)	134.336	1970	40 - 50 anos
Riccardo (7)	469.703	1980	30 - 40 anos
Roberto (5)	437.288	1970	40 - 50 anos
Rocco (1)	234	1930	90 - 100 anos
Rodolfo (2)	56.316	1990	20 - 30 anos
Romano (1)	1.359	1950	60 - 70 anos
Romer (1)	258	1970	40 - 50 anos
Romeu (4)	19.016	1950	60 - 70 anos
Romolo (3)	1.218	1990	20 - 30 anos
Rosa (44)	307.184	1960	50 - 60 anos
Rosalia (1)	31.660	1960	50 - 60 anos
Rosalinda (1)	1.696	1950	60 - 70 anos
Rosaria (1)	13.707	1960	50 - 60 anos
Rosario (2)	4.688	1950	60 - 70 anos
Sabatino (1)	30	Ø	Ø
Salvatore (4)	372	1940	70 - 80 anos
Samuele (2)	88	2000	10 - 20 anos
Santa (7)	22.832	1950	60 - 70 anos
Santamaria (1)	≤ 20	Ø	Ø

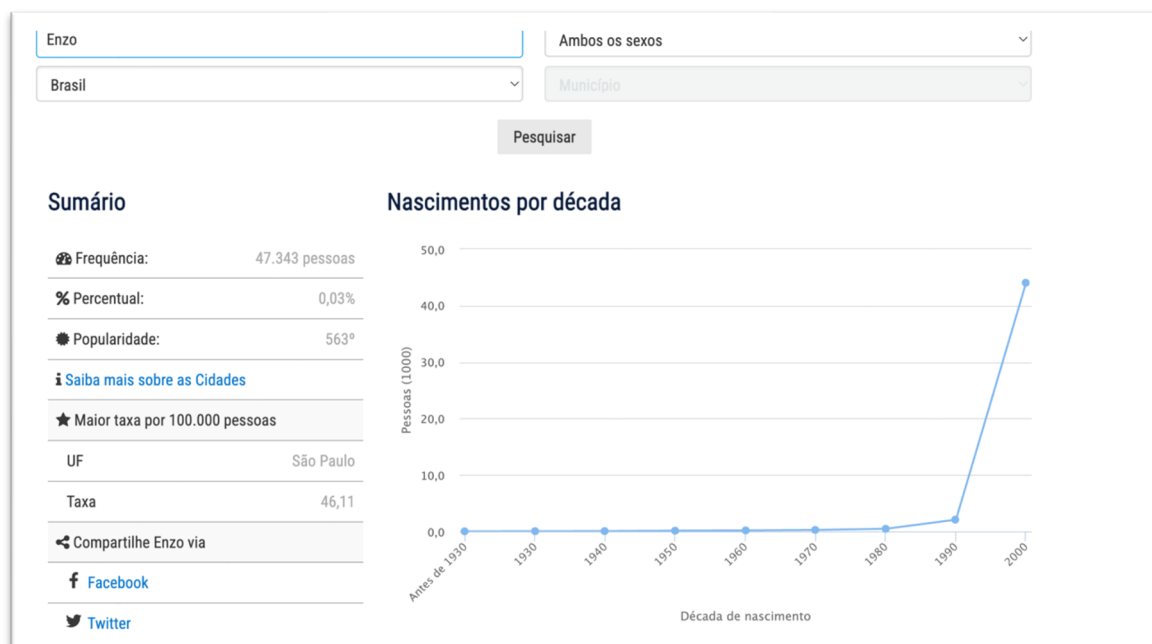
Sante (15)	47	Ø	Ø
Sarita (1)	3.460	1980	30 - 40 anos
Sebastiano (1)	254	1950 - 1960	50 - 70 anos
Selene (1)	1.986	1960	50 - 60 anos
Serene (1)	50	Ø	Ø
Silvano (2)	31.658	1970	40 - 50 anos
Silvestro (1)	42	Ø	Ø
Silvia (1)	204.496	1970	40 - 50 anos
Silvio (3)	141.010	1970	40 - 50 anos
Sirila (3)	246	1940	70 - 80 anos
Siro (1)	1.422	1980	30 - 40 anos
Sperandio (1)	≤ 20	Ø	Ø
Speranza (1)	≤ 20	Ø	Ø
Stefanna (2)	80	1990	20 - 30 anos
Stefano (4)	2.758	1990	20 - 30 anos
Stella (1)	6.065	2000	10 - 20 anos
Teodoro (1)	9.412	1940	70 - 80 anos
Terenzio (1)	≤ 20	Ø	Ø
Teresa (51)	83.248	1950	60 - 70 anos
Tersilla (3)	63	Ø	Ø
Tomaso (1)	27	Ø	Ø
Tranquilla (2)	81	1930	90 - 100 anos
Tranquillo (2)	442	1940	70 - 80 anos
Tullio (1)	24.537	1990	20 - 30 anos
Umberto (7)	8.364	1960	50 - 60 anos
Valentina (3)	14.318	2000	10 - 20 anos
Valentino (5)	1.262	1950	60 - 70 anos
Valeriano (1)	2.169	1940	70 - 80 anos
Venanzio (3)	≤ 20	Ø	Ø
Verissimo (1)	1.565	1950	60 - 70 anos
Vincenza (1)	59	Ø	Ø
Vincenzo (17)	520	2000	10 - 20 anos
Virgilio (3)	9.760	1950	60 - 70 anos
Virginia (13)	38.521	1980	30 - 40 anos
Virginio (4)	1.558	1940	70 - 80 anos
Vitale (1)	24	Ø	Ø
Vito (3)	2.920	2000	10 - 20 anos
Vittoria (11)	547	2000	10 - 20 anos
Vittorio (15)	281	2000	10 - 20 anos

Fonte: Museu da Imigração de São Paulo; APEES; IBGE.

Desses dados podemos dizer que por serem nomes presentes nas listas de imigrantes das fontes recolhidas todos apresentam potencial para serem analisados como sendo introduzidos na antroponímia brasileira via influência italiana. Contudo, alguns fatores precisam ser ponderados. Primeiro é possível identificar vários prenomes que já estavam em uso no Brasil antes do período de imigração, prenomes que Soledade (2024) registra em seu trabalho a partir de fontes diversas como registros paroquiais de nascimento (de brancos e negros – livres e cativos) e os dados da lista de 1.856 prenomes constantes do Levantamento Nominal dos Formados de 1812 a 2008 da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) – UFBA, em um recorte temporal que compreende os anos de 1812 a 1889. Esses nomes, embora constantes dos documentos analisados nessa dissertação devem ser enquadrados num conjunto de nomes compartilhados pelas duas tradições: a luso-judaico-cristã aqui introduzida pelos portugueses e a italiana que vigorava em território europeu e que foi aqui trazida por seus imigrantes. Apontamos como casos desse tipo nomes como: *Adolfo, Adriano, Alberto, Albino, Alfredo, Alice, Angela, Antonio, Benigno, Constantino, Demétrio, Emilio, Ernesto, Eurico, Geraldo, Lino, Maria, Mariana, Mariano, Osvaldo, Pacífico, Rosa, Rosália, Teodoro*.

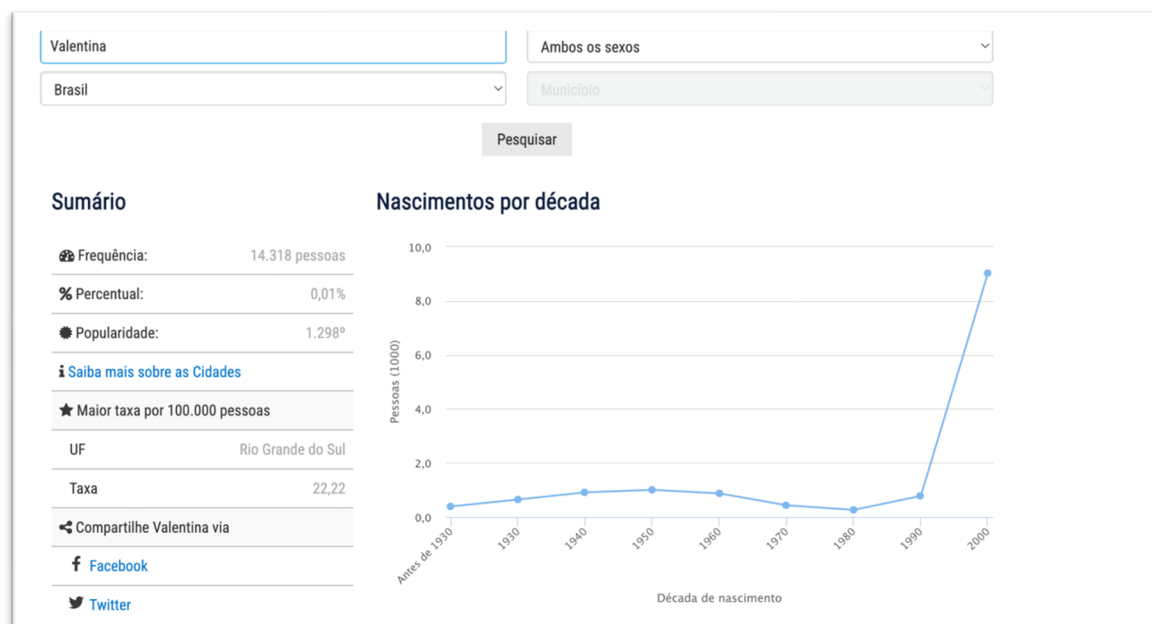
Segundo, é possível notar, ainda através da tabela, que alguns dos antropônimos italianos, ainda que tivessem registros desde antes de 1930, passaram a ser mais populares em território brasileiro entre o final do século XX e começo do XXI, são os nomes da geração de 10 a 20 anos de idade, tal qual *Stella* (6.065), onde a grafia italiana ganha espaço mesmo na presença de contrapartes “abrasileiradas” como *Estela*; *Pietro* (22.409) e os famigerados *Enzo* (47.343) e *Valentina* (14.318). Há motivos para pensar em uma reintrodução, ou resgate posterior, desses nomes porque, nesses casos, os gráficos demonstram estabilidade – em números baixos – até as décadas de 1990 e 2000, quando a linha começa a subir vertiginosamente. As figuras abaixo (15 e 16), demonstram, através dos dados da Plataforma Nomes no Brasil (IBGE, 2010), como esse fenômeno aconteceu com os antropônimos *Enzo* e *Valentina*, note como, em ambos os casos, os nomes possuíam uso consolidado em solo brasileiro, com números baixos e estáveis, mas que sobem de maneira considerável a partir da década de 1990.

Figura 15 – Enzo



Fonte: IBGE, 2010.

Figura 16 – Valentina



Fonte: IBGE, 2010.

Há também nomes extremamente populares mas que vão caindo em desuso ao longo das décadas, como Romeu (19.016), cujo pico de ocorrências data de 1950 ou Reinaldo (134.336 ocorrências), ambos prenomes são contemporaneamente considerados nomes “de velho”. A imagem abaixo apresenta o gráfico do prenome *Reinaldo*, é possível ver como a popularidade despenca a partir de 1970.

Figura 17 – Reinaldo



Fonte: IBGE, 2010.

A queda expressiva do gráfico de *Reinaldo* em direção aos anos iniciais do século XXI ilustra que a popularidade dos nomes de pessoa é cíclica, isto é, uma vez que os numerosos *Enzos* e *Valentinas* dos anos 2000 tenham vivido o suficiente para não serem mais considerados jovens, estes nomes passarão a ser associados com gerações mais antigas, de modo que passarão a figurar na categoria sógnico-social de nomes “de velho”, afinal, os antropônimos são alguns dos itens lexicais que mais encerram em si modismos e tendências culturais.

10. DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE NOMES ITALIANOS E BRASILEIROS

Muitos nomes italianos e brasileiros são similares devido à tradição judaico-cristã compartilhada por ambos os países. Segundo o G1 (13 jan. 2020)²⁷, cerca de 50% da nossa população é católica, ao passo que 31% dos brasileiros se declaram “evangélicos”, sendo, então, cristãos mais da metade do total dos moradores do Brasil. Já na Itália, a religião dominante é o catolicismo, com um percentual de 80%²⁸, de modo que, em ambos os países, nomes oriundos da bíblia aparecem muito. É o caso de Matteo (453 ocorrências no IBGE) e Matheus (350.344), antropônimos oriundos da mesma raiz etimológica e associados a um apóstolo. Os picos dos dois nomes (Matteo e Matheus) convergem em 2000 por razões diversas, possivelmente sendo uma delas o chamado “*boom* evangélico”, fenômeno que corresponde a um aumento estrondoso de pessoas que professam essa fé no Brasil; segundo o IBGE o número de brasileiros que se consideram evangélicos foi de 26,2 milhões (15,4% do contingente populacional) para 42,3 milhões (22,2%) apenas entre 2000 e 2010 (IPEA, 2023)²⁹, fato que parece ter tido impacto no uso de antropônimos associados ao cristianismo. Esse é um caso emblemático porque, para fins dessa pesquisa, embora sejam aparentados, os nomes serão considerados dois antropônimos distintos, uma vez que existem razões diversas – de ordem social e linguística – que orientam a escolha de *Matteo* em detrimento de *Matheus* e vice-versa, embora sejam parecidos e venham da mesma raiz etimológica, a escolha de um ou outro demonstra pelo menos uma coisa: a preferência por uma antroponímia prototipicamente em língua portuguesa ou estrangeira.

Entretanto, há casos em que os antropônimos não convergem, a exemplo de *Giovanni* (31.844) – variante italiana – e *João* (2.984.119) – variante portuguesa/brasileira –, nomes oriundos da mesma raiz hebraica, isto é, *yohanan* – ‘Deus é gracioso’ –, considerados distintos aqui, uma vez que ambos subsistem no português

²⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghml>. Acesso em: 10 fev. 2025.

²⁸ Disponível em: <https://veramente.com.br/conheca-mais-sobre-a-religiao-italiana/#:~:text=Ate%C3%ADsmo%20e%20agnosticismo,press%C3%A3o%20social%20e%20%C3%A0%20discrimina%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 10 fev. 2025.

²⁹ Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/14594-crescimento-dos-estabelecimentos-religiosos-no-pais-e-liderado-por-igrejas-pentecostais-e-neopentecostais>. Acesso em: 10 fev. 2025.

brasileiro e não possuem sequer semelhança fônica (como o caso anterior) para os falantes sincrônicos no contexto de Brasil. Há de se notar também que os brasileiros preferem variantes gráficas sem as letras geminadas do italiano, portanto: *Giovani* tem mais ocorrências no IBGE (31.844) que *Giovanni* (8.324), assim como *Vitorio* (11.804) tem mais ocorrências que *Vittorio* (281), *Ricardo* (469.703) tem mais que *Riccardo* (174) e *Rafaele* (10.074) tem mais que *Raffaele* (168).

Além disso, o português brasileiro possui uma tendência ao alçamento do /e/ não tônico em coda silábica:

- ‘menino’ pronunciado como [mi.‘ni.nu];
- ‘saudade’ pronunciado como [sɐw.‘da.dʒi].

Diferindo do italiano fundamentalmente nesse quesito, ocorreu no português do Brasil o fato de que *Giovane* (26.983) também é uma variante próspera, mesmo que signifique “jovem” em italiano – pronunciado [dʒi.‘ɔ.va.ne] –, idioma em que /i/ e /e/ constituem um par mínimo, ou seja, sua alternância resulta em diferença de sentido lexical de antropônimo (*Giovanni*) para adjetivo (*giovane*).

11. QUESTÕES DE GÊNERO NOS PRENOMES

Como dito anteriormente, em geral, os antropônimos são itens lexicais que apresentam intensão apenas parcialmente preenchida, contento apenas as características de ser um nome de pessoa e o gênero a que preferencialmente se destina, de modo que *Maria* é tido como um prenome prototipicamente feminino, ao passo que *João* é prototipicamente masculino. Há, entretanto, nomes em que a preferência de gênero não está clara ou definida – por isso dissemos antes que o gênero é preferencial, não categórico – como exemplos cabe citar os antropônimos *Ariel*, *Eli*, *Dominique*, entre outros.

Ocorre que, algumas vezes, na transposição de um idioma para o outro, a preferência de gênero pode ser alterada, muitos nomes que em italiano são prototipicamente masculinos, passaram a ser femininos no português brasileiro é o caso de *Michele* – pronunciado [mi.ˈkɛ.le] – prenome que, na tradição cristã italiana, denomina o arcanjo Miguel, mas que em português tende majoritariamente para o gênero feminino; o mesmo ocorre com *Raffaele*, nome masculino no italiano mas utilizado para nomear pessoas de gênero feminino no Brasil; e *Andrea*, prenome conhecido mundialmente por conta do tenor italiano Andrea Bocelli que também tem referência prototípica de gênero feminino em nosso país. Diante de todos esses dados, é possível, portanto, concluir que o conjunto de antropônimos trazido pelos imigrantes italianos possui diferenças em relação àquele que já estava em uso no Brasil – grafia, gênero preferencial etc. –, levando em consideração que até mesmo nomes originados de uma mesma raiz etimológica podem ser percebidos como distintos, devido ao fato de terem sofrido metaplasmos específicos em um e outro idioma, resultando em sequências fônicas não semelhantes – ou pelo menos não reconhecíveis como semelhantes – para os falantes sincrônicos de português brasileiro, como ocorre com *João* e *Giovanni*.

12. NOMES ITALIANOS EM USO E DESUSO NO BRASIL

Muitos antropônimos italianos, como os supracitados *Matteo* e *Giovanni*, permanecem em uso no português brasileiro, há ainda muitos outros bem populares como *Lorenzo*, *Pietro*, *Pietra* etc. De fato, entre os 1990 e 2000, parece ter havido um resgate da antroponímia italiana, gerando picos de popularidade, como a evidência anedótica de *Enzo/Valentina*, isto é, muito se fala, principalmente nas redes sociais, que esses são os nomes da nova geração, ambos antropônimos foram até mesmo alçados à categoria de estereótipos, sendo os *Enzos* e as *Valentinas* considerados melindrosos e mimados por muitos internautas nas redes sociais. De fato, em 2019, segundo o Portal de Transparência do Registro Civil, *Enzo* liderou a lista de nomes mais registrados para bebês, ao passo que *Valentina* figurou na 17ª posição no mesmo ano, então a piada encontra certo respaldo nos números.

De maneira geral, os nomes que parecem ter tido o uso mais atrofiado são aqueles cuja grafia não é muito semelhante à do português, sobretudo com o som /k/ no meio de palavras – grafado com o dígrafo “ch” em italiano –, caem nesse quesito: *Eustachio/Eustachia*, ambos com menos de 20 ocorrências no IBGE. Sobrevive, entretanto, *Chiara* (1.355), embora com menos prosperidade que a variante *Kiara* (4.812), mais próxima da escrita do português. Também atrofiaram *Vincenza* (59) e *Venanzio* (≤ 20), este último parece não ter resistido ao aportuguesamento, pois *Venancio* (6.207) é próspero, uma vez que os /z/ do italiano, geralmente se apresentam como /s/ no português – a exemplo de *mozzarella* e *muçarela*. Outro caso emblemático é o de *Margherita* (69) que passou pelo processo inverso ao de cristalização em uso antroponímico, isto é, tornou-se mais relevante no léxico comum, uma vez que a pizza nomeada em homenagem a rainha Margherita di Saboia (1851-1926) é uma das mais populares no mundo e o léxico associado a alimentos, de modo geral – mas não taxativo – **não** é considerado adequado para uso antroponímico, *Mel*, por exemplo, pode ser usado como antropônimo, mas *lasanha* não.

13. POSSÍVEIS TRAÇOS DE ITALIANIZAÇÃO

Via de regra, nomes da tradição do latim que foram herdados pelo português, através da evolução natural da língua se apresentam de algumas maneiras prototípicas devido aos metaplasmos que os formaram, ao longo do tempo, deixando-os com a “carinha” do português, mas alguns deles parecem ter tido versões reintroduzidos diretamente do italiano posteriormente, é o caso da oposição entre os formativos de margem esquerda *Ju-* (português) e *Gio-/Giu-* (italiano), como pode ser ilustrado pelos exemplos abaixo:

Tabela 7 – distribuição dos formativos *Ju-* e *Gio-/Giu-*

Variante herdada	Variante reintroduzida do Italiano
Juliana	Giuliana
Júlia	Giulia
Júlio	Giulio

Fonte: elaborado pela autora.

Há também muitos nomes prototipicamente italianos como *Giuseppe* (1.704), *Giacomo* (765), *Felipo* (366), *Lorenzo* (8.447), *Lucca* (6.475), *Pietro* (22.409), *Michelangelo* (538), *Guido* (6.964), *Isabella* (36.396) e *Giorgia* (878) cuja popularidade é considerável, e que pode ser até maior em dados posteriores a 2010, uma vez que muitos desses antropônimos apresentam pico no década de 2000.

13.1 A QUESTÃO DA PALATALIZAÇÃO

A palatalização é um fenômeno linguístico que pode ser definido como “o processo fonológico pelo qual consoantes adquirem articulação secundária palatal ou mudam seu ponto de articulação primário para a região palatal ou proximidades, geralmente sob influência de uma vogal anterior adjacente” (Kochetov, 2011), em resumo o que ocorre na palatalização é que um som consonantal passa a ser pronunciado em uma posição mais próxima do palato, isto é, a parte superior da boca. No caso do português brasileiro circunscrito ao Distrito Federal, um exemplo é o da palavra “tia”, onde a consoante oclusiva dental /t/ acaba sendo pronunciada como uma africada palato-alveolar

/tʃ/ em virtude da proximidade do /i/ que, por ser uma vogal alta, puxa o ponto de articulação para perto do palato, resultando na pronúncia de “tia” como [ˈtʃi.ɐ].

Em relação aos nomes italianos reintroduzidos no português, há presença do processo de palatalização, que, neste contexto, tem por objetivo uma efetiva pronúncia mais próxima da original estrangeira. Nomes como *Giuliana* e *Giulia* são pronunciados no português brasileiro como [ʒiu.li.ˈa.nɐ] e [ʒi.ˈu.li.ɐ], mas, em italiano, a articulação desses antropônimos seria mais próxima de [dʒiu.li.ˈa.nɐ] e [dʒi.ˈu.li.ɐ], isto é, com uma africada pós-alveolar, cuja articulação é mais próxima do palato. Para garantir que essa articulação palatalizada aconteça, alguns falantes optam por grafias alternativas, tais como *Diuliana* (344 ocorrências), *Diulia* (1.356 ocorrências) e *Diácomo* (54 ocorrências) – de *Giácomo*. É importante notar, entretanto, que há predominância de ocorrência das variantes gráficas palatalizadas nas regiões sul, centro-oeste e sudeste do Brasil onde a palatalização de /t/ e /d/ antes de /i/ se apresenta como regra dialetal – “tia” e “dia” como [ˈtʃi.ɐ] e [ˈdʒi.ɐ] –, em oposição ao nordeste, território do país em que predomina a pronúncia dental de /t/ e /d/ – “tia” e “dia” como [ˈti.ɐ] e [ˈdi.ɐ].

Isto posto, fica patente que não houve uma italianização da antroponímia brasileira, mas sim uma influência, pois a italianização efetiva constituiria uma conjuntura em que os prenomes italianos – ou que buscam imitar sua pronúncia/grafia – seriam predominantes (mais numerosos do que os atrelados à tradição do português) fato que não ocorreu, portanto, o contato com o léxico antroponímico prototipicamente italiano se constitui como uma influência forte e consolidada; uma vez que esses prenomes figuram no conjunto de antropônimos utilizado no Brasil hoje e possuem certo grau de popularidade.

14. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A composição do léxico de qualquer idioma é diversa e constante, a língua é um organismo vivo que se adapta e absorve novos itens lexicais conforme a necessidade de seus falantes. O léxico antroponímico se comporta da mesma maneira, incorporando, além dos nomes tradicionais, os neologismos antroponímicos e os nomes estrangeiros que adentram o universo linguístico das comunidades de fala, seja por imposição (colonização, neoimperialismo etc.) seja por modismos ou trocas culturais.

Dentro do contexto de formação do Brasil, é importante considerar todas as diferentes culturas e povos que deram origem à nossa sociedade tal como ela se apresenta hoje, nas palavras de Fiorin (2009, p. 115): “A identidade nacional é construída, dialogicamente, a partir de uma autodescrição da cultura”. É dessa perspectiva que parte a necessidade de entender o impacto do elemento italiano na constituição do léxico antroponímico brasileiro, uma vez que o histórico de imigração e aculturação é fato constituidor do português brasileiro como parte imanente das múltiplas ideias de brasilidade dos diversos integrantes dessa comunidade social e de fala. Língua e falante são indissociáveis, essa é uma relação dialógica que faz parte da constituição do eu, não apenas nacional – o eu enquanto brasileiro nato ou naturalizado – mas também da própria percepção de si como humano e pertencente a uma cultura, isto é, não há língua sem falante e não há falante social e culturalmente localizado sem língua.

Sendo a cultura brasileira construída através de mistura, é importante ponderar cada contribuição como um ingrediente e mensurar, na medida do possível, o seu impacto. Desse modo, entender as implicações da língua e dos nomes que os imigrantes italianos trouxeram para o caldeirão cultural brasileiro é de importância basilar, afinal “a identidade nacional é um discurso e, por isso, ela, como qualquer outro discurso, é constituída dialogicamente” (Bakhtin, 1970). A antroponímia é um lócus privilegiado para esse tipo de observação porque “o nome próprio, de pessoa ou de lugar, registra e perpetua crenças, valores, procedências de grupos sociais e, por extensão, da sociedade em diferentes momentos de sua história [...]” (Amaral et al, 2020, p. 10).

De modo geral, a Grande Imigração do fim do século XIX e início do XX é um vultuoso evento constitutivo da cultura e da língua brasileiras. Nesse aspecto, a penetração da antroponímia italiana no Brasil consiste em uma influência forte, uma vez que, segundo o IBGE, “é possível dizer que ‘o’ imigrante, por excelência, tomou, em

nosso País, a imagem simbólica do italiano” (2007, p. 161), o que implica dizer que os italianos deixaram marcas profundas na cultura do Brasil e essas influências atingem vários âmbitos da vida quotidiana dos brasileiros contemporâneos, incluindo, mas não se resumindo a, antroponímia. De fato, os antropônimos de origem italiana possuem muita popularidade em território nacional, cidadãos de todas as regiões do país exibem, de maneira orgulhosa, sobrenomes como *Celulari*, *Ferrari*, *Bianchi*, entre outros, e basta checar os números na plataforma Nomes no Brasil (IBGE, 2010) para comprovar o espraio dos prenomes italianos no país: *Enzo* apresenta 47.343 ocorrências e *Lorenzo* aparece 8.447 vezes, isso só até primeira década do presente século, e essa popularidade pode ser até maior, considerando que os dados apontam para um pico de uso de nomes tradicionalmente italianos na primeira década dos anos 2000, sendo as informações de 2010 as últimas a que temos acesso através do IBGE, fica claro que pode haver um índice de popularidade ainda maior nos anos posteriores.

Português e italiano, embora aparentadas, são línguas distintas, o que frequentemente ocasiona diferenças de grafia e pronúncia, daí os casos em que caem as consoantes geminadas, nada comuns em português, o que gera situações como a diferença significativa de ocorrências entre Vittorio (281 pessoas) – grafia preferida no italiano – e Vitorio (11.804 pessoas) – grafia preferida no português brasileiro. Além disso, há também no português uma tendência ao alçamento vocálico do /e/ não tônico, passando a /i/, em coda silábica, fato que não ocorre no italiano, onde a alternância de /i/ e /e/ causa distinção lexical, gerando fenômenos como o observado nos prenomes *Giovani* e *Giovane*, sendo, este último um antropônimo no Brasil – dado o alçamento vocálico – e um adjetivo em italiano – que significa “jovem”. Questões de pronúncia também podem ocasionar neologismos, como ocorre com *Diuliana* e *Diácomo*, variantes gráficas dos prenomes tradicionais italianos *Giuliana* e *Giácomo*, dentre tantos outros fenômenos aqui observados.

A antroponímia italiana gerou impactos durante o período de Grande Imigração (entre 1880 e 1920) mas também se apresenta como uma influência forte na contemporaneidade, como ilustra a evidência anedótica de *Enzo* e *Valentina* serem alçados à condição de arquétipos sociais, nas bases definidas por Carl Gustav Jung, isto é, “O arquétipo para Jung é a parte herdada da psique, que se manifesta como padrões imagéticos do inconsciente coletivo. Pode ser entendido como o correspondente do inconsciente coletivo aos complexos do inconsciente individual, como imagens atratoras

de significado” (Rafaelli, 2002, p. 24), ou seja, assim como há o herói, o velho sábio e o cuidador, há o melindroso, que, no Brasil, recebe as etiquetas antroponímicas de *Enzo* e *Valentina*, essa é uma perspectiva estereotipada que não se pretende reforçar nesse trabalho, mas que de fato, infelizmente, existe.

O antropônimo tem um mérito vital nas línguas e nas comunidades do *Homo Sapiens*, nas palavras de Ullmann “os nomes desempenham nas relações humanas um papel tão importante que são frequentemente dotados de poderes mágicos e rodeados de complicadas superstições e tabus” (1964, p. 149). De modo geral, os antropônimos não apenas revelam ideais, crenças e história dos indivíduos – e da sociedade na qual eles se inserem –, mas se constituem como um direito de todo ser humano e, exatamente por isso, o nome de pessoa é um universal linguístico, estando, portanto, presente em todas as línguas, o que torna os antropônimos um objeto de estudo de suma importância e total relevância para o maior entendimento da linguagem humana, das conexões que ela estabelece com a arquitetura da cognição de nossa espécie, e ,no caso dos antropônimos italianos no Brasil, da própria constituição de uma nação e de uma língua tão heterogêneas e genuinamente brasileiras.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Blucher, 2020.

BATTISTI, Elisa; HERMANS, Ben. PALATALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NAS LÍNGUAS DO MUNDO: MOTIVAÇÃO ESTRUTURAL, SELEÇÃO DE GATILHOS E ALVOS. **Lingüística**, Montevideo , v. 32, n. 1, p. 61-75, jun. 2016. Disponível em: <[http:// www.scielo.edu.uy/ scielo.php? script= sci_arttext&pid = S2079-312X2016000100005&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2016000100005&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 07 abr. 2025. <https://doi.org/10.5935/2079-312X.20160004>.

BERTONHA, João Fábio. O Brasil, os imigrantes italianos e a política externa fascista, 1922-1943. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 40, n. 2, p. 106-130, jul. 1997.

BOULOS JUNIOR, Alfredo. **História: sociedade e cidadania**, volume único. São Paulo: FTD, 2011.

BRASIL. Lei Nº 514, de 28 de outubro de 1848. Fixa a Despeza e Orçando a Receita para o exercício de 1849-1850. Brasília: Portal do Senado Federal, 1848. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/541944>. Acesso: 15 fev. 2023

BRASIL. Lei Nº 601, de 18 de setembro de 1850. Lei de terras. Brasília: Planalto, 1850. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/10601-1850.htm. Acesso: 17 fev. 2023

CAIXETA, Elenice Maria. Abordagem historiográfica da história da Península Ibérica Medieval e da influência cultural árabe no Brasil. **Revista (Entre Parênteses)**, v. 2, n. 8, 2019. ISSN 2238-4502.

CARVALHINHOS, Patrícia. Aplicações da teoria dos signos na Onomástica. **Língua e Literatura**, n. 27, p. 301-311, 2001.

CARVALHINHOS, Patrícia; ANTUNES, Alessandra M. Princípios teóricos de toponímia e antroponímia: a questão do nome próprio. **Cadernos do CNLF** [Sol: s.n.], 2007.

CARVALHINHOS, P. de J. As origens dos nomes de pessoas. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 1, n. 1, 2011. DOI: 10.14393/DL1-v1n1a2007-9. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11401>. Acesso em: 23 ago. 2021.

COPI, Irving M. **Introdução à Lógica**. Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

DICK, M. V. de P. do A. Origens históricas da toponímia brasileira: os nomes transplantados. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 24, p. 75-96, 1982. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i24p75-96. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69706>. Acesso em: 23 maio. 2023.

DICK, M. V. de P. do A. Memória Paulistana: os Antropônimos Quinhentista na Vila de São Paulo do Campo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 33, p. 112-127, 1992. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i33p112-127. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70477>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ESPÍRITO SANTO, Arquivo público do Estado. Projeto Imigrantes, passaportes do reino de Itália, 2015. Disponível em: <https://imigrantes.es.gov.br/>. Acesso em: jan. 2023.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analyzing Discourse**. New York: Routledge, 2003.

_____. Discurso e Mudança Social. Brasília: UnB, 2010

FARIA, D. L.; RODRIGUES, C. Linguagem, natureza humana e cognição: Wittgenstein e o problema mente-corpo. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 49-57, dez. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212011000100005. Acesso em: 16 mar. 2024.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FIORIN, José Luiz. **A construção da identidade nacional brasileira**. Bakhtiniana - Revista de Estudos do Discurso, v. 1, n. 1, p. 115-126, 2009 [tradução]. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3002/1933>. Acesso em: 17 abr. 2025.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal. 48. ed. São Paulo: Global, 2003. (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil; 1).

GIRALDIN, O. Nomes, Tradição Oral e Identidade: os nomes pessoais entre os Apinajé. **Revista Mosaico** - Revista de História, Goiânia, Brasil, v. 4, n. 2, p. 223–234, 2012. DOI: 10.18224/mos.v4i2.2384. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/2384>. Acesso em: 24 maio. 2024.

IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Centro de Documentação e Disseminação de Informações. - Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

JUNG, C.G. (1975) *Memórias, sonhos, reflexões* Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

KLJAJEVIC, Vanja; ERRAMUZPE, Asier. Proper name retrieval and structural integrity of cerebral cortex in midlife: A cross-sectional study. **Brain and cognition**, v. 120, p. 26-33, 2018.

LACERDA, João Baptista de. Sobre os mestiços no Brasil. In: *Premier Congrès Universel des Races*: 26-29 juillet 1911. Paris: Devouge. 1911.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Confluência, 1984.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Germanismos e arabismos no período formativo da língua portuguesa**. Disponível em: <http://www.prohpor.ufba.br/germanismos.html>. Acesso: 06 out. 2023.

MELO, Gladstone Chaves de. **Ensaio de estilística da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa: nomes próprios**. Tomo II. Livraria Francisco Alves. Rio de Janeiro, 1952.

PALMA, Rogério; TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **Renomear para recomeçar: lógicas onomásticas no pós-abolição**. XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Lindóia – SP, 2012.

PEDIDOS DE BRASILEIROS POR CIDADANIA ITALIANA SOBRECAREGAM SISTEMA. **Correio Brasiliense**, Brasília, 15 fev. 2024. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2024/02/6803120-pedidos-de-brasileiros-por-cidadania-italiana-sobrecaregam-sistema.html>. Acesso em: 23 ago. 2023.

PIEL, Joseph-Maria. A antroponímia germânica na Península Ibérica. In: **Estudos de linguística histórica galego-portuguesa**. Lisboa: IN-CM, 1989 [1960], p.129-147.

RAFFAELLI, Rafael. **Imagem e self em Plotino e Jung: confluências**. Estudos de Psicologia (Campinas) [online]. 2002, v. 19, n. 1.

SÃO PAULO, Museu da imigração. Lista de bordo do Vapor Sempione, 1897. Disponível em: https://acervodigital.museudaimigracao.org.br/passageiros.php?pesq=1&navio=Sempione&periodo_ano=1897&periodo_ano2=&dt_ano=&dt_mes=&dt_dia=&Pesquisar=Pesquisar. Acesso: 14 fev. 2023.

SANTOS, Ricardo Augusto dos. 'Branqueamento' do Brasil. Hist. cienc. saude-Manguinhos. São Paulo: Casa de Oswaldo Cruz, 2008. Vol. 15(1):221-224. DOI:

10.1590/S0104-59702008000100014. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/TFmsTd4qyTYDJPFg3Jcc6GB/>. Acesso em 12 mai.
2025.

SANTOS, Prefeitura de. **Maior porta de entrada de imigrantes do País, Santos tem diversidade de nações, 2019.** Disponível em:
<https://www.santos.sp.gov.br/?q=noticia/maior-porta-de-entrada-de-imigrantes-do-pais-santos-tem-diversidade-de-nacoes>. Acesso: 27 jan. 2025.

SEIDE, M. S.; FRAI, P. H. Antroponímia comparada: um estudo sobre os nomes inovadores na antroponímia da Espanha e do Brasil. **Afluentes: Revista de Letras e Linguística**, São Luís, v. 4, n. 12, p. 64–86, 2019. Disponível em:
<http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluentes/article/view/11443>. Acesso em: 17 jul. 2023.

SEIDE, Márcia Sipavicius. A Antroponomástica Comparada. **Onomástica desde América Latina**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 83–102, 2020. Disp. em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/onomastica/article/view/25488>. Acesso em: 29 set. 2023.

SEIDE, Márcia Sipavicius. Usos de antropônimos como elementos coesivos. **Fórum Linguístico**, v. 5, n. 2, p. 23–35, 2008. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2008v5n2p23/11029>. Acesso em: 29 set. 2023.

SEIDE, Márcia Sipavicius. Toponomástica e Antroponomástica: paradigmas e métodos. **Revista Confluência**, n. 44, 2013, p. 165 - 184. Disponível em:
<https://confluencia.emnuvens.com.br/rc/article/view/610/375>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SOLEDADE, Juliana, SIMÕES NETO, Natival Almeida. **Nomes Próprios: Abordagens Linguísticas**. Salvador: EDUFBA, 2021.

SOLEDADE, Juliana. *A hipótese da prevalência de construções biformativas em processos concatenativos e não concatenativos na formação de antropônimos neológicos no Brasil*. Salvador, 2017. Trabalho apresentado no IV Colóquio brasileiro de morfologia.

SOLEDADE, J. Origens e estruturação do léxico antroponímico. **Macabéa** – Revista eletrônica do Netlli | V.8., N.2., JUL-DEZ. 2019, p. 411-452.

SOLEDADE, Juliana. **Os brasileiros e seus nomes: Aspectos teóricos e sócio-históricos da antroponímia no Brasil** (2024).

SOUZA, Diêgo de. O papel da morfologia na inovação antroponímica no Brasil: um olhar sobre o formativo -landia. 2023. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

TADDONE, Daniel. Referências ao nome do pai em registros italianos (civis ou paroquiais). Taddone, 2020. Disponível em: <https://www.taddone.it/referencias-ao-nome-do-pai-em-registros-italianos-civis-ou-paroquiais/>. Acesso: 20 set. 2023

TEIXEIRA, Raquel. As línguas indígenas no Brasil. In: GRUPIONI, Luís Donizete Benzi & SILVA, Aracy Lopes da (Org.). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995. p. 291-311

ULLMANN, S. **Semântica. Uma introdução à ciência do significado**. Trad. Mateus, J. A. Osorio. 2ª ed. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, 1967.

VAN LANGENDONK, Willy. **Theory and Typology of Proper Names**. Berlin/ New York, Mouton de Gruyter, 2007

VIARO, Mário Eduardo. **Por trás das palavras: manual de etimologia do português**. São Paulo: Globo Livros, 2003.

WELLS, Peter S. "Who, Where, and What Were the Celts?" *American Journal of Archeology*, 1998: 814-816.

WITTGESTEIN, L. (1996). **Investigações filosóficas**. 2ª Ed. (Montagnoli, M.G. Trad.). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1953).

WROBLEWSKI, Erik. **Noções básicas e primeiros passos: “os celtas”**. Revista Vernáculo, n. 17 e 18, 2006. p. 138 - 158.